



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Sociais
Instituto de Estudos Sociais e Políticos

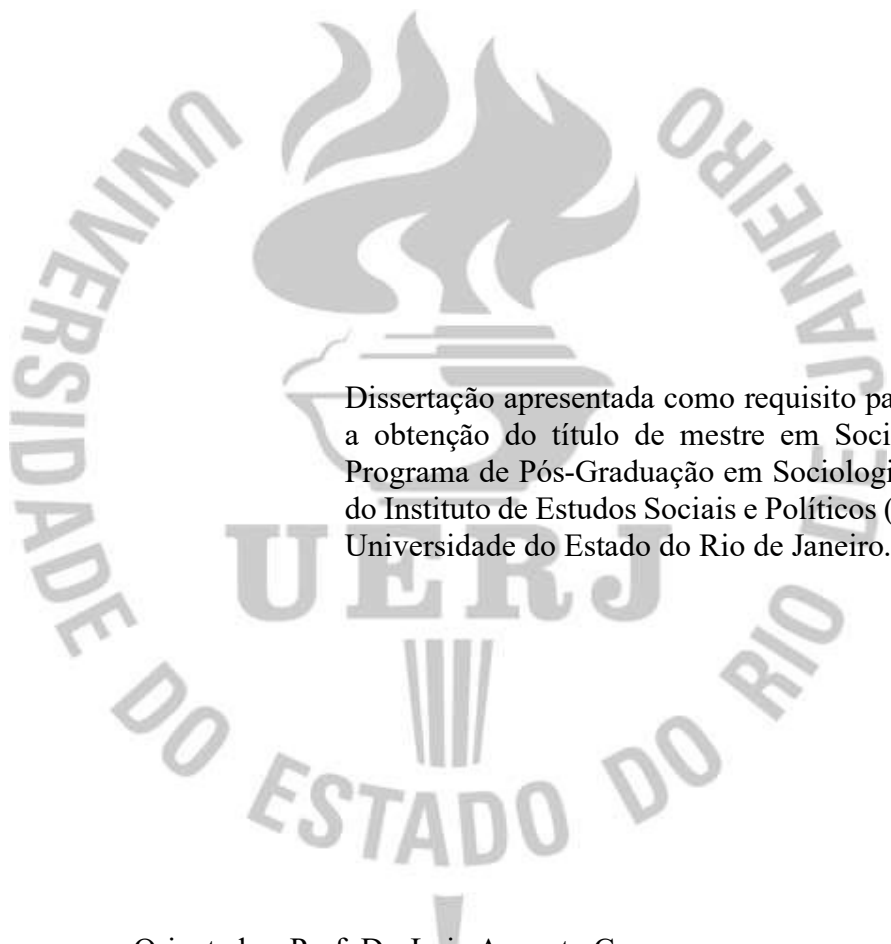
Wesley Luiz de Azevedo Dias

Açúcar amargo:
as tendências desagregadoras da agricultura açucareira em *Contrapunteo*
Cubano del Tabaco y el Azúcar* e em *Casa Grande & Senzala

Rio de Janeiro
2018

Wesley Luiz de Azevedo Dias

**Açúcar amargo:
as tendências desagregadoras da agricultura açucareira em *Contrapunteo Cubano del
Tabaco y el Azúcar* e em *Casa Grande & Senzala***



Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Sociologia ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Augusto Campos

Rio de Janeiro

2018

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/D – IESP

D541 Dias, Wesley Luiz de Azevedo.
Açúcar amargo: as tendências desagregadoras da agricultura açucareira em Contrapunteo Cubano del Tabaco y el Azucar e em Casa Grande & Senzala / Wesley Luiz de Azevedo Dias. – 2018.
91 f.

Orientador: Luiz Augusto de Souza Carneiro de Campos.
Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Estudos Sociais e Políticos.

1. Sociologia política - Teses. 2. Ortíz, Fernando, 1881-1969 - Crítica e interpretação - Teses. 3. Freyre, Gilberto, 1900-1987 - Crítica e interpretação - Teses. I. Campos, Luiz Augusto de Souza Carneiro de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Estudos Sociais e Políticos. III. Título.

CDU 316:32

Albert Vaz CRB-7 / 6033 - Bibliotecário responsável pela elaboração da ficha catalográfica.

Autorizo para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Wesley Luiz de Azevedo Dias

Açúcar amargo:
as tendências desagregadoras da agricultura açucareira em *Contrapunteo Cubano del Tabaco y el Azúcar* e em *Casa Grande e Senzala*

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Sociologia ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Instituto de Estudos Sociais e Políticos, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 23 de fevereiro de 2018.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Luiz Augusto de Souza Carneiro de Campos
Instituto de Estudos Sociais e Políticos – UERJ

Prof. Dr. Christian Edward Cyril Lynch
Instituto de Estudos Sociais e Políticos – UERJ

Prof. Dr. Matheus Gato de Jesus
Universidade de São Paulo

Rio de Janeiro

2018

DEDICATÓRIA

A Elazir Ribas Dias,
in memoriam, cujo amor sempre foi minha força.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de dedicar a presente seção aos quais de alguma maneira colaboraram e viabilizaram o trabalho presente na atual dissertação.

Agradeço primeiramente aos meus pais, Maria Helena e Jorge Luiz, sem os quais não poderia trilhar esse caminho. Seu amor e dedicação foram sem dúvida os principais responsáveis por minha caminhada constante rumo ao conhecimento. Também foram de extrema importância todos os membros de minha família, cujo suporte e constante incentivo sempre me revigoraram. Em especial, gostaria de agradecer aos meus tios José Augusto e Juliete, que me mostraram o sentido de incondicionalidade acolhendo-me como um de seus filhos.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa de fomento à pesquisa, que possibilitou a minha dedicação exclusiva à elaboração desta dissertação.

Ao meu orientador Luiz Augusto Campos, cujo talento e inspiração foram vitais para meu aperfeiçoamento como pesquisador e ser humano. Sem sua preocupação e ensinamentos esse trabalho jamais teria sido possível. Tenho certeza de que sempre será um de meus maiores exemplos de comprometimento e rigor científico. Tenho a imensa felicidade de considerá-lo mestre e amigo.

Agradeço de modo muito carinhoso à minha orientadora de graduação, Andréa Vieira Lopes. Sua habilidade como socióloga me ajudou a descortinar minha vocação e a vislumbrar uma vida dedicada ao compromisso com o ensino. Será sempre uma das minhas principais referências.

Gostaria de agradecer aos amigos do Laboratório de Teoria Política e Pensamento Político Brasileiro (Beemote) com quem tanto aprendi. Sendo assim, não poderia esquecer do Prof. Dr. Christian Lynch com seu brilhantismo profissional e sua amabilidade pessoal.

Também agradeço ao Prof. Dr. Matheus Gato de Jesus e ao mesmo Prof. Dr. Christian Lynch pela disponibilidade e interesse em compor a banca de avaliação do presente trabalho. Sou grato, acima de tudo, por compartilharem comigo este momento tão esperado e importante.

Ao falar do IESP, Instituição a qual goza de meu eterno respeito e carinho, tenho de fazer menção aos seus funcionários e professores. Sem vocês essa referência do conhecimento não existiria. Estendo meus agradecimentos a todos os colegas e colegas de turma, assim como a todos os outros que, como eu, foram acolhidos por essa maravilhosa casa.

No que compete aos amigos, gostaria de agradecê-los do fundo do coração. Saibam que meu amor por vocês não conhece fronteiras e que qualquer frase não poderia sintetizar esse sentimento adequadamente. De modo especial, gostaria de agradecer às leituras atentas de Paula, Bruna, Giovana, Kaio, Marília e Niury.

Por último, mas não menos importante, três anjos da guarda me mantiveram no caminho, não permitindo que eu esmorecesse em nenhum momento da caminhada. Mateus, Gabriel e Hélio, vocês foram em vários momentos meus faróis em águas tormentas. Acho que nunca poderei fazê-los entender o quão foram importantes para que eu atingisse esse objetivo. Frente a essa impossibilidade só posso deixar o meu muito obrigado.

RESUMO

DIAS, W. L. A. Açúcar amargo: as tendências desagregadoras da agricultura açucareira em *Contrapunteo Cubano del Tabaco y el Azucar* e em *Casa Grande & Senzala*. Orientador: Luiz Augusto de Souza Carneiro de Campos. 2018. 91f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Realizaremos uma análise do pensamento social e político de Gilberto Freyre e Fernando Ortiz, de modo a buscar semelhanças e contrastes nas maneiras com as quais lidaram com a agricultura açucareira. Sendo assim, o objetivo é entender até que ponto *Contrapunteo Cubano del Tabaco y el Azucar* e *Casa Grande & Senzala*, estudos de mesma natureza programática, foram construídos no sentido de uma crítica aos atributos desagregadores da monocultura da cana-de-açúcar. Tentaremos dar conta dessas tendências a partir de três eixos que buscarão compreender os precedentes históricos e conceituais para essa análise, a construção estrutural dos universos do açúcar e os resultados de suas influências em cada autor.

Palavras-chave: açúcar; desagregação; Fernando Ortiz; Gilberto Freyre; pensamento social e político brasileiro.

ABSTRACT

DIAS, W. L. A. Bitter sugar: the disaggregating tendencies of sugar cane agriculture in *Contrapunteo Cubano del Tabaco y elAzucar* and in *Casa Grande & Senzala*. Orientador: Luiz Augusto de Souza Carneiro de Campos. 2018. 91f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

We will analyze the social and political thinking of Gilberto Freyre and Fernando Ortiz, in order to seek similarities and contrasts in the ways in which they deal with sugar farming. Thus, the objective is to understand the extent to which *Contrapunteo Cubano del Tabaco y El Azucar* and *Casa Grande & Senzala*, studies of the same programmatic nature, were constructed in the sense of a critique of the disaggregating attributes of sugarcane monoculture. We will attempt comprehend these tendencies from three axes that will seek to clarify the historical and conceptual precedents for this analysis, the structural construction of the sugar universes and the results of their influences in each author.

Keywords: sugar; disaggregation; Fernando Ortiz; Gilberto Freyre; brazilian. social and political thought

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	10
1	TRANSCULTURAÇÃO E PLASTICIDADE: AS DISTINTAS VOCAÇÕES HIBRIDIZANTES DA COLONIZAÇÃO IBÉRICA.....	18
1.1	Introdução.....	18
1.2	Portugal e Espanha: Gêmeos bivitelinos.....	19
1.3	Transculturação e Plasticidade: Soluções da “dureza” e da “moleza”.....	22
1.4	A Transculturação: ênfase do tabaco e desprezo do açúcar.....	27
1.5	A interpenetração e o tríplice contato: universo da cana-de-açúcar.....	33
1.6	Considerações finais.....	38
2	BINÔMIOS NACIONAIS: O MUNDO DOS ENCONTROS NA ESTRUTURA AÇÚCAREIRA CUBANA E BRASILEIRA.....	40
2.1	Introdução.....	40
2.2	Construção de Binômios: os encontros culturais específicos de Cuba e Brasil..	41
2.3	O contraponto entre o Açúcar e o Tabaco: Duas formações de nação.....	43
2.4	A casa grande e a senzala: Brasil, reino do açúcar.....	50
2.5	O paralelismo cubano e o reino do açúcar: dois princípios de formação nacional.....	56
3	CONFLITO, DESAGREGAÇÃO E AGREGAÇÃO: OS RESULTADOS DA INFLUÊNCIA DO AÇÚCAR.....	61
3.1	Introdução.....	61
3.2	Hacendados e Vegueros: DoñaAzúcar e Don Tabaco.....	64
3.3	A potência do Senhorio: os todo poderosos do Brasil colonial.....	68
3.4	A Família Brasileira: convívio, sexo e opressão no engenho.....	71
3.5	Estrangeirismo: o flagelo do açúcar cubano.....	75
3.6	Sínteses conflitantes: as proposições de Freyre e Ortiz para uma solução harmonizante.....	79
	CONSIDERAÇÕES FINAIS:AÇÚCAR PARA QUÊ E PARA QUEM?.....	82
	REFERÊNCIAS.....	88

INTRODUÇÃO

Os contextos nacionais latino-americanos tornaram-se objeto de análise peculiar. Isso quer dizer que algumas obras introduziram narrativas sobre suas realidades específicas que representaram as preocupações mais significantes nas jovens sociedades americanas. A formação social desses países somada ao olhar de seus intérpretes criaram análises que construíram um padrão de agenda típico à essa região. Apesar de munidos por referenciais teóricos estrangeiros, diversos desses intelectuais desenvolveram chaves de análise interligadas com as características de suas nações.

É nesse sentido que as obras de Gilberto Freyre e Fernando Ortiz coadunam-se como representantes de um pensamento que valoriza atributos nacionais herdados pela colonização ibérica de Brasil e Cuba. Sendo assim, seus estudos rumaram em direção a uma constante reflexão calcada na antropologia americana¹ e na preocupação constante com a valoração positiva dos atributos de suas pátrias. No entanto, ambos autores apresentaram certas discontinuidades em seu pensamento. Esse conteúdo programático não se apresentou de modo constante ao longo de sua produção acadêmica. Como, por exemplo, a guinada racialista inicial de Ortiz e sua posterior vinculação ao combate de discursos de inferiorização dos grupos coloniais subalternos. Ou os primeiros trabalhos de Gilberto Freyre, que ainda ressoavam as influências de uma certa desqualificação dos grupos dominados (OLIVEIRA, 2012).

Para entendermos a compreensão que esses autores tiveram da valorização de suas realidades nacionais, temos de adentrar brevemente nos contextos sobre os quais ambos dedicaram suas reflexões. Seus objetos foram dois países da América Latina perpassados por questões étnicas e culturais que tinham na sua colonização ibérica sua primeira raiz compartilhada. Apesar disso, esse grau de proximidade entre suas origens se afasta na medida em que se caminha em direção aos meandros de seus principais livros, *Contrapunteo Cubano del Tabaco y elAzucar* e *Casa Grande & Senzala*. Nesse sentido, nossa análise será conduzida pela seguinte pergunta: quais os elementos que mitigaram as tendências socialmente desagregadoras que Ortiz e Freyre identificavam na combinação entre o cultivo de açúcar e o trabalho escravo, presentes tanto na colonização de Cuba quanto na do Brasil? Ou seja, como lidaram com as influências desse tipo de lavoura?

No caso de Gilberto Freyre, seu país fora uma colônia portuguesa descoberta em 1500, durante uma expedição com destino às Índias. Seu trabalho acabou se desenvolvendo a partir de um forte sentido de resgate das tradições oriundas do colonizador. Uma delas, compartilhada

¹ Apontamento feito primeiramente pelo trabalho de Emerson Divino Ribeiro de Oliveira de 2012

com muitos autores que ambicionaram compreender a colonização lusitanademonstrava o tamanho do desafio sobre o qual Portugal se deparou ao conquistar seu império colonial americano. A escassez humana da pequena nação europeia foi remediada por alguns elementos específicos que transformaram o empreendimento português em um sucesso. Entre os fatores que servem de pano de fundo para o desencadear colonial Freyreano, destaca-se a insuficiência de mulheres brancas, o caráter plástico português e a construção de uma organização semi-feudal (FREYRE, 1987)

Por sua vez, Cuba foi dominada pelos espanhóis, que a conquistaram em 1512. Ortiz destaca como antecedentes dessa formação um controle exacerbado da Coroa Espanhola, sobretudo após o descobrimento dos potenciais econômicos da ilha. Para além do controle preponderante da metrópole, a colônia conviveu com o paralelismo de dois cultivos. Tanto o Tabaco quanto o Açúcar foram commodities bastante valorizadas em seu período colonial e independente (ORTIZ, 1978). Outro fator determinante no desenvolvimento histórico local foi sua difícil luta pela independência, que só foi alcançada no final do século XIX graças à intervenção dos Estados Unidos. A avassaladora influência estadunidense viria a ser um dos elementos fundamentais na construção de tensões desagregadoras no país.

Embora dar conta do traçado biográfico dos autores não seja o intuito dessa introdução, uma retrospectiva breve de seus passos até a publicação de *Casa Grande & Senzala*, assim como de *Contrapunteo Cubano delAzucar y el Tabaco*, é essencial para a compreensão do restante do trabalho. Ambos compartilham de uma trajetória de flerte com teorias estrangeiras, mas muitas particularidades marcam suas vidas. Nesse momento, um retorno às trajetórias dos dois autores até a confecção de seus principais livros se faz necessária

Filho de Alfredo Freyre e Francisca de Mello Freyre, ambos integrantes de antigas e tradicionais famílias brasileiras, Gilberto Freyre mantém contato desde muito cedo com as possibilidades educacionais de um membro de família abastada. Nascido em 15 de Março de 1900, em Recife, Freyre cresce com as expectativas educacionais de seu pai, professor e homem de letras respeitado do período. No entanto, como chama atenção pela pesquisa de Pallares-Burke acerca do “amor” freyreano pela Inglaterra, o jovem não demonstrava aptidões aparentes para o mundo acadêmico, tendo fortes dificuldades com a leitura e escrita (PALLARES-BURKE, 1997). Sua avó materna falece com a impressão de que o neto sofria de severos problemas de apreensão de conteúdo, como o mesmo relata em *Pessoas, coisas & Animais*.

Tudo muda com a chegada de seu preceptor inglês e anglicano, Mr. Williams. Por motivos que tornaram-se um mistério para seu pai, o filho aprende a ler, escrever e contar, criando um forte sentimento de gratidão de Alfredo em relação ao professor anglófilo. Na

verdade, o êxito dessa tutela de Mr. Williams acaba atingindo níveis tão altos, que culminam na perene vinculação do autor e de suas obras a um espírito inglês que logo se traduziria em aberta paixão por um estilo de escrita mais livre. Sendo assim, tanto o pai, quanto Mr. Williams, convertem-se nas mais influentes figuras no primeiro ciclo de educação de Gilberto Freyre. (PALLARES-BURKE, 1997, p. 15)

A segunda influência anglófila sofrida por Freyre, ou melhor, sua segunda recepção desse plano estilístico de produção ficaria a cargo de Walter Pater, cujos trabalhos converteram-se em constante objeto de estudo e lazer para o autor de *Casa Grande & Senzala*. Seu trabalho acabou se tornando em um grande norte para Freyre, que, em termos estéticos e filosóficos, constituíram duas correntes que ficariam marcadas como características tipicamente suas. A preocupação ensaística e o papel da casa na compreensão da cultura brasileira seriam traços marcantes ao longo de sua carreira (PALLARES-BURKE, 1997, p. 24). Com Walter Pater, o autor pernambucano encontrou tanto a linguagem quanto o cenário de fundo, perfeitos para a sua proposta narrativa do Brasil.

Essa retrospectiva em relação à linearidade de contatos anglo-saxônicos na vida de Gilberto Freyre nos permite compreender as raízes de seu perfil estilístico, mas não esgota as interseções que as suas obras possuem com outros paradigmas ou influências. Em primeiro lugar, o ensaísmo não extenua seu padrão de escrita, pois, como chamado atenção por Araújo em *Guerra e Paz*, o modernismo e sua estética apresentam um forte grau de influência no trabalho do autor (ARAÚJO, 1994, p. 20-21). A resposta à influência sobre a preponderância da “casa” nos é dada pelo próprio Freyre, ao citar Oswald Spengler e sua concepção de habitação “imbuída de valor histórico-social superior ao de raça”. Esse mesmo valor que já havia sido destacado anteriormente por Gustav Von Schmoller (FREYRE, 1988, p. 16).

As influências do mundo anglófilo nos auxiliam em dois eixos que são cruciais em *Casa Grande & Senzala*. Fomos buscar nessa matriz de pensamento um *moto* essencial para nosso objeto de análise, pois de toda vasta produção textual do autor, essa obra é a que mais representa as preocupações sobre a interpenetração cultural e o estilo em prosa, tão incomum nos estudos históricos da época. Além disso, essa interpenetração cultural e a narrativa, supostamente, anti-cientificista são características compartilhadas com o *Contrapunteo Cubano Del Azúcar y Del Tabaco* de Fernando Ortiz.

Para além dessa matriz, claramente, baseada em sua formação próxima ao mundo anglo-saxônico, sendo inclusive alfabetizado em inglês simultaneamente à sua alfabetização em português, Gilberto Freyre convive com o próprio campo de estudos sobre raça no país. As tendências conferidas em grande parte do século XIX e início do XX ao conceito de Raça,

constituíam um variado emaranhado de teorias, correntes e autores que variavam desde as mais diversas posições. Seu trabalho, dessa forma, construiu um novo sentido nas análises sobre os temas da nacionalidade e o papel do negro na sociedade brasileira.

Fernando Ortiz Fernández, por sua vez, nasceu em Havana em 16 de Junho de 1881, portanto 19 anos mais velho que o autor brasileiro. Filho de um comerciante espanhol e mãe cubana, a primeira fase de sua vida foi passada em Minorca. Nessa cidade, o jovem Ortiz entra em contato com as mais diversas influências espanholas, no entanto, acaba desenvolvendo seu sentido de patriotismo muito mais vinculado à nação latino-americana do que ao país de origem do pai. Sua preocupação com os rumos da ilha caribenha se apresentaria como uma frequente tônica programática em suas preocupações. Mesmo em textos marcadamente vinculados à sua fase mais biologista, como *Los Negros Brujos* de 1906, a preocupação com os rumos de Cuba podia ser observada.

As preocupações com a nação em sua obra, assim como na de Gilberto Freyre, vieram antes das preocupações com a integração. Em 1895, acaba ingressando na Universidade de Havana, onde cursa direito, e posteriormente, em 1901, obtém seu título de doutor na Espanha. Nesse período, Ortiz sente e conhece as influências de Manuel Sales y Ferré, que segundo Julio Riverend, reforçou seu anti-historicismo oriundo das obras de Auguste Comte (ORTIZ, 1978). Ao mesmo tempo, tem contato com a Escola Positiva de Direito Penal, encabeçada por César Lombroso e Enrique Ferri. Com tais encontros teóricos, o cubano subsidiaria a análise elaborada em *Los Negros Brujos* (1906).

Sua transição veio na esteira da crescente insatisfação com a influência dos Estados Unidos nos rumos políticos e sociais de Cuba. Dessa fobia em relação ao intervencionismo estrangeiro, nasce sua preocupação com a constituição de uma identidade genuína. Seus interesses passaram a se alinhar com uma vinculação estreita com a esquerda. Isso indica sua tendência crescente à crítica ao capitalismo internacional materializado no país através da influência estadunidense. Junto à esse deslocamento político, Fernando Ortiz passou de uma etapa inicial em sua produção vinculada às concepções inspiradas nas categorias da criminalística e da criminologia para uma fase em que há uma forte preocupação com o tema da “mestiçagem entre culturas” (ORTIZ, 1978).

Segundo Riverend, na fase materializada em *Contrapunteo Cubano del Tabaco y elAzucar*, o autor já incorporou a valorização do componente histórico, deixado de lado pelo fascínio com o positivismo. A partir dessa obra, além da postura integradora e recíproca do contato cultural, suas análises constroem um forte esforço historiográfico, tentando articular suas ideias com os precedentes de seus países. É justamente nessa obra que Fernando Ortiz

manifestou sua maturidade como intelectual, conjugando as qualidades de criativo literato e competente cientista (ORTIZ, 1978).

Um elemento de importante relevância para que entendamos o impulso da análise presente nessa dissertação tem relação com a publicação dos trabalhos de um competente historiador brasileiro. Seus estudos marcam o único e maior referencial na interface entre os trabalhos de Fernando Ortiz e Gilberto Freyre. Em 2012, no programa de pós-graduação em história da Universidade Federal de Goiás, Emerson Divino Ribeiro de Oliveira defende a tese que inauguraria um novo tópico comparativo de autores latino-americanos. Apesar de mencionada anteriormente por várias figuras², a proximidade entre os dois autores só ganha uma maior preocupação sistemática através de sua pesquisa. A característica determinante de seu empreendimento é o enfoque nas trajetórias intelectuais de Freyre e Ortiz, assim como suas relações com a intelectualidade e os intelectuais de sua época. Sua hipótese passa pela ideia de que ambos influenciaram-se mutuamente e utilizaram os conceitos de transculturação e plasticidade como elementos centrais em suas análises. Desse modo, sua pesquisa adota uma forte perspectiva aproximativa.

Para tal intento, o autor utilizou-se de uma abordagem polivalente que buscava dar conta do pensamento identitário, das trajetórias intelectuais, do contexto histórico, assim como das semelhanças, influências mútuas e suas concepções de pensamento histórico. Seu enfoque se deu na ordem de compreensão da identidade e seu objetivo foi entender como Freyre e Ortiz se inseriram nesse debate. À todo tempo sua comparação caminha passo a passo com a o delinear de uma trajetória que destacou as similitudes entre os dois. Ambos os caminhos constituíram-se, para Oliveira, em direção ao combate de certas distorções geradas pelos racialistas e biologists. A sua preocupação com fatores que, em sua maioria, tem relação com a história é apontada em suas conclusões. Nelas, ele ressalta a necessidade de outros debates sobre esferas nas quais não pôde se estender. (OLIVEIRA, 2012).

Anteriormente ao trabalho defendido em sua tese, Oliveira se dedicou à identificação da relação existente entre a obra de Fernando Ortiz e o contexto cubano do século XX, período onde a maior parte de suas obras foi publicada. Nesse momento, sua preocupação era focada, sobretudo, na inserção positiva do negro no encontro cultural cubano. Além disso, Oliveira dimensiona a transição sofrida pelo trabalho ao longo de sua realização, ou seja, a passagem ortiziana de um paradigma criminalístico para um voltado à integração entre os grupos componentes da formação do país (OLIVEIRA, 2003).

² Tais quais o da historiadora Elide Rugai Bastos em suas análises sobre a obra de Gilberto Freyre e o campo latino-americano.

É com o auxílio das pesquisas de Oliveira e a sua contribuição para o campo que nossa análise caminha em direção ao entendimento da relação entre os dois principais estudos sobre a integração nos corpus dos dois autores. Nesse sentido, é necessário dar o próximo passo em direção a uma maior compreensão dos elementos textuais existentes justamente no momento em que as preocupações programáticas de ambos apresentaram o ápice na aproximação.

Essa apresentação do conteúdo canônico sobre o tema nos deixa a primeira indagação em relação à análise dos dois textos em particular. Em outras palavras, por que deveríamos limitar o objeto da recente análise a uma comparação tão restrita? A resposta para essa questão seria o paralelo no pensamento de cada um dos intelectuais. Ambos os textos representam o momento em que as duas agendas estão direcionadas à solução de uma mesma questão que seria a integração em “sociedades duplas ou pluriculturais”. Para além disso, a falta de uma análise focada especificamente na interface entre o pensamento social e político dos dois transforma essa exploração em uma empreitada de extrema relevância. A compreensão desses textos específicos também nos ajuda à fugir dos problemas gerados pelas variações típicas da trajetória do pensamento dos autores em análises mais gerais e com maior escopo.

Para além disso, temos, em primeiro lugar, uma dimensão propriamente acadêmica. Essa encontra sua justificativa na ausência de estudos análogos e suficientes sobre o tema da desagregação. Assim como abordado anteriormente, Emerson Divino de Oliveira empreendeu uma análise baseada nas trajetórias acadêmicas e pessoais, posicionando ambos os autores no campo intelectual latino americano da época (OLIVEIRA, 2012). Isso acabou gerando uma deficiência em sua abordagem dos textos propriamente ditos, pois, na medida em que pareamos os dois estudos, podemos perceber que há uma complexidade mais elevada em seus desenvolvimentos. Essa diferenciação tem relação com um marcante vínculo com as contingências relacionadas aos cultivos agrários presentes em cada país. Os mesmos geraram certos aspectos não compartilhados em sua luta social que podem ser observados através de tais obras. Cuba viu, em maior medida, suas fronteiras invadidas pelo avassalador jugo estrangeiro, enquanto o Brasil acabou convivendo mais com a plenitude autoritária de seu senhorio. Essas consequências têm grande parte de sua origem na formação fundiária desses países

.Em segundo lugar, temos a justificativa propriamente sociopolítica, que tem relação com o fato de que as duas obras são fundamentais para a fundação de concepções de nação em duas ex-colônias europeias. Elementos como sua composição racial, seu histórico colonial, seus ciclos econômicos e seus costumes geraram preocupações divergentes nas obras de Fernando Ortiz e Gilberto Freyre em relação ao açúcar e a monocultura. Devido ao seu pioneirismo, *Contrapunteo Cubano del Tabaco y elAzucar* e *Casa Grande e Senzala* apresentam-se como os

mais importantes tratados sobre transições coloniais em direção à fundação de uma ideia de nação adequada ao momento político de seus respectivos territórios

O principal elemento com potencial de unir os dois trabalhos e fornecer um parâmetro de comparação minimamente consistente parece ser a influência do cultivo açucareiro. No Brasil, houve o unísono da cana-de-açúcar que acabou acompanhando a exploração das relações fundiárias presentes no engenho. Em Cuba, a existência de uma segunda agricultura, representada pelo tabaco, redirecionou a análise de Ortiz para uma chave de condenação das influências exógenas deletérias do Açúcar. Para compreender como essa passagem se deu, necessitamos primeiramente de um entendimento sobre os pressupostos elaborados nas duas obras, pois eles podem indicar o sentido que conferiram ao encontro cultural. Desse modo, analisaremos os primeiros antecedentes históricos e conceituais presentes nos dois livros. A necessidade de um resgate da herança colonial será tão importante quanto a exploração da abordagem feita sobre a agricultura do açúcar e do tabaco através dos conceitos que lidam com ideia de influência recíproca entre culturas. As maneiras com as quais “interpenetração” e “transculturação” lidam com o universo agrário da cana-de-açúcar modulam a primeira distinção interpretativa nos dois autores. Assim, tentaremos dar conta de como tais autores lidaram com esse cultivo já nos momentos iniciais de sua elaboração teórica. Também abordaremos a visão de plasticidade e transculturação como elementos de viabilização de uma integração.

Esse eixo atenderá à necessidade de um resgate das heranças de cada país na visão dos dois autores e a abordagem das implicações teóricas da influência do açúcar, marcando os tratamentos históricos e conceituais que seus escritos deram a esse tipo de lavoura. O primeiro terá um caráter teórico, cuja dimensão abarcará a exploração do mundo açucareiro a partir das ideias de “transculturação” e “interpenetração”. Para isso, teremos de fazer um retorno à analogia feita por Emerson Divino Ribeiro de Oliveira entre “transculturação” e “plasticidade”. Essa tarefa torna-se de extrema importância devido às possibilidades que tais conceitos conferem dentro de uma dinâmica de desagregação gerada pela agricultura açucareira. Tanto Gilberto Freyre quanto Fernando Ortiz tiveram de lidar com a inexistência de ideias adaptadas aos seus contextos e dessa forma acabaram propondo suas análises sobre integração.

A concepção de binômios foi um dos elementos mais marcantes na elaboração das duas obras. Dessa forma, a segunda etapa do trabalho atenderá às necessidades de uma apresentação estrutural e morfológica da problemática desenvolvida em *Contrapunteo Cubano del Tabaco y elAzucar* e *Casa Grande & Senzala*. Esse eixo comparativo atende a uma das dimensões paralelas entre as apresentações das duas obras. Os produtos agrícolas cubanos e os edifícios do

engenho funcionaram como representações de um dueto econômico e de um encontro entre grupos culturais, respectivamente. Nesse momento, as reflexões presentes nos textos acabam se reposicionando de modo a adequar-se às particularidades diversas nos contextos cubano e brasileiro. Certos contrastes que apresentavam-se com maior sutileza no primeiro capítulo começam a assumir contornos maiores. O uníssono açucareiro brasileiro, acompanhado da unidade indissociável entre casa grande e senzala, e o paralelismo contrastante cubano, formado pela agricultura simultânea do Tabaco e do Açúcar, dão os moldes da integração em cada obra, adicionando elementos de desagregação ou agregação.

No último capítulo analisaremos as tensões específicas geradas pelo cultivo da cana-de-açúcar em cada país. O foco recairá sobre esses conflitos, pois estes representam os resultados gerados pelas influências desagregadoras do cultivo açucareiro. Nesse momento, serão percebidas as conclusões sobre as ambiguidades das integrações nacionais que propuseram. Outro dos elementos que fica mais perceptível nesse momento será o agravamento das separações entre os dois trabalhos, pois na medida em que adentraram nos meandros das características particulares de Cuba e Brasil, acabaram gerando diferentes modos de concluir a síntese necessária às suas proposições integrativas. Ou seja, diferentes mecanismos de apaziguamento foram utilizados de acordo com a posição do Açúcar em cada sociedade.

Para dar conta desses eixos partiremos da hipótese de que o uníssono açucareiro brasileiro, por meio do total domínio desse modelo de cultivo na economia do país, e o paralelismo entre os fenômenos do cultivo de Açúcar e Tabaco em Cuba agiram como os catalisadores para diferentes soluções que, ao termo, levaram à integração social nos dois países. Esperamos, então, que até o fim dessa dissertação fique claro como as tendências desagregadoras do cultivo de cana-de-açúcar agiram de modos diversos em cada nação e como esses conteúdos foram traduzidos nessas duas obras.

1. TRANSCULTURAÇÃO E PLASTICIDADE: AS DISTINTAS VOCAÇÕES HIBRIDIZANTES DA COLONIZAÇÃO IBÉRICA.

1.1 Introdução

Como primeiro eixo de nossa análise, apresentamos uma preocupação com componentes que atendem a um caráter histórico e teórico. Por terem sido dois dos principais intelectuais de suas épocas, Gilberto Freyre e Fernando Ortiz apresentaram ambições especulativas que se destacaram nos cenários periféricos sobre os quais seus estudos tratavam. Nesse sentido, ambos construíram categorias auxiliares cujo objetivo central era ajudar na mobilização das narrativas em *Contrapunteo Cubano del Tabaco y elAzucar* e *Casa Grande & Senzala*. Os relatos presentes nas duas obras acabaram ganhando uma forte autenticidade graças aos contextos ibéricos sobre os quais foram formados e os conceitos embutidos em suas visões das respectivas sociedades.

Sobre suas heranças coloniais, ambos os países contaram com a existência de perspectivas específicas de nação. As relações entre Portugal e Espanha assim como de outros países irmãos atendem a certas regras de aproximação e distanciamento. No entanto, no que tange às obras estudadas a maior diferenciação parece girar em torno da rigidez da Coroa de Espanha e a plasticidade integradorado Português. Apesar de ambos existirem convivendo com uma mesma formação histórica e influências culturais, certas distinções impuseram-se quanto às suas empreitadas no Novo Mundo. Como duas matrizes culturais diversas, ou mesmo opostas, contribuíram para gerar duas nações híbridas nos trópicos e como os conceitos relacionados à mistura lidam com a lavoura de cana-de-açúcar? Este capítulo visa responder a estas indagações.

Além disso, as terminologias acabaram por agir como os principais fios condutores da abordagem dos encontros culturais elementares nas duas nações latino-americanas. Isso quer dizer que cada um dos autores tratou de suas realidades nacionais a partir da concepção de uma ideia específica sobre a integração nacional. Essa visão enxergava a influência mútua entre matrizes diferentes como um dos fenômenos mais acentuados e típicos do processo de formação nacional em Cuba e no Brasil. No entanto, essa proximidade foi perpassada por diferentes graus de determinação e natureza de seus iberismos.

Em Fernando Ortiz, a ideia de “transculturação” é claramente definida. O autor preenche o conceito exaustivamente com conteúdos que acredita estarem contidos em sua concepção de reciprocidade no encontro. Por outro lado, Gilberto Freyre administra um aporte teórico autonomista bem menos sistematizado que o de seu análogo cubano. Mesmo assim, a

concepção de uma noção de “interpenetração” marca firmemente seu espaço dentro do tipo de análise construída em seu livro de 1933. Com isso, será avaliada a maneira como esses dois conceitos lidam com o universo do açúcar. O caráter plástico do colonizador português e a rigidez da coroa espanhola não será esquecida.

Faremos um resgate dessas heranças colonizadoras, tentando dar conta das particularidades de cada uma. Dessa forma, a utilização dos precedentes introduzidos nas obras dos autores tratados será de extrema importância para construirmos tal raciocínio. Esse resgate poderá facilitar nossa elaboração quanto aos princípios conceituais que acabaram norteando as conclusões sobre as tendências desagregadoras do açúcar. Também será realizada uma descrição sobre a avaliação de Emerson Divino Ribeiro de Oliveira sobre o tema e o protagonismo que conferiu aos conceitos de “transculturação” e “plasticidade” em seu trabalho. Embora não discordemos que esses dois conceitos são as chaves que viabilizam a integração cultural nos dois países, acreditamos que eles possuem diferenças importantes, pouco destacada por Oliveira.

A partir de então, partiremos para análise dos dois conceitos de síntese, interpenetração e transculturação. O objetivo, nesse caso, será compreender como essas ideias lidaram com a agricultura açucareira nos dois diferentes contextos. A análise da importância da “transculturação” para os fenômenos culturais e sociais em Cuba, assim como o mérito da “interpenetração” para o tríptico contato formador da sociedade brasileira será dividida em duas seções separadas. Dessa forma, buscaremos entender como conceitos que abarcam uma ideia de mistura chocaram-se com o monocultivo. . Isso quer dizer que para além do emparelhamento, a exploração observará o que há de mais particular aos dois textos em relação à maneira com a qual se relacionaram com as suas indústrias do Açúcar.

1.2 Portugal e Espanha: Gêmeos bivitelinos

Admitindo na obra de Sergio Buarque de Holanda certas heranças do pensamento colonial freyreano (FELDMAN, 2016), podemos utilizá-la como baliza para nossa exploração da relação entre as colonizações espanhola e portuguesa. Tal aproximação será possível através do resgate operado por Luiz Feldman em relação à sua primeira edição. Apesar de próximas cultural e politicamente, as duas potências ibéricas gozam de diferenciações que acabaram implicando em particularidades nas suas respectivas colônias americanas. Sendo assim, cenários específicos no Novo Mundo são desenhados a partir de estímulos diferenciados. Esses

estímulos, por sua vez, também têm uma relação estreita com os potenciais identificados em cada uma dessas colônias. Em relação à essa diferenciação, o cultivo monocultor da lavoura açucareira constituiu o paralelo mais constante entre as duas colônias sobre as quais os textos analisados no presente trabalho focaram.

As diferenças nos métodos de colonização de Portugal e Espanha puderam ser observadas tanto na obra de Gilberto Freyre quanto na de Fernando Ortiz. O primeiro demonstra a diferenciação portuguesa em relação à rigidez mais exacerbada de seu vizinho (FREYRE, 1987). O segundo destaca, de maneira sistemática, as influências intrusivas da coroa espanhola no cotidiano colonial (ORTIZ, 1978). A firmeza inflexível catalã e a maleabilidade adaptativa lusitana foram justamente características que operaram como sentidos importantes para compreender o colonizador em *Contrapunteo Cubano del Tabaco y elAzucar e Casa Grande & Senzala*.

A dicotomia entre o “aventureiro” e o “trabalhador”, que acompanharia segundo Hollanda todas as sociedades humanas avançadas, atinge o português no momento em que a ética da aventura e a ética do trabalho envolvem-se num movimento sincronizado de negação. Cada uma dessas lógicas morais encontra o imoral na outra e, em Portugal, o espírito da ousadia prevaleceu sobre o do labor. Esse tipo de construção conceitual aponta a influência da sociologia weberiana nesse texto, mas também implica na formação de um ideal nacional que tem na intrepidez de sua empreitada um dos principais motores da colonização. Apesar de tipos ideais, esses atributos representam formas predominantes e ,de certo modo, características salientes de determinado objeto. (HOLANDA, 1936, p. 21).

Em relação à matriz cultural brasileira, o português transformou-se em um povo tão plástico e flexível que quando comparado com o perfil do espanhol, permite uma distinção quanto a rigidez no intercambio cultural dentro da própria península ibérica. Sendo assim, a plasticidade, particularíssima ao português demonstra sua falta de orgulho racial e antipatia . Com isso, o sangue lusitano é considerado tal qual na obra de Gilberto Freyre. Um mestiço em plena Europa, um destruidor de barreiras de cor, um integrador para além de qualquer padrão europeu médio e introdutor da amabilidade mais agregadora possível. A construção sob a tensão e os antagonismos do engenho é penetrada pela afabilidade.

Isso demonstra a transigência tanto do colonizador, quanto da própria estrutura do engenho. Dessa forma, esses elementos são deslocados para o centro do processo de formação do nosso amorfismo, caos e desordem, tão característicos da nação nos escritos da primeira edição de *Raizes do Brasil*. Essa falta de vértebra causada pela condescendência do colonizador transformou a recém formada sociedade em um arremedo de ordenamento. O português além

de sua predisposição frouxa, não resistiu, e cedeu às condições impostas pelo ambiente que tentava povoar. Já mole, dobrou-se mais ainda e, ao invés de lutar, adaptou-se às suas novas condições. No entanto, é nessa sua inclinação que o português encontra o êxito não atribuído aos holandeses e demais europeus do norte na colonização dos trópicos. (HOLLANDA, 1936, p. 37-38).

Foi justamente através de sua capacidade para uma “vida de rede”, favorecida pelo mundo constituído através da monocultura açucareira, que o senhorio colonial adquiriu as possibilidades conferidas pela existência de uma vida alagada de preocupações sexuais. O movimento agregador brasileiro teve na vida sexual um dos elementos de viabilização da integração no país. Essa colonização foi aos olhos da perspectiva freyreana, fruto das possibilidades advindas da colonização aristocrática. O motor colonizador lusitano estava repousado sobre a iniciativa do ascendente poder dos senhores no território (FREYRE, 1987).

Esse caráter de Portugal se contrapõe, inclusive, ao poder exercido pelo estado espanhol, que submetia os seus domínios a um ordenamento firme e coeso. Esse tipo de diferença na organização pode ser visto através da diferença estrutural entre a cidade espanhola e a portuguesa. O Espanhol não se curva à topografia, não permite o sinuoso, não abre margem para fuga do método e tem uma legislação com limites à ação urbanizadora. Enquanto que, o lusitano concebe uma urbe que confunde sua silhueta com a própria linha da paisagem. (HOLLANDA, 1936, p. 62-63). Esse caráter controlador da metrópole espanhola coincide bastante com a visão ortiziana sobre a influência da Coroa em Cuba. O colonizador catalão, além de controlar com uma centralidade não testemunhada pelo Brasil, incentivou diretamente o cultivo da lavoura de Açúcar em seu território, inibindo a agricultura paralela do Tabaco (ORTIZ, 1978).

A desvalorização do intuito imperial de Portugal em Hollanda é um dos elementos que contrariam a exaltação dos atributos portugueses em Gilberto Freyre. Se para o primeiro, a empresa colonial era demasiado frouxa, para o segundo, essa flexibilidade é justamente um dos combustíveis da confraternização. Apesar do desleixo inicial, o descobrimento de ouro na província da Minas Gerais culmina no franco processo de interiorização da população, seja pela via da imigração externa ou interna. Com isso, uma nova agenda é colocada à frente do Português. Seu empreendimento colonizador acaba necessitando de uma intensificação nas medidas de controle. O dominador lusitano teve de abandonar, parcialmente, a comodidade litorânea e sua predileção pelo vínculo marítimo. Mas aqui, foi a lei da oportunidade, e não a do estado, que acabou levando à um avanço mais significativo na marcha para o centro do território americano e o consequente abandono do descanso da costa.

No entanto, esse processo de aumento no controle da Coroa Portuguesa não é contemplado pelo trabalho de Gilberto Freyre. Sua reflexão demonstra-se muito mais interessada na dimensão da construção plástica da sociedade brasileira e nas prerrogativas e uma colonização baseada na ocupação aristocrática advinda do Açúcar e do Negro (FREYRE, 1987). Incapaz de explicar os índices de miscigenação existentes em Cuba a partir do caráter plástico do colonizador, Fernando Ortiz imputou o estímulo dessa integração à influência da dinâmica imposta pelo Açúcar. No entanto, o tema não gozou de atenção extensa ao longo de sua obra. Sua análise da viabilidade de um encontro agregador parece ter residido muito mais em relação às prerrogativas geradas pelo conceito de “transculturação” (ORTIZ, 1978). A partir dessa ideia, todo tipo de encontro tenderia a promover uma colaboração entre as culturas envolvidas na formação nacional.

O que pode ser considerado como uma característica imprescindível dessa relação bivitelina entre Portugal e Espanha é o caráter mais rígido imposto a Cuba e o caráter despojadamente aristocrático da colonização brasileira. Nesse caso, ambas as dimensões são circunscritas pelos determinismos desagregadores do mundo do Açúcar. A inexistência de um colonizador plástico na ilha caribenha foi determinante para constituição de suas reflexões sobre as influências do mundo do açúcar.

Tal cultivo tendeu à introdução de mazelas que serão abordadas ao longo das demais seções do presente trabalho, criando hábitos ou políticas que estimularam as tensões e os conflitos. Em todo caso, a separação entre *Contrapunteo Cubano del Tabaco y elAzucar* e *Casa Grande & Senzala* se tornará mais profunda na medida em que entendemos as reflexões sobre dois mundos coloniais distintos. Desse modo, após esse resgate dos precedentes coloniais dessas duas nações e suas implicações sobre a formação nacional de Cuba e Brasil, partiremos para exploração de como os conceitos propostos por esses autores lidaram de modos específicos com a agricultura da cana-de-açúcar.

1.3 Transculturação e Plasticidade: Soluções da “dureza” e da “moleza”

É necessário que façamos um retorno à conexão tratada no trabalho de Emerson Divino de Oliveira. Como nos referimos anteriormente, sua tese marcou o início de um campo de estudo cuja principal distinção é a extensa sistematicidade de sua análise da relação entre os dois autores latino-americanos. Sendo assim, é necessário que discorramos sobre os adventos conceituais de cultura que Oliveira elege como elementos mediadores entre Fernando Ortiz e Gilberto Freyre. Apesar do enfoque de sua obra repousar sobre a conexão estabelecida entre os

dois pensadores, ou melhor, sobre como suas ideias criaram um universo de influências mútuas, seu trabalho acaba enfatizando as semelhanças entre os conceitos de transculturação e de plasticidade. Esse vínculo entre os dois termos é baseado na centralidade que ambos apresentam nas suas principais obras. Sendo assim, ambos fogem do engessamento biológico e da exclusão do negro de suas respectivas sociedades (OLIVEIRA, 2012, p. 29).

O vocábulo Transculturação apresentado pela primeira vez em *Contrapunteo Cubano del Tabaco y delAzucar* e o termo plasticidade, tão presente nas descrições feitas sobre o português em *Casa Grande e Senzala*, constituem os dois elementos basilares da configuração híbrida da cultura cubana e brasileira, respectivamente. Isso demonstra que no primeiro caso, temos a transculturação como um fenômeno processual no qual duas ou mais representações, hábitos ou grupos culturais encontram-se, iniciando uma trajetória que culminará na constituição de uma realidade extremamente genuína e autêntica (ORTIZ, 1978, p. 5).

No livro de Freyre, a plasticidade seria o principal atributo diferenciador do esforço colonizador português na América. No capítulo direcionado à essa cultura, podemos observar o posicionamento do português sobre uma consciência de “bicontinentalidade”, que transformou o lusitano em um europeu mestiço, cosmopolita, e conciliador (FREYRE, 1987, p. 226-231). Em outras palavras, um povo plástico, cuja tendência ao cruzamento, miscigenação e até contato voluptuoso era mais acentuada do que em qualquer outro povo do continente europeu (FREYRE, 1987, p. 219). Dessa forma, essa plasticidade permite toda construção de cultura, pois privilegia a confluência em detrimento do isolamento, além de constituir o caráter harmonizado das diferenças no Brasil.

A centralidade desses conceitos nas duas obras tratadas está além de quaisquer disputas. As duas possibilitaram as leituras que constituem o motor da identidade nacional no Brasil e em Cuba. Dessa forma, a análise de Oliveira, preocupada com os aspectos mais gerais e amplos da relação estabelecida entre os dois autores, acaba enfatizando como esses conceitos seriam equivalentes ao proporcionarem a integração do negro no processo de construção nacional em Cuba e no Brasil:

Esses discursos têm como conceitos centrais em Freyre o de Plasticidade (os portugueses seriam mais aptos e maleáveis adaptando-se melhor ao convívio com os negros e moldando-se mutuamente) e em Ortiz o conceito de Transculturação (a ideia de que as culturas de origem sofreram um trânsito, uma transformação dando origem a uma nova cultura nacional. (OLIVEIRA,2012, p.127)

Com isso, percebemos que ambas as ideias viabilizam suas respectivas análises, mesmo sem se traduzirem em ferramentas análogas dentro do conteúdo dos textos. . Tentaremos

explorar na próxima seção a maneira com a qual os mundos do açúcar foram abordados através das ideias de transculturação e interpenetração. No entanto, uma última exploração do conteúdo apresentado sobre a plasticidade e a transculturação ainda é necessária para entendermos a utilização que Emerson de Oliveira faz dessas duas terminologias.

Primeiramente, sobre a transculturação, o autor demonstra que é essa a síntese e harmonização dos grupos sociais e étnicos cubanos. Tal fenômeno, não determina uma relação impositiva de um padrão cultural sobre outro, dado que o Europeu não conseguiu barrar as influências das demais culturas envolvidas na formação do povo e da nacionalidade da Ilha (OLIVEIRA, 2012, p. 20-23). A Transculturação parece depositar sua influência sobre a cultura gerada no intercâmbio, pois dando enfoque processual à esse encontro mutuamente transformador, o cubano reivindica que a penetração recíproca entre os diferentes grupos criou uma manifestação de identidade cultural no país cujo paralelo não pode ser traçado a partir de qualquer concepção anterior. A transculturação talvez seja o mecanismo que corrige a insolubilidade do rijo colonizador castelhano.

Quando Bronislaw Malinowski comenta e elogia a obra de Ortiz, ele se refere ao neologismo da palavra transculturação destacando que tal iniciativa semântica era urgente frente à generalização do uso do termo “aculturação”, pois essa denotava uma certa linearidade unidirecional das influências culturais. Aculturação implicava em perda, elemento contrário ao enfoque de Fernando Ortiz. Sendo assim, a única lógica vedada no intercâmbio e interpenetração de modelos culturais diversos é a ideia de perda ou imposições de cargas culturais. O que parece estar em jogo é a uma forte concepção de realidade cultural inteiramente nova e independente (ORTIZ, 1978, p. 5). Esse esforço consciente na determinação de um fenômeno paralelo às noções de mestiçagem, harmonização, síntese e gênese nas fronteiras faz com que a transculturação perca qualquer contorno de mero componente cultural e torne-se o verdadeiro processo de confluência vivido pela sociedade cubana.

A plasticidade, além de característica unicamente valorada através do português, é por excelência um componente da constituição da “bicontinentalidade” lusitana. Seus contatos com os povos árabes o transformaram, em muitos aspectos, em antítese dos padrões observados nos povos europeus “além Pirineus” (HOLANDA, 1936). O português estava pronto para a empreitada colonial de caráter miscigenado após suas experiências de troca com os mouros, pois o colonizador brasileiro já chegara com a experiência moçárabe de intercâmbio.

É curioso pensar que a plasticidade não possua um paralelo automático na obra de Fernando Ortiz, pois tudo o que a Coroa Espanhola e o povo castelhano representaram na colonização da ilha foram a ortodoxia e a rigidez de uma metrópole amplamente controladora

(ORTIZ, 1978). O fato de terem passado pela mesma ocupação Moura também tem uma grande significância frente à inexistência de um caráter plástico espanhol, uma vez que não há nenhuma menção a isso em *Contrapunteo Cubano del Tabaco y elAzucar*. Dessa forma, em Cuba há mestiços e transculturação, mas não há um colonizador fraternal. Essa equação só pôde se formar pela avaliação de transculturação como um processo conciliatório. A criação de uma categoria que lide com a flexibilidade do colonizador foi impossível para Fernando Ortiz.

Se, para Emerson de Oliveira, *Casa Grande & Senzala* demonstra como a plasticidade do português livrou o Brasil dos conflitos raciais constituídos na América anglo-saxã, seu texto também indica que esse povo europeu seria especialmente apto para realizar o projeto colonial nos trópicos (OLIVEIRA, 2012, p. 110-125). A plasticidade constitui, dessa forma, um elemento base para o desenvolvimento da cultura lusitana nos trópicos. Por meio dessa, o colonizador inseriu o grau de permissividade do contato e mistura. Ou seja, foi essa característica portuguesa que deu espaço para um movimento de interpenetração. A intensidade dessa questão no trabalho de Gilberto Freyre é tão acentuada que apenas encontrou paralelo na natureza priápica da mulher índia (FREYRE, 1987).

Outra relação compartilhada entre os dois autores parece levar o trabalho de Oliveira para o enfoque na centralidade do fenômeno de transculturação e da condição plástica do português. Esta seria a de que ambos lidam com o afastamento das categorias culturais dos paradigmas racialistas anteriores (OLIVEIRA, 2012, p. 174). Isso fica evidente quando o pesquisador destaca que:

As semelhanças entre os dois são múltiplas, como destacou (CABRERA, 2008), ambos buscaram separar o conceito de Raça do conceito de Cultura, ainda que Ortiz tenha partido de um biologismo mais acentuado do que Freyre, pelo fato de ter sido aluno de Lombroso. Em seu livro, *El Engano de Las Razas*, Fernando Ortiz irá rechaçar de forma veemente o racismo e o biologismo que eram presentes em sua obra de juventude. Este ponto de ruptura com os conceitos racistas anteriores pode ser entendido, em ambos os pensadores, partindo do momento político vivido na América Latina e a partir de dois conceitos fundamentais: o conceito de Plasticidade de Gilberto Freyre (que permitiu uma maior adaptação e integração entre as diversas etnias que compuseram a nação brasileira) e o conceito de Transculturação de Fernando Ortiz (as relações entre as diversas culturas em Cuba fizeram-se na forma de trânsito entre as culturas de origem e a cultura cubana). Ambos os conceitos rompem com a idéia de Aculturação (processo em que ocorre a perda da cultura de origem), tanto em Ortiz quanto em Freyre nos processos de encontro entre as culturas não ocorrem perdas, sempre o resultado é o ganho e o enriquecimento das culturas que se encontram. (OLIVEIRA, 2012, p. 174)

Com esse trecho, constatamos dois elementos dignos de nota para nossa análise. Um primeiro demonstra o direcionamento semelhante dos dois conceitos. Ambos estão

direcionados ao combate da inflexibilidade racialista de autores do cânone internacional, como Francis Galton (1822-1911), Houston Stewart Chamberlain (1855-1927), Arthur de Gobineau (1816-1882) ou Cesare Lombroso (1835-1909). Homens cujos trabalhos compartilharam um forte senso de determinismo biológico em diversas fases de sua produção. Um segundo fator, gira em torno de sua necessidade para o desenvolvimento em sociedades integradas. Enquanto a plasticidade condiciona o intercâmbio, a transculturação representa esse próprio trânsito. Ambas são ferramentas teóricas que dão conta da viabilização de um cenário integrador. No caso da colônia portuguesa pôde ser explicado pela miscibilidade de seu colonizador e em Cuba pela tendência transcultural de todos os encontros

O caráter bem sucedido do português é alimentado pela origem neolamarckiana de raça que esteve embutida no conceito de plasticidade. Isso implica em uma capacidade lusitana de adaptação às condições ambientais mais diversas da de sua origem. Dessa forma, a plasticidade reúne as capacidades de incorporação, transmissão e herança do colonizador. As memórias acabam sendo representadas através de sua plasticidade racial. Por exemplo, os ventos elísios africanos foram responsabilizados pelo amolecimento do sangue em Portugal (FREYRE, 1987). Em Cuba, Ortiz não esboça o mesmo. Apenas parte do pressuposto de que a transculturação garante as trocas em primeira mão, criando as condições perfeitas para o surgimento de uma nova organização social na antiga colônia espanhola (ORTIZ, 1978).

Nesse sentido, existe algum tipo de conexão entre transculturação e interpenetração através de suas relações com uma ideia de troca entre matrizes culturais diferentes. O desenvolvimento das culturas nacionais cubana e brasileira foi moldado em direção a uma desagregação gerada pelo fenômeno açucareiro. No entanto, tal fenômeno além de desagregador, foi o próprio provedor das possibilidades de encontro entre os contingentes dessas colônias. Além disso, essa conexão nos permite compreender como culturas influenciam-se reciprocamente. Devido a essa natureza relativamente próxima dos conteúdos dos dois elementos, a forma com a qual tais conceitos lidaram com o ciclo do Açúcar nas duas colônias pode atender de maneira relativamente adequada à nossa preocupação com as diferentes abordagens dessa agricultura.

1.4 A Transculturação: ênfase do tabaco e desprezo do açúcar

Nesse momento, iremos adentrar propriamente na análise que Fernando Ortiz faz em *Contrapunteo Cubano del Tabaco y elAzucara* partir de sua ideia de *transculturação*. Para tal, faremos uma retrospectiva que tente recompor os traços típicos desse pensamento na obra do

cubano. Tal ideia é apresentada pela primeira vez em 1940, no livro que é base da atual comparação. Esse vocábulo tenta dar um maior sentido de reciprocidade no encontro cultural, escapando da unilateralidade inerente à noção de “aculturação”.

A tarefa de apresentar e dar o aval ao neologismo orticiano fica a cargo de Malinowski, seu mentor e amigo. Partindo de um prefácio elogioso, o antropólogo apresenta o conceito como resposta necessária às imprecisões causadas por expressões correntes na época, como “difusão” e “aculturação”. Tais termos demonstravam tanto um etnocentrismo quanto uma valorização moral que viciava a análise. Isso resulta em uma transferência de preocupação, que passa de um processo de adaptação passiva dos padrões culturais para uma perspectiva de troca ou “toma y daca” (ORTIZ, 1978, p. 5). Sendo assim, esse conceito seria capaz de promover uma melhor compreensão dessa relação de mútua penetração cultural

El autor de este libro nos indica como em todos esos casos debemos estudiar ambos los lados Del contacto y considerar ese fenómeno integral como una transculturación, o sea como un proceso en el cual cada nuevo elemento se funde, adoptando modos ya establecidos a la vez que introduciendo propios exotismos y generando nuevos fermentos. (ORTIZ, 1978, p. 5)

Como colônia do Império Espanhol, Cuba conjuga a existência de um novo habitat, para o nascimento do recente meio social, dotado de uma síntese das características das culturas originais que impulsionaram sua formação. Portanto, a mistura e integração entre duas matrizes diversas originais uma realidade totalmente original e independente. Negros, índios e brancos europeus são todos componentes na formação dessa sociedade, além de serem submetidos às dinâmicas inseridas pelo Tabaco e Açúcar. No entanto, a falta de plasticidade do espanhol se traduziu no foco da ideia de transculturação em uma dimensão mudanças sofridas pelo Tabaco. O primeiro sendo grande motivo de exaltação e o segundo inserindo as principais tensões existentes na sociedade da ilha caribenha. Assim como na obra de Freyre os grupos estão submetidos ao aquartelamento do Engenho de açúcar, com sua casa grande e a senzala, mas na análise orticiano não é dada grande atenção à relação entre os *barracones* e as moradias senhoriais.

Porém o binômio nacional mais relevante em Ortiz é a coexistência de duas agriculturas. Essa estrutura permite a compreensão sobre até que ponto suas peculiaridades ajudam a entender os fenômenos curiosos e originais de transculturação. De certa forma, é a própria divisão dos dois fenômenos econômicos cubanos que fornece o ambiente e as condicionantes da variedade de transculturações ocorridas no país. Como por exemplo, o “mulatismo” do açúcar, cujas condições de cultivo demandam a mão de obra escrava e proporcionam o contato

básico entre o negro e o europeu, ao mesmo tempo em que introduz em suas relações as sementes de um universo conflitante. O Tabaco, sobretudo o de alta qualidade permanece como um cultivo de controle eminentemente branco (ORTIZ, 1978)

Os primeiros esboços de uma ideia de transculturação podem ser observados em *Entre Cubanos: Psicología Tropical*, onde o conceito de “transmigração cultural”, fruto de uma “transmigração geográfica”, é introduzido pela primeira vez. Assim, surgem os primeiros indícios de uma preocupação com os efeitos duplos do encontro cultural que estariam presentes em obras anteriores ao seu *contrapunteo* (OLIVEIRA, 2012, p. 77). O livro é constituído por uma coletânea de textos produzidos entre 1906 e 1908, somados a alguns de 1911. Nele, Ortiz tenta tratar de uma análise da identidade nacional cubana, de suas preocupações sobre a pátria e da decadência de uma república marcada pelo intervencionismo imperialista (ORTIZ, 1986).

Essa noção de transculturação ligada a uma noção de correntes imigratórias transforma o conceito em uma visão particular, algum tipo de “mestiçagem cultural”, como apontado por Julio Riverend (ORTIZ, 1978). Desse modo, os povos se adaptam ao novo ambiente através de seu encontro. De certo modo, os próprios contingentes chegados em Cuba já se manifestam como formas transculturadas de suas expressões originais. Com isso, o negro vem escravizado, o branco deslocado e o índio expropriado. Sendo assim, a transculturação é um fenômeno constante, cujo princípio ativo é regido pelo próprio encontro, seja cotidiano ou extraordinário. Tal conceito possibilitou análises que além de transbordar as fronteiras da “aculturação”, alcançaram outros modelos de mudança, como apontado pelo autor no trecho a seguir (ORTIZ, 1978, p. 96).

Entendemos que el vocablo transculturación expresa mejor las diferentes fases Del proceso transitivo de una cultura a otra, porque este no consiste solamente en adquirir una distinta cultura que es lo que em rigor indica La voz anglo-americana *aculturación*, sino que el proceso implica también necesariamente la pérdida o desarraigo de una cultura precedente, lo que pudiera decirse una parcial *desculturación*, y, además, significa La consiguiente creación de nuevos fenómenos culturales que pudieran denominarse de *neoculturación*. (ORTIZ, 1978, p. 96).

A partir desse conteúdo polivalente do termo, podemos entender a linha que Fernando Ortiz segue nos capítulos complementares de *Contrapunteo Cubano del Tabaco y el Azúcar*. Neles, o autor analisa minuciosamente e com zelo quase compulsivo, os tipos de morfologia e uso do tabaco cubano. O tabaco seria o fio condutor do mais acentuado exemplo de transculturação vivenciado pelo povo de Cuba. A partir dele, o antropólogo cubano demonstra os câmbios entre os povos envolvidos de alguma maneira com a colonização da ilha. O Tabaco passa de um elemento com uso proto-animista e ritualístico, típico dos índios à época dos

primeiros contatos com os espanhóis, para um patamar de artigo de luxo nas prestigiosas charutarias vitorianas de Londres. Esse produto cubano sofre então a mais radical transição em relação ao seu consumo, status, espírito e composição. Uma transculturação tão exacerbada que destrói qualquer conexão entre as acepções típicas dos rituais nativos e o consumo de *habanos* originais. Um costume do conquistado passa para o conquistador, seguindo a tendência inversa do resgate abordagem da “memória” feita por Gilberto Freyre. Dos usos ameríndios originais só restou o espírito malicioso.

No nono capítulo complementar de seu *contrapunteo*, Fernando Ortiz se aprofunda na transculturação do tabaco com maior atenção. Cabe ressaltar a noção de “entre lugar”, utilizada por Emerson de Oliveira para compreender o conteúdo dos encontros na obra do autor cubano (OLIVEIRA, 2012, p. 91). Essa ideia consiste no posicionamento do encontro cultural nas bordas ou fronteiras, ou seja, no encontro com outro. Desse modo, as fronteiras configuram-se como o lócus próprio da criação da nova manifestação cultural (BHABHA, 2001). Com isso, entendemos a noção ortiziana de encontro e entendemos que em sua transculturação não há espaço para hostilidades entre grupos fechados ³.

A história do tabaco, como história das transmissões de costumes do Novo Mundo para o Velho, foi a história de sua transculturação. A trajetória de um vínculo mágico e religioso para um produto representado por puro hedonismo e individualidade, sendo essa talvez a maior distinção entre o consumo comunitário dos índios e a noção egoísta do prestígio social na Europa (ORTIZ, 1978, p. 204-205). Devemos ressaltar o conteúdo que torna esse movimento típico de um modelo de interpenetração, pois, o índio, massacrado e vilipendiado, transmite o espírito do tabaco para o poderoso colonizador europeu. Dessa forma, a antropologia de Ortiz compartilha da mesma repulsa freyreana à unilateralidade da influência cultural. Termos como assimilação e aculturação são os opostos das análises propostas por esses dois autores.

No entanto, a transição não ocorre de modo direto, como a simples transposição do ritual mágico para o charuto moderno faz parecer. A penetração do tabaco na cultura do Europeu teve de passar pelo escrutínio pouco amigável do discurso religioso sobre seu “diabolismo”, “sensualismo” e caráter pecaminoso do fumo. Já, nos ambientes de transculturação religiosa, características da religião vencida sempre parecem remanescer dentro da vencedora e, dessa forma, até o consumo espiritual do tabaco é absorvido em determinados contextos pela ética católica, constantemente permeável ao advento desse novo consumo (ORTIZ, 1978, p. 208-209).

³ Franz Boas introduz a noção de antipatia entre diferentes grupos em seu artigo Raça e Progresso de 1931. Recentemente publicado no compilado Antropologia Cultural da editora Jorge Zahar em 2004

Porém, esse radical fenômeno de transculturação do tabaco das Índias Ocidentais para a Europa, mantém parte de seu ranço religioso e curandeiro. Os motivos superficiais da introdução do tabaco na Europa foram os de ordem estética e medicinal, que escondiam o caráter fortemente hedonístico de seu consumo. Isso demonstra a miríade de ressonâncias que podem se manter nas manifestações culturais de acordo com o processo de troca. Apesar de diferente em vários sentidos, o argumento medicinal guarda a mesma lógica presente na vida espiritual do índio (ORTIZ, 1978, p. 223)

O maior fator de inflexão religiosa com relação ao consumo de tabaco é sem dúvida o crescente valor econômico atrelado ao seu consumo. O tráfico constante e as demandas florescentes exigem que o europeu dobre sua ética à sedução do tabaco, produto que transcultura na mesma medida em que é transculturado. Não é apenas o europeu que absorve a influência do tabaco, assim como não é somente a sua transculturação econômica que deriva do encontro feito primeiramente em Cuba. No que tange a África, poucos elementos são mais frequentes em seu território do que o tabaco, sendo seu consumo uma das únicas exceções às excepcionalidades regionais tão acentuadas nesse continente (ORTIZ, 1978, p. 212-214).

Essa transculturação do tabaco na África gerou os tipos mais diversos e engenhosos. O africano, assim como o índio adotou uma profilaxia religiosa e ritualística no fumo ou inalação nasal. Essa transculturação indo-africana do tabaco é considerada mais fácil devido à maior proximidade conferida ao índio e o negro, em detrimento da relação entre índio e branco. Em *Contrapunteo Cubano del Tabaco y elAzucar*, tal elemento aproximou as éticas desses dois povos e tornou sua transculturação menos radical do que a testemunhada na Europa (ORTIZ, 1978, p. 215-217). A semelhança é tanta que quando descreve o uso africano, podemos observar seu forte teor espiritual para esse grupo. “Aquel rito es como um fumar sin humo. Es latransmisión ritualista de um hábito espiritual con sentido religioso, tal como el sacerdote echasualiento sobre elniño al bautizarlo, para transfundir enéllaesencia de sufe que alientaensuespíritu” (ORTIZ, 1978, p. 215-217).

É seguro afirmar também que a formação tribal africana favoreceu o prevalecimento de um conteúdo coletivista no consumo. No entanto, nos deparamos com um exemplo claro de transculturação quando o autor discorre sobre a posição preenchida pelo tabaco nos rituais africanos. Essa particularidade, geradora de uma nova compleição cultural, é a de que o fumo da folha gramínea ocupa um lugar auxiliar nas manifestações, elemento que contrapõe o local de prestígio e centralidade conferido ao tabaco nos mitos e manifestações espirituais do índio. Na África o tabaco sofre transculturação, e essa mudança representa sua queda em direção a um novo status como valor agregado (ORTIZ, 1978, p. 218-219).

No entanto, é a transculturação europeia do tabaco que parece ser motivo de maior interesse para o trabalho de Fernando Ortiz nessa obra. Além de ressaltar a condenação católica do suposto “diabolismo” do Tabaco, o autor cubano indica que o Açúcar sofreu as mesmas resistências ao ser introduzido na cultura e vida do europeu. Esse produto, tal como o tabaco oriundo de infiéis, foi levado aos povos cristãos por “moriscos”, judeus e maometanos (ORTIZ, 1978, p. 228). O sentido inverso da continentalidade do Açúcar talvez seja o motivo por trás da concentração do conceito de transculturação na análise do Tabaco. A agricultura açucareira tornou-se de certo modo a transculturação cubana do açúcar. Em Cuba, o produto refinado sofreu uma mudança que adicionou ao seu cultivo as prerrogativas de uma indústria estrangeira voltada à exploração inescrupulosa do povo e território cubano.

Essa resistência típica do Europeu no sistema apresentado por *Contrapunteo Cubano del Tabaco y elAzucar* pode ser entendida como um dos grandes erros do contato do colonizador. Foram justamente os produtos encontrados em suas explorações de novos territórios que reanimaram o espírito do velho continente. Dentre eles, podemos destacar o Chá, hábito milenar na China, o Cacau, encontrado no México, o Café, típico da África, e o Tabaco, gramínea antilhana das mais irresistíveis aos impulsos individualistas do Ocidente. Apesar de diferentes na aparência, para o autor, os quatro se aproximam devido às suas trajetórias sociais. Todos ultramarinos e todos apresentados por “gente de color” (ORTIZ, 1978, p. 231)

Nesse ponto, é possível discernir o enfoque que Fernando Ortiz dá aos “instrumentos”, referidos anteriormente por Bronislaw Malinowski. Frente ao enfoque da sexualidade da família brasileira de Gilberto Freyre, a agenda ortiziana parece demasiadamente voltada para a dimensão dos fenômenos e justifica o possível caráter funcionalista da obra do cubano (ORTIZ, 1987). No entanto, essa preocupação nunca deixa de seguir a trama desenvolvida pelo encontro entre “civilizações” “raças” ou “culturas”, grande advento da colonização do Novo Mundo.

O Tabaco possui seus produtos análogos, porém, nenhum alcança a envergadura da folha antilhana. Nenhum dos outros produtos se vinculou tanto ao universo do senhorio e à opulência da *upperclass*, denotando a elegância e o status de seus consumidores. O tabaco propiciou além de riquezas, formas inéditas de demonstração de prestígio. Aos olhos de Ortiz, seu cultivo materializou tudo de mais genuinamente cubano e combateu a influência deletéria da monocultura açucareira.

Para diminuir as restrições ao tabaco, a entrada do dinheiro pode ser entendido como o ponto nevrálgico desse momento de inflexão do tabaco na Europa. Foi o dinheiro que dobrou todas as restrições criadas pelos inimigos do tabaco, sobretudo a Igreja e o cultivo de cana-de-açúcar (ORTIZ, 1978, p. 274). Sua influência na história cubana foi tanta que além de repelir

os entraves religiosos do catolicismo, subverteu a ética do clero. Clero que veio a ser um importante produtor durante um determinado período. Esse derradeiro elemento eliminou todos os demônios vinculados ao consumo de tabaco e condicionou a produção da planta à uma dinâmica muito diferente da ancestral ritualística do índio.

Esse é o processo de transculturação. Contato feito sempre em via dupla e com a anuência de ambas as partes no sentido de troca. Sendo assim, não há perdas para uma perspectiva que concebe o encontro como um espaço de criação. A correlação com a *interpenetração* tratada por Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala* deve ser pensada através da diametralmente oposta direção pelas quais os dois conceitos lidam com o universo açucareiro. Apesar de suas construções a partir de critérios diversos, ambos os conceitos lidam com a ideia de mistura cultural em detrimento da “aculturação”. No entanto, uma se voltou para os objetos, como o tabaco. A outra pensa nos grupos, como a interpenetração. Fica a dúvida sobre se essa diferença de aplicação é unicamente metodológica ou se o unísono açucareiro brasileiro e o paralelismo agrícola cubano determinam esse afastamento

O processo vivido pelo tabaco em sua viagem para o Velho Mundo foi uma concatenação entre acúmulo de experiências, hábitos e costumes vinculados ao movimento de universalização do seu consumo. Seu transporte foi a junção do hedonismo, típico de certas culturas das potências coloniais, com o ritualismo ameríndio. Em *Contrapunteo Cubano del Tabaco y elAzucar*, a discussão é enfaticamente voltada para a transculturação do Tabaco. Mesmo que o conteúdo dessa categoria consiga abarcar as possibilidades de integração entre os grupos cubanos, Ortiz não o faz. Ao dedicar esse conceito à compreensão do Tabaco, o autor demonstra os primeiros sinais de como sua exaltação da folha gramínea pode se relacionar com sua crítica ao cultivo da cana-de-açúcar.

As mudanças da morfologia do universo *tabaquero* foram os principais elementos envolvidos no seu fenômeno de interpenetração cultural. Com a colonização, seu caráter foi transformado, e percebeu-se o potencial financeiro de sua produção. O dinheiro, ou em sentido mais geral e condizente com a época, o acúmulo de riquezas foi o mais poderoso dos elementos típicos da ética européia a penetrarem nesse universo. Em seu *contrapunteo*, Fernando Ortiz demonstra o quanto a lógica inserida pelo mercado transformou os padrões originais, além de dinamizar frequentemente todas as demais relações estabelecidas com o tabaco no período posterior ao descobrimento do Novo Mundo (ORTIZ, 1978, p. 243).

A maior dificuldade na introdução do termo na obra estudada deve-se à sua falta de preocupação mais centralizada em relação aos grupos culturais envolvidos na gênese da pátria cubana. Esses talvez tenham ficado de fora, pois justamente estavam inseridos no universo do

Açúcar. Ao contrário da dinâmica exposta ao longo de *Casa Grande & Senzala*, de interpenetração no encontro entre os ameríndios autóctones, os portugueses colonizadores e os negros escravizados o autor havano aborda o encontro a partir de elaborações, costumes e realidades. Isso retira o protagonismo dos grupos culturais e deposita a interpenetração nos fenômenos adventícios de sua colonização espanhola. Nesse sentido, tentaremos entender a partir da próxima seção a construção da ideia de interpenetração na obra de Gilberto Freyre e como ela representa as iniciativas de conflagração de um tríplice encontro dentro dos engenhos de cana-de-açúcar.

1.5 A interpenetração e o tríplice contato: universo da cana-de-açúcar

O trabalho de Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala* tem uma diferença sensível quanto às suas preocupações conceituais em relação ao *Contrapunteo Cubano del Tabaco y elAzucar*. Enquanto o trabalho de cubano preenche inúmeras páginas, limitando e dando um matiz teórico forte ao seu conceito de transculturação, Freyre opta pela narração contínua do câmbio cultural em seu país. Isso não quer dizer que o trabalho do pernambucano careceu de base conceitual, pois toda sua construção das relações embutidas no latifúndio está repousada em uma construção conceitual que permanece nos bastidores, permitindo a fluidez de sua análise. Tais preocupações mais específicas com a integração direta entre os grupos têm relação com as possibilidades de foco no mundo da monocultura açucareira.

Dentro desse universo agrícola, o conceito mais desenvolvido pelo autor é o de “plasticidade”, componente típico da cultura portuguesa, fruto de sua “bicontinentalidade” e constante contato absorvente com culturas estrangeiras. Esse português visto como um amálgama híbrido e sincrético transferiu-se para os trópicos e ao invés de uma postura antipática, chegou sem nenhuma ideia absoluta ou preconceito inflexível. Como Ricardo Benzaquen de Araújo destaca, a “índole flexível” acabou sendo a maior qualidade lusitana (ARAÚJO, 1978, p. 43-46). Sendo assim, o autor dá destaque à miscibilidade do colonizador. Essa característica ocupa, então, o lugar de principal condição das trocas culturais mútuas entre os povos envolvidos na formação da sociedade brasileira. Essa relação é bastante explorada no capítulo destinado aos seus antecedentes e predisposições.

Dessa forma, para analisar a interpenetração cultural presente no texto de *Casa Grande e Senzala*, teremos de adotar uma estratégia mais sutil, atendendo aos componentes que demonstram o caráter recíproco dos fluxos e cargas culturais. O encontro tríplice de índios nativos do Novo Mundo, negros trazidos compulsoriamente da África e colonizadores cristãos

do Reino de Portugal foi uma das principais ambições presentes no texto do autor brasileiro. Tais populações envolveram-se no empreendimento que mais tarde daria contorno às características da nacionalidade local. Confraternizaram mesmo frente às influências tensionais do *ethos* inserido pelo cultivo monocultor açucareiro.

Devemos pensar então, em qual sentido tais trocas são demonstradas no texto de *Casa Grande e Senzala*. Certos elementos desse caráter integrativo entre as culturas e a ideia de interpenetração podem ser percebidos no capítulo destinado à influência do ameríndio na formação da família brasileira. Apesar de ser o derradeiro filho do continente americano até o século XIV, sua influência foi vista como a menor no trabalho do autor. Além de chamar atenção para seu total despreparo técnico, Gilberto Freyre destaca a imaturidade de suas manifestações culturais (FREYRE, 1987, p. 125). Essa visão sobre o ameríndio fica clara quando o pernambucano critica a visão de Afrânio Peixoto, que via na cultura indígena, um elevado exemplo de desenvolvimento filosófico, denominando-os “astrólatas”, em detrimento da dendolatria dos africanos, com seu fetichismo exacerbado. (FREYRE, 1987, p. 309).

Dentre os componentes típicos da cultura ameríndia os mais resistentes são localizados na dimensão dos mitos e imaginação. O medo de espíritos, a proteção atribuída ao vermelho, a moralização infantil através das lendas responsáveis pelo ensejo de temor e a ignorância em relação à fauna são algumas das ressonâncias de sua influência de menor grau. Todas, estas características eram típicas das culturas ameríndias que ocupavam o território brasileiro (FREYRE, 1987, p. 141-161). Hábitos como a rotina de constantes banhos e a natureza priápica das índias também apresentam grande relevo, no entanto, constroem a influência do americano nativo a esse mundo de fábulas, encantos e desejos. Todas as características inferiores às engendradas pelo português e negro. Isso se deve ao fato de que, no mundo do Açúcar, nunca houve espaço para o índio. Na verdade, tanto Gilberto Freyre quanto Fernando Ortiz afirmaram que seu cultivo monocultor foi o grande responsável pelo desaparecimento desse contingente da vida e memória nacional.

Quando se refere ao Português tudo muda de figura, pois o colonizador toca a dimensão inversa da do índio. A ética institucional e seus desenhos são todos trazidos pelo lusitano dado que esse foi a espinha dorsal da formação colonial. É dele o cosmopolitismo que possibilita a existência de uma flexibilidade no encontro e é de sua responsabilidade a implementação do latifúndio e do instituto da escravidão. Do português, o brasileiro herdou todas os mecanismos de estruturação fundiária e governo. É do português a responsabilidade pela empreitada açucareira (FREYRE, 1987). Além disso, o português introduziu o latifúndio semi-feudal

O único preciosismo e talvez característica essencial da cultura da metrópole seria o seu íntimo e perene comprometimento com a ética católica. Dele, o Brasil tirou seu catolicismo, preenchido por amaciamentos típicos da nova formação cultural. Nosso catolicismo sucumbiu à lógica familiar e emocional, longe da austeridade gótica do espanhol demonstrando um claro movimento de interpenetração dos costumes ameríndios e africanos. Isso marca a fundação de uma nova manifestação do catolicismo nas latitudes tropicais, usando o conceito de Fernando Ortiz. Esse enfoque religioso constrói uma colonização calcada na presença religiosa em detrimento do asséptico modelo etnocêntrico anglo-saxão, trazendo uma concepção de nação que é o “epíteto da crença” (FREYRE, 1987, p. 223). Aquartelado no engenho de cana-de-açúcar, o senhorio viveu em extrema intimidade com o divino.

Essa doutrina religiosa cristã chega, em última análise, a manter a coesão portuguesa, evitando o desmembramento de uma unidade cultural tão plástica e permeável. A própria ideia de uma nacionalidade que se manifesta pela resistência da fé demonstra o caráter quase marcial da investida lusitana contra os hereges. O catolicismo se converte na cultura do colonizador. Seu espírito de distinção como povo. (FREYRE, 1987, p. 225). O único meio que pareceu resistir ao poderio e influência do clero foi justamente o sistema latifundiário que centralizava as funções de comando na Casa Grande. Podemos entender o caráter e dimensão do catolicismo português a partir do seguinte trecho:

Mas antes do ódio ao espanhol, salientado por Keyserling, outro, talvez mais profundo e criador, atuou sobre o caráter português predispondo-o ao nacionalismo e até ao imperialismo: o ódio ao mouro. Quase o mesmo ódio que se manifestou mais tarde no Brasil nas guerras aos bugres e aos hereges. Principalmente aos hereges o inimigo contra quem se uniram energias dispersas e até antagônicas. Jesuítas e senhores de engenho. Paulistas e baianos. Sem esse grande espantelho comum talvez nunca se tivesse desenvolvido “consciência de espécie” entre grupos tão distantes uns dos outros, tão sem nexos políticos entre si, como os primeiros focos de colonização lusitana no Brasil. A unificação moral e política realizou-se em grande parte pela solidariedade dos diferentes grupos contra a heresia, ora encarnada pelo francês, ora pelo inglês ou holandês; às vezes, simplesmente bugre. (FREYRE, 1987, p. 225)

A doutrina da Igreja de Pedro manteve o português como português na ausência da mesma rigidez presente no Estado Espanhol. Mais do que isso, o poder secular do clero certificou sua sobrevivência como manifestação cultural autônoma frente a seu extenso histórico de contatos com não cristãos. Chegando ao Brasil, essa unidade chocou-se com os contingentes autóctones e africanos. Sua repulsa pela heresia levou à catequização e missionarismo, ao mesmo tempo em que seu baixo apressamento pelo sangue permitiu a interpenetração. Processo esse que permitiu que o componente africano anima-se a vida cultural

na colônia. Na última seção de sua análise da realidade brasileira, Gilberto Freyre aborda a contribuição do negro para esse processo e entende que esse grupo formou o maior cateto da triangulação cultural brasileira (FREYRE, 1987, p. 312).

As contribuições desse contingente atingem os pontos mais variados na colonização portuguesa. Foram eles os motivadores da reforma do regime alimentar, tão carente e precário anteriormente⁴. Foram também os responsáveis pelo amolecimento de uma certa dureza do colonizador, que permanecia na dimensão linguística⁵. Convertidos em mercadoria no sistema de escravidão monocultor açucareiro, o negro africano foi alvo da vulgaridade do colonizador. Freyre atribui essa potencia do senhorio a um certo grau de suposta passividade da “mulata” (FREYRE, 1987, p. 313-370). O negro escravizado recebe tratamento mais ambíguo ainda na vida sexual da família brasileira, ponto que será um dos objetos de análise no terceiro capítulo. Pode ser adiantado que sua valoração negativa foi acompanhada de exaltações fervorosas.

Os negros fula-fulos trazidos ao Norte do Brasil são vistos como os melhores e mais inteligentes, motivo de valorização das famílias mestiças do nordeste. Ao mesmo tempo, temos anteriormente uma caracterização do povo negro como criaturas adaptadas ao calor e condizentes com a vida nos trópicos (FREYRE, 1987, p. 310-322). Essas mudanças de tom marcam o texto de *Casa Grande & Senzala* no que tange à formação nacional intensificando ainda mais as causas e efeitos das interpenetrações protagonizadas por esse grupo. As técnicas de plantio, a culinária, a sexualidade e muitas outras foram todas esferas onde a presença do negro foi motriz ou tornou-se elemento importante em sua criação.

Dentre todos os elementos, talvez o mais característico da introdução de uma noção de interpenetração generalizada sejam as mudanças sofridas pelo próprio idioma português na sociedade brasileira como abordado acima. Essas influências africanas, circunscritas no mundo da monocultura de açúcar, culminaram na elaboração de um vocabulário autêntico e idiossincrático. Dessa forma, o modo de falar da colônia foi tão genuíno que beirou a transição para um novo modelo linguístico identificado como “brasileiro”. A interpenetração moveu-se então no sentido de equilíbrio dessas matrizes antagônicas que acabam configurando a riqueza da cultura brasileira (FREYRE, 1987, p. 344-355). É curioso perceber que essa integração possível através do fenômeno da plantação de cana-de-açúcar no país seja o mesmo que inseriu as mazelas vinculadas à sua colonização.

⁴ Sobretudo em Pernambuco e Bahia, regiões onde o latifúndio açucareiro desenvolveu as maiores dimensões.

⁵ O autor aponta a influência do yorubá para o amolecimento do vocabulário do colonizador. Tal fenômeno é conferido também por Fernando Ortiz ao abordar o mundo do Açúcar

O mesmo caso pode ser aplicado aos portugueses e escravos africanos, cujas contribuições foram ressignificadas de modo a dar existência a formas genuinamente brasileiras. O colonizador viu sua manifestação religiosa tomar contornos menos rígidos, ganhando teor emocional e fazendo parte do cotidiano mais banal da sociedade. Viu sua ortodoxia ser dobrada pelos imperativos da escassez humana e da escravidão, impondo uma lógica generalizada de procriação. Uma sexualidade pagã no mundo católico condicionada pelas necessidades do empreendimento colonial em vernáculo freyreano (FREYRE, 1987, p. 270). Esse catolicismo parece mais adaptado à indispensabilidade da miscigenação, fruto da limitação populacional da metrópole.

A Escravidão pode ser entendida como outro instituto protagonista de um acentuado processo de transculturação, no seu caso, anterior à sua chegada na colônia. Em *Casa Grande & Senzala*, Gilberto Freyre faz um exaustivo retorno aos antecedentes e predisposições do português. Um desses antecedentes é a escravidão, que se tornou típica dessa cultura após o contato proveniente da ocupação Moura da Península Ibérica. O autor brasileiro defende a ideia de que a escravidão foi aprendida pelo português ao contato com o árabe e adaptada ao esforço de colonização. Em um certo momento, esse ímpeto escravocrata crescente, amoldado à cultura portuguesa, tornou-se o flagelo do próprio Mouro (FREYRE, 1987, p. 236-239). No Brasil, o cultivo colonial da cana-de-açúcar acabou construindo um sistema escravocrata que acabou tornando-se o principal elemento desagregador e gerador de tensões em sua sociedade.

Pensando na transculturação de um elemento originário das culturas africanas, podemos nos deparar com o último traço de sua penetração indicado por Gilberto Freyre. A culinária africana, tão difundida pelo Brasil, apresentou particularidades em suas manifestações regionais, construindo diferenças e peculiaridades locais que, mesmo submetidas à dominação da cozinha africana, constituíram uma genuína matriz alimentar nacional (FREYRE, 1987, p. 467-470). Tais fatores demonstram a compatibilidade entre a ideia de transculturação e interpenetração como elementos que viabilizam o encontro cultural em Cuba e no Brasil.

1.6 Considerações Finais

A constituição da Península Ibérica atendeu a distinções entre Espanha e Portugal que foram observadas tanto em *Contrapunteo Cubano del Tabaco y elAzucar* quanto em *Casa Grande & Senzala*. Essas diferenças acabam marcando o tônus da análise dos dois no que tange a formação da integração nacional em Cuba e no Brasil. A primeira teve colonização rigidamente controlada e acaba vinculando sua análise à possibilidade apriorística de síntese

dos encontros culturais. A outra encontrou no colonizador um dos maiores incentivadores da integração através de sua plasticidade. De tais possibilidades históricas, construímos a primeira diferenciação quanto às abordagens da agricultura açucareira.

A relação de “interpenetração” de costumes, instituições, crenças, técnicas e rituais demonstra a mistura dos próprios grupos envolvidos na colonização brasileira (FREYRE, 1987). Assim como, toda “transculturação”, descrita através do Tabaco, demonstra um processo de construção recíproca de tendências europeias e ameríndias (ORTIZ, 1978). No caso do primeiro deslocamento, o unísono açucareiro determinou os perímetros da análise freyreana. Quando pensou em “interpenetração”, o autor não precisou fugir do universo gerado pela lavoura de cana, podendo contemplar as sementes da desagregação sob a circunscrição do engenho. No caso de Fernando Ortiz, a avaliação do contexto nacional pressupôs a crítica da influência desagregadora do Açúcar através da exaltação do Tabaco como elemento positivo⁶. Ao não dar a mesma ênfase à transculturação do Açúcar, Ortiz demonstrou sua crítica ao tipo de lógica inserida por seu cultivo no contexto colonial cubano.

Ao mesmo tempo em que a indústria agrícola do açúcar representou a gênese do encontro cultural em Brasil e Cuba, também inseriu, através de seu sistema de monocultura escravocrata latifundiária, os principais recursos necessários para o estabelecimento de conflitos nesses contextos coloniais. A maneira com a qual os dois autores lidam com o Açúcar varia conforme especificidades brasileiras e cubanas, assim como as relações de suas metrópoles com esses cultivos. No entanto, ambas as leituras tendem a entender as principais descontinuidades nacionais a partir das dinâmicas particulares inseridas pela agricultura açucareira em seus países.

O foco na transculturação do Tabaco indica a indisposição de Ortiz em relação ao Açúcar. A interpenetração demonstra a relação que tende ao equilíbrio em Freyre, que é combatida pela lógica desagregadora da escravidão do Açúcar. Eles emergem como modelos configurados para uma ordem social totalmente nova, resultado derivado da finalização de um equilíbrio de matrizes formacionais conflitantes. Os modos como esses dois conceitos integrativos lidam com os cultivos de açúcar em Cuba e Brasil marcam um primeiro afastamento na abordagem de cada um dos autores. Além disso, demonstram o início do que vamos analisar no próximo capítulo. A emergência de uma estruturação binomial nas narrativas

⁶ Enquanto grande parte do conteúdo dos capítulos complementares de *Contrapunteo Cubano del Tabaco y elAzúcar* dedicou-se à transculturação do Tabaco, ao Açúcar foi dedicada extensa exploração de sua relação com a escravidão de negros, mando estrangeiro e regalias fiscais.

e as distinções programáticas a partir da total onipotência da cana no Brasil e a influência positiva do Tabaco emCuba.

2. BINÔMIOS NACIONAIS: O MUNDO DOS ENCONTROS NA ESTRUTURA AÇÚCAREIRA CUBANA E BRASILEIRA

2.1 Introdução

Nesse segundo capítulo uma perspectiva mais estrutural e morfológica das abordagens de Ortiz e Freyre sobre a agricultura do Açúcar será tratada. As duas obras apresentaram uma organização que passa pela articulação da narrativa a partir do que consideramos binômios nacionais. Essa sistematização é tão marcante que esteve presente inclusive nos títulos dados aos trabalhos. No caso de Fernando Ortiz, o Tabaco e o Açúcar conformam sua reflexão, assim como determinam a realidade social de seu país. Tais cultivos traduziram-se em fenômenos econômicos e foram os precursores de dinâmicas sociais paralelas e, em muitos casos, opostas. Para Gilberto Freyre, a casa grande e a senzala também representam arquétipos de um material inserido na formação brasileira a partir dos engenhos de cana-de-açúcar. Nesse caso, essas estruturas acabaram transformando-se no retrato do contato entre os três grupos considerados base da cultura nacional.

Devido ao amplo escopo da pesquisa de Emerson de Oliveira, o tema acaba não recebendo a devida atenção e, desse modo, representa mais uma lacuna exploratória na interface entre as duas obras. Dessa forma, faremos um resgate da reflexão acerca do contraponto entre Açúcar e Tabaco, na obra do cubano, e a relação entre casa grande e a senzala, típica do latifúndio monocultor brasileiro. Entender o binômio freyreano é o mesmo que perceber como seu pensamento lidou com as edificações do latifúndio brasileiro presentes no uníssono do Açúcar. Compreender o Açúcar em Cuba passa pela visão do paralelismo contrastante imposto sobre ele pela existência de uma segunda produção colonial, materializada pelo Tabaco.

A natureza primária de cada um dos binômios se propôs à demonstração de uma relação fortemente vinculada à ciclos econômicos na ilha caribenha e a outra às habitações típicas da organização latifundiária brasileira. Tal enfoque representa como cada autor lida com a agricultura açucareira. Enquanto o Açúcar foi pensado em sua rivalidade com outro cultivo no país de Ortiz, a cana reinou solitária na estrutura agrária brasileira. Os engenhos foram tão poderosos nas páginas de *Casa Grande & Senzala* que minaram o próprio poder da Coroa e da Igreja. No território cubano, o Tabaco emergiu como força potencial de superação das influências desagregadoras e conflituosas constituídas pelo cultivo do mesmo produto.

Por último, buscaremos inserir uma perspectiva que abarque simultaneamente a exploração do tema nas duas obras. A última seção do capítulo terá então como objetivo compreender como os autores lidam com o paralelismo cubano e o uníssono açucareiro

brasileiro. Desse modo, chocar as perspectivas de duas imposições nacionais diversas vem a ser um dos elementos potencialmente mais enriquecedores na comparação entre as duas obras.

2.2 Construção de Binômios: os encontros culturais específicos de Cuba e Brasil

Contrapunteo Cubano Del Tabaco y Del Azucar e *Casa Grande & Senzala* são formadas por estruturas bem particulares em relação às demais obras de sua época. Enquanto o primeiro adotou uma constituição baseada explicitamente no modelo versado de *contrapunteo*⁷, o segundo privilegiou uma narrativa em forma mais livre, o que em algumas situações beira um estilo literário totalmente inverso a certos padrões científicos mais rígidos. No entanto, outro elemento distintivo acompanha a estrutura dos dois textos. Ambos partem do que compreendemos como binômios nacionais, cujo intento central é descrever a formação de seus respectivos países a partir de dois conceitos formadores. Esse tipo de organização acabou gerando certas conseqüências em suas agendas sobre o cultivo da cana-de-açúcar.

O binômio ortiziano posiciona dois fenômenos econômicos simultâneos na sociedade cubana. O primeiro é representado pelo Tabaco, com sua dinâmica de produção liberal, seu caráter formador de classes médias, seu vínculo com uma mão de obra branca, sua capacidade de catapultar Cuba rumo à uma independência substantiva, dentre outras várias características particulares. Do outro lado, encontra-se o Açúcar, referido como “DoñaAzucar” em alguns momentos, em uma clara vinculação com características tidas pelo autor como femininas. Além disso, a produção de cana-de-açúcar representa a escravidão, o tráfico de escravos, o estrangeirismo e o latifúndio. Ambos processos constituem uma relação que Ortiz considera típicas de um “paralelismo contrastante”, formando duas Cubas inversas em nascimento e propósito (ORTIZ, 1978).

Nas chaves de análise estabelecidas por *Casa Grande & Senzala*, o binômio apresenta-se para o leitor na forma das duas estruturas presentes no universo latifundiário açucareiro. Sob a égide da casa grande e da senzala, o Brasil formou seu perfil nacional de modo tão profundo que a miscibilidade presente nesse ambiente é inscrita no próprio fenótipo do povo. O mundo criado pela colonização portuguesa dita o encontro entre grupos antagônicos que acabam por constituir uma realidade única e sintética. Desse modo, o açúcar determinou o Brasil desde seu nascimento (FREYRE, 1987).

⁷ Trata-se de um estilo de poesia popular muito frequente na Guajirada Montana e na Curreria Afro-cubana. Ortiz se apropria de sua estrutura dialética para estruturar o paralelismo do Tabaco e do Açúcar em Cuba

Devemos fazer o mesmo resgate do trabalho de Emerson de Oliveira no que tange a esse binômio. Devido aos objetivos mais gerais de sua produção canônica sobre a interface entre os dois autores, sua análise acabou por não obter uma leitura muito aprofundada dessa abordagem dupla de suas perspectivas (OLIVEIRA, 2012). Pretendendo entender a articulação simultânea das compreensões orticiana e freyreana da história colonial assim como suas construções teóricas similares em torno do sentido dessa história, seu texto nos leva à um quadro exploratório das mesmas duas obras tratadas na análise presente.

O balanço que se segue parte de seis eixos de comparação que abarcam as semelhanças entre os dois livros, todos voltados para uma dimensão estrutural e não focados na análise dos conteúdos propriamente ditos. Essa divisão fica sob responsabilidade dos elementos vinculados ao “título”, “estrutura da obra”, “estilo”, “fontes”, “referências teóricas” e “interpretação da história colonial”⁸. De todas as faixas de comparação, a que mais se envolve com a temática do atual capítulo é, justamente, a dedicada aos dois binômios nacionais. A partir de sua compreensão do “título”, Oliveira expõe as naturezas das contraposições dualistas nos dois trabalhos e expõe um diferencial que será melhor explorado nas próximas páginas. Enquanto *Casa Grande & Senzala* apresentava a consonância entre as “arquiteturas das habitações do senhor e do escravo” articulando a conexão entre o branco e o negro e suas “influências na vida social brasileira” durante o período colonial de produção açucareira, o *Contrapunteo Cubano del Tabaco y elAzucar* compreendeu a vigência das duas produções referidas em seu título, com ambas estruturando a vida social cubana no período colonial e republicano (OLIVEIRA, 2012, p. 176-177).

Sendo assim, temos uma opção pela sobreposição de elementos de natureza econômica sobre as distinções profundas na sociedade cubana, assim como, duas estruturas típicas do latifúndio açucareiro que representam os contatos imediatos entre culturas antagônicas. Dois binômios formadores da realidade nacional e que influenciaram as existências de suas respectivas sociedades. Explorar as possíveis aproximações e distanciamentos entre esses dois modelos binomiais será o principal objetivo dessa etapa de nosso estudo.

Em última instância, essas separações geradas pela soberania absoluta do Açúcar no Brasil e o paralelismo dos cultivos cubanos geram consequências diversas para os encontros culturais que foram delineados em cada uma dessas sociedades. O engenho de cana-de-açúcar brasileiro gerou o universo do encontro ao passo que seu ciclo econômico em Cuba constituiu as prerrogativas de uma cultura marcada pela distensão entre dois planos de nação. A

⁸ Todos os eixos apontam para uma perspectiva aproximativa sem dar atenção mais aprofundada às possíveis particularidades dos dois textos no que tange às abordagens do açúcar

agricultura do Açúcar formou tais nações de modos bastante específicos e tentaremos entender como essas relações acabaram se dando.

2.3 O contraponto entre o Açúcar e o Tabaco: Duas formações de nação

O binômio econômico cubano é a tese central da obra de Fernando Ortiz. Ao usar os dois fenômenos como arquétipos de Cubas totalmente diferentes, seja pela divergências estruturais que seus cultivos geram ou pelas relações humanas que acabam ensejando, sua análise depreende uma realidade que se divide entre as duas tendências inauguradas por agriculturas totalmente diversas em forma e conteúdo. Isso se reflete no foco dado pelo autor ao contraponto existencial entre os dois principais produtos do país, ao longo de toda primeira parte da obra há um forte intuito de salientar as distinções físicas e econômicas de seus cultivos. O que tentaremos demonstrar mais adiante é como a noção desse binômio constituiu uma reflexão que visa uma auto-crítica aos rumos dos país por meio da influência negativa do açúcar sobre a integração cubana.

Essas duas faces do binômio nacional são, nas palavras do autor, protagonistas de um “paralelismo contrastante”, pois se acompanham durante grande parte da história como expressões antagônicas, inversas e opostas da empreitada agrícola. A começar pelas suas “naturezas” tratadas de modo essencialista. Enquanto o Tabaco representa a “empresa da virilidade”, o Açúcar constitui-se como a “doce moleza”, sendo vinculados, respectivamente, à figura do masculino e do feminino. Com esse tipo de personalização os dois apresentaram-se como os personagens mais importantes da história cubana na obra de Fernando Ortiz e apontam para uma construção que poderá ser observada ao falarmos sobre a solução para síntese no país (ORTIZ, 1978, p. 12).

Apesar de desfrutarem da mesma origem climática, ambos produtos apresentam diferenças biológicas fortíssimas e essas particularidades de cada uma acabam por requerer diferentes condicionantes para seu cultivo. Essas distinções entre as demandas formaram disparidades econômicas radicais que culminam em divergências profundas. Essas, por sua vez, penetraram na história do povo cubano, perpassando sua formação étnica, contexto social, empreendimentos econômicas e relações internacionais. O texto compreende que é nesse contraste multiforme e persistente entre as duas produções que jaz o componente mais expressivo na história cubana (ORTIZ, 1978, p. 12).

O contraste entre os dois produtos tem seu início no próprio descobrimento da ilha, quando os dois juntaram-se na mente dos colonizadores. O Açúcar e o Tabaco acabaram sendo

os principais atores durante essa história. Sua dessemelhança multiforme e persistente é o que há de mais expressivo na formação nacional e poucos povos vivenciaram essa coordenação de vicissitudes históricas. Suas variantes constitutivas vão desde a terra necessária para o cultivo, as máquinas e o trabalho até o dinheiro envolvido em seu negócio. No entanto seu desenvolvimento se processa de forma sempre antitética (ORTIZ, 1978, p. 13).

Sob a égide do Tabaco e do Açúcar, as diferenças de produção parecem atuar do mesmo modo que a família no Brasil para a determinação da realidade nacional. Essa família brasileira, no caso, foi determinada única e exclusivamente pelo universo da cana-de-açúcar. Os tipos específicos de produção condicionaram a realidade cubana de tal forma que dois países formaram-se dentro de um mesmo território. Um era Açúcar e o outro Tabaco. Em termos de constituição, duas nacionalidades inversas nascem de acordo com os processos naturais distintos de seus dois produtos capitais. Em *Contrapunteo Cubano del Tabaco y elAzucar*, observamos dois fenômenos econômicos simultâneos, cujas características antitéticas constituíram a base de um constante *devenir* nacional. Sendo assim, os dois desenvolvem-se para sempre como elementos incompatíveis e inversos, determinados por sua natureza e determinantes das mais diversas diferenciações sociais no país.

O trabalho do autor havano demonstrou, especificamente nessa obra, uma estruturação narrativa que acompanha o paralelismo e antagonismo entre as duas plantas. Isso quer dizer que a valoração de um culmina no automático deslocamento do outro para as características que representam o antônimo daquela distinção. Logo, se o Tabaco é relacionado com “intensidade”, “liberdade”, “imigração branca”, “mãos” ou “cuidado mimoso”, o Açúcar é considerado “extensivo”, “escravo”, incentivador de “imigração negra”, dependente de “braços” ou adepto de um “abandono confiante” no seu cultivo. Desse modo, se o Tabaco é o motor da indústria local, o Açúcar só faz subsidiar a vida no campo e as mazelas escravocratas (ORTIZ, 1978, p. 14-15).

Mesmo frente a tantos contrastes encontramos um teor elogioso às particularidades cubanas, inclusive às suas contradições. Fernando Ortiz, assim como Gilberto Freyre, reavaliou a concepção nacional sob uma chave positiva. Sendo assim, para ele, Cuba apresenta as melhores terras para o cultivo tanto do Tabaco, quanto do Açúcar. O país é propício, então, a abrigar esses dois modelos simultaneamente em seu desenvolvimento. Um “nascido” e “outro refinado”. “Um “maligno” e outro “benigno”. Um “viril” e “outro doce”. Um voltado para o interno e outro para exportação. Tais pistas podem ser entendidas como indícios de maiores possibilidades de síntese harmônica entre as duas agriculturas.

Os dois são irmãos e rivais simultaneamente, pois ambos foram apresentados ao europeu por outros povos. O Açúcar era conhecido desde a Idade Média, introduzido pelos árabes nos contatos derivados das Cruzadas a Jerusalém. O Tabaco, por sua vez, só estava preparado para ser descoberto após o Renascimento, sendo passado ao colonizador em seu contato com as Índias Ocidentais. Outro importante diferencial tem relação com o contexto açucareiro. O império da lógica quantitativa domina as técnicas de produção e demandas econômicas, com um mercado mundial altamente voraz. No pólo oposto, o Tabaco empreende uma lógica tida no texto como qualitativa e mais voltada à excelência e excepcionalidade do que ao tamanho de sua produção (ORTIZ, 1978, p. 23-28).

Essas diferenças em termos de extensão e nível de especialização do processo demonstram a uniformidade do cultivo de Açúcar e a minúcia do preparo do Tabaco. Para Cuba, isso significa que o primeiro é fruto do mercado internacional e como tal está submetido às técnicas estrangeiras, ao passo que, o processo do segundo tornou-se uma exclusividade cubana, que não o vende como simples matéria-prima. O cuidado necessário para o Tabaco também é de extrema relevância, pois demonstra o quanto o cultivo do Açúcar é considerado grosseiro, desleixado, bruto e quantificado (ORTIZ, 1978, p. 32- 35).

Finalmente, ao demonstrar o caráter extremamente poderoso da influência do “Sr. Tabaco” e da “Sra. Açúcar”, o texto salienta o quanto ambos constituíram fortes diferenças nos processos de imigração. Os grupos envolvidos no processo de “transculturação”, trabalhados no capítulo antecedente, foram estipulados através das exigências estruturais dos dois produtos capitais da ilha. Enquanto o Açúcar trouxe a escravidão e a necessidade do trabalho bruto, o Tabaco encorajou a imigração de contingentes brancos voltados para técnica da “vegueria”. O Açúcar determinou a própria necessidade do Latifúndio e de sua vasta extensão. O Tabaco engendrou a estrutura familiar e autônoma de produção (ORTIZ, 1978, p. 38).

O Açúcar demonstrou sua inclinação escravocrata ao longo de toda sua história econômica. Tal necessidade avassaladora de braços é fruto de uma relação de consumo que passa pela massificação de sua produção e a unidade de seu mercado global, dinâmica muito diferente da exclusividade do tabaco⁹. A uniformidade perene do cultivo e o consumo do açúcar converteram o espírito de sua realização. Este foi orientado no sentido de uma coletivização quantitativa do trabalho envolvido, assim como sua aplicação comercial (ORTIZ, 1978, p. 44-48). Devemos chamar atenção para o fato de que o ciclo do açúcar no país do autor de *Contrapunteo* não é simultâneo ao ciclo brasileiro. É justamente no século XIX, onde

⁹ O Tabaco é tão exclusivo que Ortiz afirma que os próprios charutos podem ser únicos e representar variações por unidade de um mesmo lote ou produção

observamos o esgotamento dessa matriz no Brasil, que a produção Cubana despontou e atingiu seus níveis mais altos

O maior fator de diferenciação entre Tabaco e Açúcar, para além de suas constituições física e biológica, são seus fundamentos econômicos. A dinâmica capitalista penetrou o universo açucareiro com intensidade e constância sem paralelo. Provida de um conteúdo muito mais acentuado do que os processos já vivenciados pelo tabaco ¹⁰, essa empresa agrícola por excelência tende a sufocar todas as demais possibilidades de produção com sua hipertrofia megalomaniaca e impulso monocultor (ORTIZ, 1978, p. 49). Sendo assim, podemos observar a predisposição ortiziana para uma análise que determina o social, e possivelmente o cultural, a partir de uma dimensão econômica. Açúcar e Tabaco são muito mais entendidos como fenômenos comerciais do que progenitores de um estilo de vida.

O poder do fenômeno econômico, em sua obra, alcançou contornos tão amplos que transformaram conceitos, sistemas ou estruturas em seus epifenômenos característicos. O maior exemplo desse reposicionamento da gênese da identidade nacional repousa no papel secundário que o latifúndio toma em seu texto. Esse modelo de produção baseado na grande propriedade de terra asfixiava outros modos de produção ao monopolizar as terras férteis. No entanto sua existência não configura um elemento *per se*. Sua sobrevivência é dependente e vinculada à voracidade da produção açucareira, assim como às máquinas envolvidas na produção. A importância do fenômeno do Açúcar e o papel secundário da grande propriedade agrária são tão acentuadas que descolam o latifúndio do próprio engenho¹¹. Sendo assim, as condições de produção atravessam as barreiras da propriedade e o maquinismo reordena a produção do açúcar, a revelia da potência do latifúndio (ORTIZ, 1978, p. 53-54).

O tamanho do território cubano também é um fator preponderante. Com uma área pouco maior que 110.000 km², seu território é menor que o do estado brasileiro do Amapá, com cerca de 140.000 km² ¹². Tal comparação demonstra o desafio que a produção do Açúcar vivenciou em sua empreitada no território da nação caribenha, além das dificuldades que acabou representando para o desenvolvimento da produção particularizada do tabaco. A amplitude da produção açucareira representou em Cuba a concentração de terras e um dos elementos centrais de disputa no país.

¹⁰ Exceto as Carolinas e Virgínia dos Estados Unidos

¹¹ Entendido como sistema de conversão da cana-de-açúcar e de seu refinamento.

¹² Segundo informações presentes no banco de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

Para além disso, o desenvolvimento desse ciclo econômico se manifesta como o grande motivador do tráfico de negros africanos no texto de *Contrapunteo Cubano del Tabaco y el Azúcar*. Isso tirou do latifúndio a exclusividade da pecha progenitor da demanda por braços e trabalho bruto. Assim, esse tipo de lógica produtiva introduz a necessidade de uma ética de trabalho submetida à empreitada colonial de escravização, onde a impessoalidade e brutalidade da atividade física banal transformaram-se no principal anseio. Dessa forma, entendemos esse deslocamento da grande propriedade rural para dimensão secundária do problema, assim como a preponderância do açúcar através da perspectiva econômica (ORTIZ, 1978, p. 54-55).

En Cuba se han achacado al hecho económico de las consecuencias que no son suyas, como la de la importación de braceros baratos y, especialmente, de color. Antes se trajeron africanos esclavos, después jornaleros haitianos y jamaicanos. Pero esta migración, que envilece el tipo de los jornales para todo el proletariado de Cuba, baja el nivel de vida de la sociedad cubana y desequilibra sus componentes raciales, retrasando la fusión nacional, no es consecuencia del latifundio. La trata de negros esclavos o braceros nunca ha sido ni es un fenómeno social subsiguiente al latifundio, una consecuencia del acaparamiento de tierras. Uno y otro fenómeno económico son esencialmente idénticos: concentración de tierras y concentración de braceros, y ambos obedecen a la concentración capitalista derivada de la industria, especialmente cuando el maquinismo ha exigido más tierra para las plantaciones que consume, más brazos para cosecharlas, y, otra vez, en una progresión interminable, más máquinas y más dinero. La tierra y el bracero, como la máquina misma, no son sino medios de producción que se concentran por lo común simultáneamente, pero a veces su concentración es sucesiva. Cuando en Cuba sobran tierras y las máquinas eran débiles, ya había en el negocio azucarero las concentraciones de esclavos traídos de África; no había entonces latifundio que influyera en ello. (Capítulo ad. XIV). Después la máquina, al prosperar en poder por medio del vapor, fue concentrando alrededor de sí misma más y más cañaverales y éstos a su vez exigieron más y más brazos, que se suplieron por la migración blanca y por el crecimiento natural de la población. Pero cuando el ritmo del incremento azucarero fue más rápido que el demográfico y se crearon grandes ingenios, centrales en dilatadas tierras vírgenes, allí hubo que instalarlo todo de nuevo: máquinas, plantaciones y . . . población. Fue la ocupación precipitada de grandes y nuevas comarcas de Camagüey y Oriente, aparte de otras consideraciones económicas secundarias como el tipo de jornales, lo que hizo nacer la trata de negros, ahora contratados en peonaje mísero como antaño comprados en esclavitud desamparada. En Puerto Rico el latifundio ha venido después de la gran expansión demográfica; y, por haber allí una población blanca densísima y en mísera condición, no se han necesitado jornaleros baratos de las otras Antillas. (ORTIZ, 1978, p. 54-55)

Além dessa construção de uma realidade escravocrata, o Açúcar surge em Cuba de uma direção inversa à do Tabaco, trazido do Velho Mundo para o Novo. Seu estrangeirismo é o que causa as maiores respostas de conteúdo político na obra de Fernando Ortiz. Sendo esse caráter forasteiro do comércio do açúcar uma das principais mazelas políticas que acabaram

culminando no domínio estadunidense da Ilha após sua independência da Espanha¹³. Então, o Açúcar acabou representando a entrada do capital, conhecimento, equipamento e gerência estrangeiros, o que vinculou a nação e seu povo a uma rede de dependência onde o exterior está sempre destinado a ser o centro. Desse modo, o país passou a ser sugado e explorado pelo capital estrangeiro ao mesmo tempo em que as chances de desarranjar essas relações tornaram-se cada vez menores conforme a quantidade e pluralidade de capital internacional assumiram a estrutura fundiária (ORTIZ, 1978, p. 61-63).

O Tabaco representou a exata oposição dessa dinâmica imposta pelo Açúcar. Seu consumo e produção apresentaram toda originalidade, habilidade e empenho do povo de seu país. Sua ética privilegia a construção de relações pautadas na liberdade e livre iniciativa, ao mesmo tempo em que incentiva a pequena propriedade de terra. Sendo assim, o arquétipo autonomista e orgulhoso sempre é materializado na figura do Tabaco. Sua inovação e exclusividade posicionaram Cuba no centro do Mundo, ao demonstrar toda excelência do trabalho realizado pelos *vegueros*.

A folha gramínea se tornou o maior patrimônio da Ilha Caribenha no trabalho do antropólogo cubano e acabou por transmitir diferenças sociais totalmente diversas das observadas no cultivo da cana-de-açúcar. Com uma relação de produção em pequena escala, atendendo à qualidade e apuração, seu cultivo privilegiou o desenvolvimento de pequenas propriedades denominadas “vegas”. Nessas pequenas circunscrições de terra se desenvolveu a produção tão celebrada do bem de consumo que materializou a habilidade do povo cubano. Geralmente, tais extensões foram geridas por núcleos familiares ou por grupos comunitários. Desse modo, as propriedades típicas do mundo do Tabaco se afastaram do modelo latifundiário monocultor típico da produção açucareira na América. De certo modo, o Tabaco salvaria Cuba dos conflitos e tensões incitados pela cana-de-açúcar.

Dessa constituição, deriva a inclinação do Tabaco para o trabalho livre e especializado. Com isso, a partir de seu fabrico, mais personalizado, adquiriu uma lógica de organização patriarcal e familiar. Com o patriarcalismo sendo lido a partir de uma chave eminentemente positiva e sendo característica inconfundível do processamento da folha de tabaco. Assim, a mão-de-obra branca, livre do flagelo da escravidão, constitui uma unidade produtiva que favorece seu empreendedorismo e liberalidade, culminando na formação de uma classe média

¹³ O controle estrangeiro sobre Cuba é tão acentuado que, no ano de 1851, o cônsul geral dos Estados Unidos em Havana emite uma declaração afirmando que, apesar do controle administrativo espanhol, Cuba se encontrava em uma área de influência estadunidense. Isso marca o caráter intervencionista que caracterizou a política do país desde sua fundação até seu processo revolucionário principiado com a deposição de Fulgencio Batista em 1959, desvinculando-se dos interesses do capitalismo.

ligada à renda do tabaco (ORTIZ, 1978, p. 63-79). É importante destacar também a baixa propensão para geração de excedente através da “vegueria”¹⁴, o que levou a uma série de restrições e delimitações de sua realização.

Em *Contrapunteo Cubano del Tabaco y elAzucar*, o antropólogo cubano demonstrou a existência de diversas tentativas de inibir ou reorientar a produção do Tabaco do país por parte de institucionais poderosas da época. A primeira inimiga do tabaco foi a Igreja Católica que via uma manifestação ultrajante de heresia e “diabolismo” em seu uso ritualístico por parte dos povos ameríndios. Sua resistência foi derrotada pelo crescente interesse econômico da Coroa Espanhola em relação ao comércio do produto. No entanto, o Estado continuou a fiscalizar a produção da folha gramínea com constante rigidez, podendo ser citada a expulsão do negro¹⁵ da realização de seu cultivo. Ao Açúcar sempre foram dados incentivos de ordem fiscal, legal e comercial por parte das instituições. Ao Tabaco foi sufocado e mantido aquartelado pelo apetite territorial do latifúndio e, mesmo assim, seu cultivo representou a principal manifestação de sucesso do processo de construção da identidade cubana (ORTIZ, 1978, p. 80).

A produção “tabacalera” sempre apresentou uma tendência democrática maior do que a estrutura latifundiária do cultivo da cana-de-açúcar. Ao invés de mão de obra barata, seu intuito foi sempre o de reunir competências e qualificações elevadas para o trabalho no cultivo do tabaco. Essa necessidade de especialização pode ser entendida por um dos muitos termos que Fernando Ortiz utiliza para caracterizar esse modelo de cultivo. Dessa forma, termos como “mimoso” e “constante” são utilizados pelo autor com frequência (ORTIZ, 1978, p. 14). Tal lógica afasta determinantemente os dois produtos capitais de Cuba e gera as derivações que partem o país em dois. Essas duas influências acabam construindo duas nações inversas tanto em natureza quanto em cultura. As duas influenciam Cuba de modos diferentes e é o Açúcar que abarca as características mais negativas.

O que passa a ser mais curioso nessa ideia de “paralelismo contrastante” é a ausência de confrontos entre as duas mercadorias essenciais do país. Apesar de o Tabaco ser o retrato de Cuba e o Açúcar ser a face de um domínio estrangeiro, ambas não guerrearam entre si. Seu *contrapunteo* tendeu historicamente a uma coexistência tranquila, na qual os dois manifestaram características divergências, mas não transferiram essas distinções para esfera do conflito direto. Como o autor se refere, existiram conflitos entre os Açúcares (cana-de-açúcar e

¹⁴ Uma das diversas nomenclaturas voltadas a definir a produção do tabaco de qualidade produzido pelas famílias e comunidades brancas. Essas propriedades eram o verdadeiro motivo de atração de imigrantes brancos para Cuba, assim como a iniciativa mais salutar ao seu desenvolvimento.

¹⁵ Primeiro contingente imigrante a cultivar o tabaco na Ilha Caribenha.

beterraba) e entre os Tabacos (cubano e estrangeiro), mas nunca entre os dois cultivos cubanos. Suas distinções tendem muito mais à síntese do que a destruição mútua (ORTIZ, 1978, p. 87-88). Essa perspectiva do conflito poderá ser melhor observada mais adiante ao matizarmos as marcas deixadas na sociedade local por esses dois caracteres distintos.

Como provedor do futuro cenário de intercâmbio cultural, o Tabaco e o Açúcar transformaram as realidades onde estavam inseridos. Sendo assim, ambos atuaram como abrigo para as dinâmicas de interação e interpenetração entre culturas. Assim como a casa grande e a senzala, de Gilberto Freyre, os dois principais produtos agrários cubanos determinaram o nascimento das instituições que serviram de cenário para o encontro entre diferentes grupos culturais. Mas em Cuba a chave econômica condicionou os perfis desenvolvidos na sociedade.

2.4 A casa grande e a senzala: Brasil, reino do açúcar.

O livro de Gilberto Freyre realiza uma apresentação do binômio nacional brasileiro muito distinta do *contrapunteo* apresentado para o binômio nacional tratado no livro de Fernando Ortiz. Na sua versão de binômio, o Açúcar condiciona as estruturas sobre as quais acaba versando. Assim como sua ideia de interpenetração, esses conceitos permanecem embutidos na narrativa, sem figurar constantemente no desenvolvimento do texto. O trabalho de extrair a tipicidade dessa relação presente em *Casa Grande & Senzala* deve estar voltado ao surgimento dos significados atrelados às estruturas do latifúndio monocultor. Como o antropólogo cubano utiliza o Tabaco e o Açúcar como arquétipos de duas identidades nacionais diferentes, Freyre utiliza as construções arquitetônicas típicas do latifúndio açucareiro como representações dos dois principais grupos formadores da identidade nacional brasileira. Negros e brancos se encontram sob a égide dessas nomenclaturas e é em relação a esse sistema que suas relações se constituem.

Essa representatividade das estruturas típicas da grande propriedade de cultivo de cana-de-açúcar, assim como seus grupos culturais, pode ser conferida ao recorrermos à tradução da obra para o idioma inglês. Nele, ao invés de uma tradução mais literal, adaptou-se o título para “The Masters and the Slaves”, indicando a centralidade das relações entre as diferentes coletividades. Desse modo, os termos delimitados transmitem o jogo relacional de troca entre os principais contribuintes nas gêneses do povo, cultura e nação brasileiros.

Essa importância da casa, para a análise de Gilberto Freyre, é retirada da concepção do valor histórico-social da habitação, abordado anteriormente por Oswald Spengler¹⁶. Além da estrutura dessas casas, os componentes envolvidos nesse mundo doméstico representam a concatenação de todo um sistema econômico, social e político. Esses sistemas penetram a noção do lar através dos elementos oriundos do uníssono açucareiro brasileiro com seu trabalho escravo, latifúndio monocultor, religião dócil, vida sexual libidinosa e determinação do patriarcado. A soberania do Açúcar determinou as características mais profundas da vida social utilizando-se dessas edificações do engenho (FREYRE, 1987, p. 16). Nesse sentido, a casa grande transforma-se na genuína expressão das originalidades brasileiras em seus mais diversos campos.

A casa-grande, completada pela senzala, representa todo um sistema econômico, social, político: de produção (a monocultura latifundiária); de trabalho (a escravidão); de transporte (o carro de boi, o bangüê, a rede, o cavalo); de religião (o catolicismo de família, com capelão subordinado ao *paterfamilias*, culto dos mortos etc); de vida sexual e de família (o patriarcalismo polígamo); de higiene do corpo e da casa (o "tigre", a touceira de bananeira, o banho de rio, o banho de gamela, o banho de assento, o lava-pés); de política (o compadrismo). Foi ainda fortaleza, banco, cemitério, hospedaria, escola, santa casa de misericórdia amparando os velhos e as viúvas, recolhendo órfãos. Desse patriarcalismo, absorvente dos tempos coloniais a Casagrande do engenho Noruega, em Pernambuco, cheia de salas, quartos, corredores, duas cozinhas de convento, despensa, capela, puxadas, parece-me expressão sincera e completa. Expressão do patriarcalismo já repousado e pacato do século XVIII; sem o ar de fortaleza que tiveram as primeiras casas-grandes do século XVI. (FREYRE, 1987, p. 16)

A junção entre as duas estruturas referidas demonstra mais do que a mera divisão espacial da comunidade residente na grande propriedade rural. Esse binômio representa manifestações espirituais, culturais e sociais do que era a principal colônia de Portugal. Esse grau de importância se torna maior quando pensamos no monumental tamanho que o latifúndio monocultor de cana-de-açúcar acabou atingindo no Brasil. Ao abordar o tema, Freyre se refere ao espanto de Roy Nash¹⁷ ao saber que determinados homens controlavam territórios maiores que muitos países. Tal organização chegou a extremos como os da família Costa Ferreira, detentora de uma propriedade com área maior que a Inglaterra, a Escócia e a Irlanda juntas (FREYRE, 1987, p. 33). Isso denuncia o caráter familiar de nossa colonização, pois a análise da família brasileira é completamente feita sob a vigilância do engenho de açúcar.

¹⁶ Freyre retira essa concepção da obra *The decline of the West* de Oswald Spengler. No entanto, o autor indica que a ideia de valor da casa fora tratada anteriormente pelo economista e historiador alemão Gustav Von Schmoller.

¹⁷ Autor de *The Conquest of Brazil*, publicado originalmente em 1926

Apesar da disponibilidade de vastas extensões de terra, diversas foram as implicações derivadas da hipertrofia da propriedade rural brasileira. Essa concentração territorial no cultivo da cana-de-açúcar representa o empobrecimento da alimentação, pois, o monopólio prejudicava o cultivo de culturas essenciais para alimentação nacional (FREYRE, 1987, p.71-72). Outro resultado deriva da criação de uma estrutura de poder local baseada no domínio do senhor territorial sobre as suas respectivas comunidades regionais, o que minava as possibilidades de criação de um poder centralizado, gerando uma séria preocupação quanto à unidade política brasileira (HOLANDA, 1936). Tais fatores representam o início das concepções negativas sobre tal agricultura em *Casa Grande e Senzala*.

Essa perspectiva teórica que compreende a antecedência do engenho em relação à ideia de unidade política coaduna-se com a concepção de dualidade nacional presente no trabalho de Martins de Almeida. Nele, o autor apresenta dois cursos da nacionalidade brasileira desenvolvendo-se paralelamente e permanecendo dissociados ao longo de seu desenvolvimento. Esses dois fenômenos permaneceriam em separado, repelindo-se mutuamente e representando dois aspectos de uma nação que tem a difícil tarefa de dar personalidade e identidade à sua existência. Uma lidava com as características legítimas e autênticas, e são referidas como “de fundo”. A outra vive a dimensão da forma e acaba se tornando um movimento de “superfície”. (ALMEIDA, 1932, p. 181)

Gilberto Freyre posiciona sua noção da importância da casa grande e da senzala exatamente na dimensão “de fundo”, seguindo a orientação de Spengler sobre o tema. Sendo assim, as duas estruturas típicas da grande propriedade rural açucareira são prenúncios de uma primeira formação do país. Acabaram agindo como arautos da determinação do uníssono açucareiro. Cabe ressaltar a exclusão do ameríndio desse binômio pensado como representação dos grupos. Sua influência passa a atuar no campo da memória e dos mitos com a sobrevivência de sua profilaxia espiritual. De certo modo, ao índio, não foi sequer dada a chance de adentrar plenamente no processo de interpenetração vivenciado pelos dois edifícios do latifúndio, pois esse foi morto pelo mesmo açúcar que era o motor da colonização¹⁸ (FREYRE, 1987, p. 188).

Podemos entender a relação entre as duas estruturas do engenho como o contraponto feito por Freyre entre o negro e o branco. Essa aproximação do cambio cultural formador de nossa nacionalidade por via do engenho também pode ser atribuída ao seu grau de importância para o desenho das primeiras aventuras de colonização e cultivo no Brasil. Por sua vez, tal

¹⁸ São inúmeros os pontos em que Gilberto Freyre chama atenção para inaptidão do índio para o trabalho. Sua incompatibilidade com esse espírito da cultura européia parece ter levado ao seu apagamento da contemplação realizada em *Casa Grande e Senzala*.

importância pode ser verificada em relação à vitória da centralização latifundiária sobre a influência do clero. “No Brasil, a catedral ou a igreja mais poderosa que o próprio rei seria substituída pela casa grande de engenho” (FREYRE, 1987, p. 224). Dessa forma, o clericalismo é substituído pela capela de engenho e sua tentativa de estabelecimento como instituição esvaiu-se frente ao choque com o oligarquização e nepotismo típicos da classe senhorial escravocrata. O reino do açúcar foi tão grande que sufocou as duas instituições portuguesas mais potentes.

O binômio nacional brasileiro passa a ser importante na mesma medida em que o engenho de açúcar absorve e sintetiza todas as manifestações culturais envolvidas em sua formulação. Os elementos utilizados pelo autor pernambucano para compreender como o Brasil chegou a essa modalidade específica de colonização foram o desengano com a Índia, a inferioridade da cultura ameríndia e a lavoura monocultora. Tais elementos culminaram no desenvolvimento de uma colonização agrária e escravocrata no país que atendesse às necessidades da lavoura de cana (FREYRE, 1987, p. 286).

A preocupação com o caráter de nossa colonização representa uma outra especificidade do pensamento incutido em *Casa Grande & Senzala*. De certo modo, a povoação de um território americano tão vasto como o brasileiro só foi possível, na visão do autor, devido aos usos dados às mulheres índias e negras, assim como o estabelecimento de uma rede gigantesca de tráfico de escravos. Em última análise, pode-se entender a escravidão, típica da monocultura, como método de colonização característico da incursão portuguesa no Brasil ¹⁹. Tal caráter universal do instituto da escravidão fornece a segunda parte desse binômio. O negro passa a ser o maior contribuinte do colonizador e assim transmite os mais diversos costumes, técnicas, hábitos, crenças, linguagens e ideias para o recém formado povo brasileiro (FREYRE, 1987, p. 270).

Com a escravidão do negro, essa divisão entre as duas estruturas torna-se ainda mais relevante. Ela passa a figurar como o epíteto dos “antagonismos equilibrados” presentes na obra e é pensando nessa relação entre as duas esferas sociais representadas pela casa grande e a senzala, tão distantes do ponto de vista hierárquico e tão próximas do ponto de vista espacial, que o autor se debruça para compreender a incursão do escravo negro na vida sexual e familiar do “brasileiro”. Esse enfoque permitiu o entendimento da lógica de passagem do negro africano e de sua cultura, do isolamento na senzala para integração com a casa grande. É importante notar que o fluxo parece sempre verter da senzala para casa grande. É sob sua proteção que a

¹⁹ A população de Portugal correspondia a cerca de 1, 25 milhão de habitantes por volta dos anos de 1527 e até 1811 sua população pouco mais que dobra. Esses dados podem ser verificados em *Estatísticas Históricas Portuguesas*, relatório do INE (Instituto Nacional de Estatística)

integração é realizada, pois o branco nunca foi descrito dentro da senzala, a não ser em relação às específicas incursões sexuais noturnas e a perpetração de castigos por parte dos senhores.

Nesse sentido, o binômio nacional freyreano pode ser entendido como um dos vários casos de “antagonismos equilibrados”, devido ao fato que ambas se prestam à harmonização através do seu constante contato, apesar de todas as distinções. Essas duas estruturas díspares se mantêm unidas sob um caráter indissociável de opostos. Por meio de suas concessões mútuas formam um sistema pacificado e aproximativo. O contato através da vida sexual aproxima os grupos que são colocados como opostos pela influência desagregadora da agricultura da cana-de-açúcar. Essa permanece sendo uma das provocações mais fortes relacionadas ao texto de *Casa Grande & Senzala*. No entanto, essa passagem do indivíduo da senzala para casa grande não se desenvolveu de modo tão aberto, pois, entre as disponibilidades, o trabalho mais fino vinculado ao serviço doméstico era reservado aos considerados dotados de maiores qualidades físicas e morais. Com essa aproximação através do transporte do negro para o ambiente domiciliar e de poder do senhorio, novas dinâmicas são introduzidas, transformando as relações entre mestres e servos em confraternizações menos duras e mais distanciadas dos castigos típicos de um regime escravocrata (FREYRE, 1987, p. 371).

Mas aceita, de modo geral, como deletéria a influência da escravidão doméstica sobre a moral e o caráter do brasileiro da casa grande, devemos atender às circunstâncias especialíssimas que entre nós modificaram ou atenuaram os males do sistema. Desde logo salientamos a doçura nas relações de senhores com escravos domésticos, talvez maior no Brasil do que em qualquer outra parte da América. (FREYRE, 1987, p. 371)

Sendo assim, percebe-se que além de ter introduzido as causas da penetração do negro na casa grande, Freyre demonstrou a natureza paradoxal do relacionamento entre dominantes e dominados no âmbito da vida no engenho. Essa elite agrária aristocrática mantida pelo açúcar comungou com seus cativos de modo a embaralhar as relações que supostamente seriam “naturais” à um sistema de escravidão. Foram diversos os efeitos morais e sociais da monocultura e do regime escravocrata para os negros escravos. Além disso, a ética senhorial levou à crescente submissão do africano a uma situação de inferioridade e vulgarização sexual pelas mãos dos seus donos. É curioso pensar que mesmo sendo uma sexualidade cruel, a resposta para agregação foi justamente através desse contato.

De fato, o autor pernambucano dedicou uma extensa parte de seus esforços para descrever os hábitos e vícios impostos pelas práticas dos senhores. Desses, o uso dos negros como objetos de desejo sexual foi o que levou às principais reflexões de Freyre sobre a formação da elite, sobretudo dos homens. Os meninos eram criados desde jovens sob o

aquartelamento de uma casa grande que absorvia todas as dimensões de bordel. O acesso e a disponibilidade sexual das negras e negros escravos quase não apresentavam limites. Isso resultou em um perfil de ação que incentivou a depreciação do senhorio (FREYRE, 1987, p. 371). É interessante perceber que o afastamento entre os dois grupos em *Sobrados e Mucambos* também fora feito sob a égide de duas estruturas arquitetônicas e marca a supressão dessa hipertrofia das faculdades da casa grande, assim como a decadência do reino açucareiro (FREYRE, 1936).

O binômio utilizado em *Casa Grande e Senzala*, mais do que simples edificações, representou todas as dinâmicas e relações presentes no contato entre os dois grupos formadores da identidade nacional brasileira. Enquanto isso, as ideias propostas com relação ao sobrado e ao mucambo determinaram os contornos da transição de uma dinâmica propriamente intimista do mundo do engenho para o distanciamento urbano. Isso acontece a partir da segunda metade do século XIX, com o a separação urbana das moradias de negros e brancos. Dessa forma, o complexo do latifúndio representava o único universo onde o encontro entre esses dois contingentes poderia se dar com relativa eficiência, aproximação e harmonização. O Açúcar, assim como diversos elementos na obra de Freyre, assume usos oscilantes. Ele podia ser representante do sufocante aperto monocultor, escravocrata e latifundiário, mas somente sob sua tutela houve reais possibilidades de integração. O fato de sua integração estar presente no próprio mundo da cana-de-açúcar será alvo de análise mais acurada no próximo capítulo.

Duas representações do nosso encontro racial, cultural e social foram posicionadas pensando no dueto entre as construções típicas dessa organização da produção do açúcar. Além disso, esse ângulo viabilizou o reposicionamento do negro como ator responsável por uma contribuição cultural quase paralela à portuguesa. O binômio nacional de Freyre permitiu a compreensão da formação do povo brasileiro e a animação de sua cultura. O Açúcar foi o mais importante elemento na formação do quadro desenhado em *Casa Grande e Senzala*. O fato de não haver nada correndo em paralelo ao seu cultivo no Brasil pode ser uma das explicações para o enfoque nas dimensões internas do latifúndio

2.5 O paralelismo cubano e o reino do açúcar: dois princípios de formação nacional

Sem dúvida, o principal traço distintivo entre as duas aproximações presentes nas obras de Fernando Ortiz e Gilberto Freyre esteve situado na particularidade econômica da análise feita pelo cubano e o conteúdo predominantemente cultural do brasileiro. Por isso, pode-se entender que, apesar das proximidades históricas entre Cuba e Brasil, certas imposições da

agricultura açucareira nacional acabaram condicionando as orientações analíticas das duas obras. Tal fato pode ser percebido pela despreocupação ortiziana com a descrição sobre as construções do engenho. Assim, também cabe ressaltar a ausência de um fenômeno econômico simultâneo ao da cana-de-açúcar em *Casa Grande e Senzala*.

Essas distinções no enfoque de ambos os autores está alinhada com as idiossincrasias de seus respectivos países na medida em que um é marcado pela dualidade de seus ciclos econômicos e o outro pela total ausência de um contra movimento de mesmo tipo. A dupla coordenação da sociedade cubana, na figura de seus dois fenômenos econômicos, retirou o espaço que poderia ter sido dedicado ao aprofundamento da compreensão das dinâmicas internas do latifúndio açucareiro na obra de Ortiz. Da mesma forma, a total universalidade da monocultura açucareira no Brasil não impôs uma dinâmica comercial diferente do latifúndio na forma de engenho de cana-de-açúcar.

Como referido anteriormente, Fernando Ortiz utiliza o termo “paralelismo contrastante” para denominar o singular desenvolvimento econômico de seu país. Sua gênese dupla marca o principal traço histórico da formação de Cuba e, dessa forma, engendra um constante diálogo entre modos de produção que representam os opostos um do outro. Essa relação de contradição passa de simples distinções no campo dos negócios até as mais profundas disparidades filosóficas quanto aos impulsos gerados por cada cultivo. O Açúcar e seu refinamento adquiriram teores que foram desde a extensão de suas áreas de plantio até o seu vínculo simbiótico com a escravidão moderna. O Tabaco recebe uma caracterização que vai desde a intensidade e apuração de seu trabalho até a sua natural tendência à formação de uma noção de liberdade. Desse modo, inaugurou-se a longa caminhada compartilhada entre Dona Azucar e Don Tabaco. Mormente, criou-se a cisão da formação nacional desagregadora do Açúcar e construtiva do Tabaco (ORTIZ, 1978, p. 14).

Freyre convive com o monólogo da cana-de-açúcar como matriz da economia brasileira. O exclusivismo açucareiro, típico do período trabalhado em *Casa Grande e Senzala*, impôs uma agenda diferente para o autor. Ao invés de se preocupar com a dimensão econômica e a resolução de sua bivalência, o texto penetra e se aprofunda na dimensão das relações estabelecidas entre os grupos presentes no processo de colonização. Toda correspondência entre negros, ameríndios e portugueses atendeu ao consciente esforço na delimitação dos traços mais tradicionais da cultura do país. Suas frequentes digressões sobre a riqueza da culinária, o hábitos de aproximação, as crenças, mitos e costumes atendem à sua minuciosa preocupação com a marcação de nosso modelo de integração social, muito diverso do característico das nações de colonização anglo-saxã e puritana.

No entanto, pode-se perceber a atenção para o caráter prejudicial do açúcar em relação à concepção de uma ideologia de liberdade em ambos os autores. Ao contrário de Cuba, o Brasil não apresentou um movimento inverso que impulsionasse o trabalho livre, como o engendrado pelo Tabaco na ilha caribenha. Assim como também não apresentou os mesmos níveis de internacionalização do capital açucareiro, como os observados no país de Fernando Ortiz²⁰. Com essa supremacia da monocultura, uma certa estirpe aristocrática colonial foi formada e pôde ser observada em diversos contextos nacionais geograficamente separados. Sobre essa alta classe de proprietários de terra, Gilberto Freyre indica o seguinte:

No Sul dos Estados Unidos criou-se e desenvolveu-se, do século XVII ao XVIII, um tipo aristocrático de família rural muito mais parecido ao do norte do Brasil de antes da Abolição que a burguesia puritana da outra metade da América, de origem também anglo-saxônica, porém influenciada por um regime econômico diverso. Quase os mesmos fidalgos rústicos cavalheiros ao seu jeito; orgulhosos do número de escravos e da extensão da terras; multiplicando-se em filhos, crias e muleques; regalando-se com amores de mulatas; jogando cartas, divertindo-se em brigas de galo; casando-se com meninas de quinze; dezesseis anos; empenhando-se em lutas por questões de terra; morrendo em duelos por causa de mulher; embriagando-se com rum em grandes jantares de família vastos perus com arroz assados por “*oldmammies*” peritas na arte do forno, geléias, pudins, guisados, doce de pêra, quitutes de milho. (FREYRE, 1987, p. 395)

Essas elites foram vinculadas por um simples e derradeiro fato, sua dependência do cultivo único e em escala volumosa. Seja o açúcar, o algodão ou o “tabaco das Carolinas”, seus cultivos implicaram em derivações relativamente próximas, pois tinham no consenso escravocrata uma de suas principais bases operativas. No caso brasileiro e cubano, o Açúcar desenvolveu-se como a principal lavoura monocultora. O patriarcado parecia ser o aparelho operativo ideal para essa organização da produção agrícola. Sendo assim, a auto-suficiência do latifúndio era determinante para esse processo. É interessante observar também que apesar da preponderante presença da grande propriedade de terra na história cubana, pouco tenha se falado a respeito do arranjo familiar presente no Engenho. A essa omissão, soma-se o fato de que Freyre alude à influência do patriarcalismo e da família em Cuba, ao falar desse senhorio monocultor.

No sul dos Estados Unidos, como em Cuba, a criança e a mulher sofreram passivamente, nas casas grandes, as mesmas influências, não tanto de “clima”, nem da “simiesca lubricidade africana”, como do sistema de produção econômica e de organização patriarcal da família, sofridas pelo menino e pela sinhá-dona, nos engenhos e nas fazendas do Brasil. No Brasil, os meninos de

²⁰ Grande parte do texto de *Contrapunteo Cubano del Tabaco y elAzucar* é dedicado ao grau de estrangeirismo do capital envolvido na monocultura açucareira em Cuba. De fato, o autor demonstra que em determinado momento a maioria dos detentores de terra sequer já haviam pisado no país.

engenho anteciparam-se aos do sertão em experiências de mulher; os do sul dos Estados Unidos anteciparam-se aos do norte. (FREYRE, 1987, p. 395)

Esse *ethos* compartilhado entre as elites nacionais envolvidas com a produção agrária colonial apresentou-se de extrema importância em todas as abordagens do autor brasileiro. Enquanto isso, percebe-se a escassez de descrição sobre essa dimensão na obra de Fernando Ortiz. Essa supressão do tema pode ter sido causada pelo teor de seu *contrapunteo*, muito focado no caráter estrangeiro da produção açucareira, representante do teor deletério do domínio externo no país caribenho. De fato, as casas típicas desse regime agrário não são citadas em nenhum momento em sua obra. Sobre a organização interna dos latifúndios foram apenas mencionadas as suas estruturas produtivas, como os locais de processamento. O que servia mais ao ensejo da análise contraposta do processo produtivo do açúcar e do tabaco, do que à dinâmica dessas estruturas.

A casa está sempre presente na descrição do mundo do tabaco. A habitação, assim como a família e o sistema patriarcal são elementos vinculados à *vegatabacalera* e ao seu trabalho livre. Desse modo, essas noções aparecem em *Contrapunteo Cubano del Tabaco y elAzucar*, mas deslocadas para o universo paralelo ao açúcar. Esse elemento impossibilitou determinadamente a concentração da análise nas relações embutidas no latifúndio cubano, pois a família e sua dinâmica simplesmente não estavam mais situadas dentro desse fenômeno de produção.

En el tabaco la producción ha sido más personal y su trabajo tuvo patriarcalismo y familiaridad. El azúcar fue industria anónima, labor multitudinaria de dotaciones de esclavos o de cuadrillas de jornaleros, arreadas por los mayores del capital. El tabaco ha creado clase media, burguesía libre; el azúcar ha creado clases extremas, esclavos y amos, proletarios y hacendados. “No hay pueblo en La Habana; no hay más que amos y esclavos”, decía de su patria hace un siglo la Condesa de Merlín. Pero la misma escritora observó que “el guajiro prefiere vivir un poco con tal de vivir con libertad”. En el ingenio hubo el hacendamiento y la servidumbre del feudo y señorío; en las vegas hubo la hacendosidad libre del humilde villanaje. La vieja aristocracia colonial de Cuba fue casi siempre noblecimiento titular del hacendado enriquecido con trapiches y esclavos. (ORTIZ, 1978, p. 63-64)

É justamente nesse trecho que verificamos a maior contemplação da aristocracia agrária cubana, mesmo que feita de modo a arrancar-lhe o vínculo com a ideia de família e dotá-la de um teor mais fabril e despersonalizado. A falta de impressão se atrela com a falta de autenticidade com a qual o cultivo da cana-de-açúcar é relacionado no texto de Ortiz. Os dois fenômenos econômicos simultâneos de Cuba preencheram completamente as contradições nacionais do país. O estrangeirismo vinculado à grande propriedade rural na ilha caribenha se

confronta com a forte conexão apresentada por Freyre entre o senhorio e sua comunidade, cuja proximidade é tão grande que se traduz em franco processo de intercuro sexual.

No Brasil, o único paralelismo que pôde ser compreendido foi o encontrado dentro do próprio sistema de produção açucareira, através da total independência e dissociação existente entre os latifúndios²¹. Essa visão do latifúndio como verdadeira unidade social fora acompanhada por um incontrolável poderio dos senhores territoriais. No entanto, nosso agrarismo feudal não se expande no sentido gerador de uma lógica que sequer seja de proto-vassalagem. Todos os senhores correspondem a núcleos de mando totalmente autônomos uns dos outros, sem qualquer indício de formação de uma rede mais complexa de dependência e autoridade. Homens cuja posição social os pareava com o status da nobreza. Esse foi um dos maiores desafios para construção de uma centralidade do poder político na antiga colônia de Portugal (ARAÚJO, 1994).

Todo esse determinismo do latifúndio sobre a formação da sociedade brasileira restringiu, de certo modo, a análise de *Casa Grande & Senzala* ao âmbito interno dos engenhos. Ao contrário de Fernando Ortiz, o autor brasileiro explora pouco uma realidade exterior ao mundo do cultivo de cana-de-açúcar. O cultivo do Tabaco no Brasil mostrou-se também como monocultura e em escala bem inferior à difusão da lavoura de cana. Desse modo, o livro simplesmente não se propôs à essa empreitada e, nesse sentido, abre uma lacuna de distinção com o constante transbordamento da perspectiva economicista açucareira realizado em *Contrapunteo Cubano del Tabaco y elAzucar*. De fato, são poucos os momentos em que Gilberto Freyre extrapola os limites do latifúndio brasileiro, pois se contém em grande medida à compreensão das relações humanas nesse universo. Ou seja, um açúcar pensado como gerador de um modelo de vida.

Dessa forma, os estímulos para cada um dos trabalhos parecem girar em dois eixos específicos. A obra do cânone brasileiro apresentou-se como uma peça de estudo sobre o “amortecimento de choques” entre totalidades culturais discrepantes. A atenção dada ao conteúdo do encontro é visível quando defrontada com a obra cubana. Talvez, tal circunstância tenha sido gerada pelo consenso econômico em torno da lavoura de açúcar e do trabalho escravo como elemento basilar dessa empresa. Em Cuba, certos aspectos dessa mesma dimensão econômica não haviam sido previamente resolvidos e, apesar da introdução do conceito de transculturação, o *contrapunteo* de Fernando Ortiz permaneceu como um tratado que discorre,

²¹ Caráter já indicado por Martins de Almeida em *Brasil Errado* de 1932

predominantemente, sobre as distinções desencadeadas pelo fenômeno econômico do Tabaco e o fenômeno econômico do Açúcar.

Por último, temos ao arranjo “racial” dessas nações a partir de seus binômios. Enquanto o Tabaco sempre foi vinculado à presença do branco, seja pelas proibições de cultivo impostas à qualquer outro grupo ou à suposta maior especialização de seu trabalho, o Açúcar foi atrelado à sustentação de um constante aumento no número de negros no país. Assim, os dois fenômenos condicionam dois abastecimentos populacionais vistos como inversos a partir de uma perspectiva cultural. Um traz o branco imigrante treinado, movido por um espírito liberal, inovador e familiar. O outro introduz o negro africano submetido à mais insalubre condição de trabalho, materializada na organização escravocrata da produção agrária (ORTIZ, 1978). Em Gilberto Freyre, a relação com os grupos culturais está vinculada aos limites da casa grande e da senzala, dessa forma, do açúcar. Uma é a fortaleza de onde emana o domínio do branco e o outro é a materialização do cativo perpétuo do escravo africano. Ambos são os arquétipos desses dois grupos, seu afastamento e aproximação também representam o afastamento e a aproximação entre os contingentes envolvidos na formação do Brasil. Os trajetos de integração realizados por eles são coordenados a partir dessa divisão do latifúndio.

Os binômios nacionais de cada obra, a despeito de suas especificidades, representam um dos mais importantes eixos de comparação entre os dois autores. Suas preocupações com uma narrativa que pudesse dar conta das dualidades inerentes aos seus objetos de estudo acabaram culminando na estruturação binomial de seus trabalhos. Diversos autores possuem modos de tratar conceitos ou ideias a partir de uma relação binomial, no entanto, essas divisões poucas vezes assumiram o caráter central que gozaram em *Contrapunteo Cubano del Tabaco y el Azúcar* e *Casa Grande & Senzala*, onde determinaram o modo operativo das análises produzidas. São suas preocupações em dar devida atenção à multiplicidade de suas sociedades que parecem construir essa constelação de paralelos entre as discussões realizadas.

Agora que conseguimos dar conta da leitura binomial dos autores e sua implicação para suas abordagens da agricultura açucareira, podemos avançar no sentido de como ambos lidam com os resultados engendrados por essas especificidades da monocultura latifundiária de seus países. A abordagem desses temas a partir da dimensão das desagregações, conflitos, tensões e possíveis sínteses torna-se de imensa importância se quisermos compreender as derivações geradas pelo Açúcar nas duas análises.

3. CONFLITO, DESAGREGAÇÃO E AGREGAÇÃO: OS RESULTADOS DA INFLUÊNCIA DO AÇÚCAR

3.1 Introdução

A nacionalidade vista como configuração histórica é marcada por processos de desenvolvimento de forças sociais, atividades econômicas, arranjos políticos, produções culturais e assim por diante (IANNI, 1987). Desse modo, países constituem idiossincrasias determinantes mesmo desfrutando de uma miríade de semelhanças. No âmbito do conflito, Cuba e Brasil desenvolveram particularidades muito específicas dentro do quadro latino-americano. A maior influência na determinação da singularidade de cada uma das duas realidades nacionais foi a predominância da monocultura açucareira na pátria de Gilberto Freyre e o paralelismo entre o Tabaco e o Açúcar na ilha caribenha onde Fernando Ortiz nasceu.

As duas obras apresentaram abordagens sobre as propriedades desagregadoras do mundo do Açúcar, assim como as possíveis soluções para sua neutralização. *Casa Grande & Senzala* é uma obra que sofreu com os mais diversos revisionismos quanto ao seu teor supostamente romantizado, sobretudo pelo paradigma inaugurado por Florestan Fernandes e a USP. Essa ideia de ausência de conflito foi fruto da preocupação freyreana com a integração harmônica entre as culturas progenitoras da sociedade brasileira. No entanto, tal visão, tão combatida por autores como Ricardo Benzaquen de Araújo, Pallares-Burke e o próprio Emerson de Oliveira, apresenta certas fragilidades relacionadas ao caráter extremamente ambíguo e paradoxal desse sistema de construção conciliatória.

Na obra de Fernando Ortiz, as tensões, assim como todos os elementos presentes na realidade cubana, são dados por elementos vinculados e subsidiários à economia. Seja devido à rigidez da Coroa espanhola ou aos confrontos entre os senhores de terra (*hacendados*), o Estado Cubano e os pequenos produtores de tabaco (*vegueros*). Essas perspectivas desagregadoras foram sempre perpassadas por causalidades de natureza econômica, materializadas pelo cultivo de açúcar. O país de Ortiz sempre se constrói a partir das dinâmicas criadas entre o “Don Tabaco” e a “DoñaAzucar” (ORTIZ, 1978). Esse conflito permanece sendo uma das principais lacunas no trabalho de Emerson de Oliveira e sem dúvidas acaba merecendo a atenção dedicada nessa etapa de nossa análise.

Como abordado em páginas anteriores, o trabalho de Emerson Divino de Oliveira constitui a principal peça de comparação entre as obras dos dois autores. Porém, suas preocupações com o traçado das trajetórias intelectuais dos dois pensadores acabam tirando-lhe

o fôlego para um aprofundamento maior na dimensão do conflito, sobretudo pensando nas duas obras especificamente tratadas na presente análise. Dessa forma, iremos explorar as conexões, especificidades e possibilidades presentes no paralelo entre os dois textos no que tange à essa dimensão.

Determinadas considerações são feitas a respeito da harmonização em Cuba. Para tal intento, o autor introduz noções trabalhadas por figuras preocupadas com a formação nacional da ilha. Um deles, Nicolás Guillén, apresenta uma forte crítica ao preconceito e marca posição sobre uma pauta integrativa que seja oposta ao segregacionismo americano. Logo, ficava clara a preocupação com a maneira com a qual o negro e o mulato poderiam ser integrados na sociedade cubana (OLIVEIRA, 2012, p. 52-53). Mesma perspectiva presente na discussão iniciada pelo trabalho de Florestan Fernandes, no entanto, situada em outro contexto geograficamente isolado do brasileiro. A tendência para o desalinhamento com o conflito americano é um fator presente em diversos estudos realizados no Brasil.

De fato, a reconstituição do intervencionismo dos Estados Unidos como presença constante na história republicana de Cuba acaba resultando na sua responsabilização pelo preconceito existente no país. Nesse sentido, a influência deletéria do paradigma anglo-saxônico sobre a sociedade cubana além de introduzir o mesmo segregacionismo, tenderia a reprimir manifestações em defesa dos direitos das “razas de color”, inibindo organizações baseadas na cor. Esse influxo normativo sobre a ilha caribenha acabaria gerando um racismo que tem mais influência externa do que de sua própria formação histórica. Desse modo, desenha-se um racismo muito mais “exógeno” do que genuíno (OLIVEIRA, 83-84). Isso se coaduna bastante com o juízo feito pelo próprio Fernando Ortiz. Nessa chave de valorização, a nação acaba por não produzir nenhuma de suas mazelas por conta própria e com isso todos os problemas acabam sendo manifestações do pé estrangeiro em sua sociedade. É nesse momento que a agricultura açucareira entra. Seu cultivo passa por um crescente processo de internacionalização e o leva a ser o representante desses interesses exógenos. Essa descaracterização do perfil cubano pela influência exterior foi um *tópos* frequente nas análises de valorização nacional e para Ortiz demonstra os contornos de uma constante ideia de “descubanização” (ORTIZ, 1978, p. 76).

Apesar da tentativa de escape por via da exteriorização do preconceito, noções de racismo em Cuba tornaram-se dissimuladas e tênues, tanto no período republicano, quanto no revolucionário. As percepções do negro como inferior passaram do campo econômico para um campo de percepção e estigma, onde o negro tem menos valor que o branco. Mesmo havendo uma tentativa de criação de cenário igualitário por parte do governo subsistiram dinâmicas de

discriminação. Assim se percebe que a sociedade cubana criou, à sua maneira, um "mito" próprio de igualdade e acabou convivendo com os dilemas do preconceito velado (ROBAINA, 2007).

Além da atenção dada por Emerson de Oliveira às relações problemáticas entre os grupos raciais cubanos, certa ênfase é dada no papel dos *tabaqueros* na luta pela independência. A agitação política e a capacidade de profusão de ideias típicas desse universo permitiram que certos impulsos autonomistas fossem formados (OLIVEIRA, 2012, p. 104). Exploraremos esse papel e as tensões existentes quanto ao cultivo latifundiário mais adiante, além de sua convivência com a sufocante hipertrofia do latifúndio de cana-de-açúcar cubano.

O autor toca mais levemente na dimensão do conflito em Gilberto Freyre. Acontece uma espécie de substituição ao tratar dessa parte da comparação. Sendo assim, *Casa Grande & Senzala* passa a representar o rompimento com o paradigma das gerações intelectuais de 1870 e, desse modo, se afasta de uma abordagem mais pormenorizada do teor do conflito em sua obra. No entanto, cabe chamar atenção para mesma aversão ao racismo estadunidense presente no trabalho de Fernando Ortiz. Essa brevidade na análise pode ser fruto da maior reflexão direcionada à essa dimensão na obra do autor brasileiro. Dessa forma, Oliveira tentou desvincular seu trabalho das perspectivas que adotam a imputação da noção de “democracia racial” à obra de Freyre ²²(OLIVEIRA, 2012, p. 133).

O termo democracia racial seria um constructo que objetivaria esconder e negar os conflitos étnicos na formação social brasileira. O termo nunca foi usado por Freyre, ainda que a noção de Equilíbrio de Antagonismos, em sentido ampliado, possa servir a essa interpretação. Intelectualmente e socialmente Gilberto Freyre foi alvo de debates e preconceitos tanto quanto de admiração. Sua obra, de caráter etnográfico, inaugurou um novo modo de percepção dos elementos identitários e da contribuição da população negra na formação da cultura nacional e de nossa identidade. (OLIVEIRA, 2012, p. 133)

A pouca preocupação do autor de *Casa Grande & Senzala* em criar linhas conceituais claras também é um dos fatores que tornam a tarefa de compreender a sua leitura das tendências desagregadoras em uma tarefa mais complexa. No presente capítulo, a análise tentará dar conta de quatro temas que se sobressaem nas análises das tensões engendradas pela agricultura da cana-de-açúcar. Primeiramente, o paralelo entre os “*hacendados*” e “*vegueros*”, com a disputa por terras e suas relações com o estado. Em segundo lugar, tentaremos entender a família como

²² As defesas enfáticas sobre o uso ou não do termo “democracia racial” por parte de Gilberto Freyre adotou tons mais acinzentados a partir das análises de David Lehmann. Nela, o autor afirma que apesar de hesitante, o autor pernambucano utiliza o termo de modos variados e pouco precisos.

lócus de relações ambíguas no engenho brasileiro. Em terceiro, tentaremos compreender a influência estrangeira em Cuba por meio do açúcar. Por último, observaremos a potência do senhorio monocultor no território brasileiro. Para dar conta das possibilidades de síntese apontaremos as respostas que ambos autores dão às resoluções do tema das tendências desagregadoras em seus países.

A existência de uma organização agrária exclusivista no Brasil e compartilhada em Cuba acabou alinhando as discussões de cada um dos autores. Se Freyre se preocupou em penetrar cada vez mais na esfera familiar, no controle senhorial sobre as vidas dos moradores da grande propriedade rural e no câmbio cultural entre os grupos formadores da nacionalidade brasileira, Fernando Ortiz primou pela crítica ao estrangeirismo, assim como a uma contemplação da disputa entre o latifúndio e a pequena propriedade produtora de tabaco.

3.2 *Hacendados e Vegueros: DoñaAzúcare Don Tabaco*

Como abordado no primeiro capítulo, Fernando Ortiz aproximou os grupos presentes na formação de seu país. Seu conceito de transculturação, além de ser a principal chave de análise do processo histórico de transformações no universo compartilhado entre o Açúcar e o Tabaco, também concedeu a possibilidade de síntese entre agrupamentos opostos de acordo com paradigmas anteriores da antropologia física. Essa sucessão do encontro cultural acaba levando à constituição de uma ordem que emerge como uma nova realidade composta e complexa, extremamente genuína e fruto das influências mútuas trocadas ao longo dessa formulação das sociedades recentes (ORTIZ, 1978, p. 5).

Devido a essa resolução curiosa das questões envolvidas no intercâmbio cultural, primando pela delimitação do conceito, *Contrapunteo Cubano del Tabaco y elAzucar* partiu na direção da exploração da relação estabelecida entre os dois produtos básicos da economia cubana. Sendo assim, sua ideia de “paralelismo contrastante” auxilia na sua abordagem das trajetórias concomitantes do Tabaco e do Açúcar. Pois dessa relação nascem as prerrogativas da nacionalidade cubana. As derivações impostas pelos dois fenômenos que traduzem mais adequadamente a criação de uma tensão entre seus mundos é a liberdade típica das *vegas* e a escravidão do latifúndio monocultor açucareiro (ORTIZ, 1978, p. 12-14).

O Tabaco surge como fenômeno revolucionário inibidor da opressão e sinônimo de liberalização. Seu caráter tende à autonomização de seu cultivo assim como à emancipação de seus cultivadores. Tais características geraram respostas das mais diversas por parte da Coroa Espanhola e da Igreja. De fato, desde o início, sua produção e consumo foram combatidos e

perseguidos. O inverso do acontecido com o Açúcar, cujo negócio nunca fora sequer alvo de menção desonrosa ou alguma coibição de seu fabrico, apesar da aparente brutalidade da dinâmica econômica que engendrou (ORTIZ, 1978, p. 24).

Se somarmos as assertivas sobre as vantagens conferidas ao cultivo da cana-de-açúcar e a exaltação do paralelismo pacífico existente entre os produtos capitais da economia cubana, identificamos um paradoxo de extrema relevância na análise feita por Fernando Ortiz. De fato, sua narrativa tendeu à descrição de uma profunda cisão entre o senhor territorial e o produtor autônomo de tabaco. Disso segue que, o conflito existente em seu trabalho tem uma forte semelhança com o mesmo paradoxo apontado pela crítica de Ricardo Benzaquen de Araújo sobre algumas das imprecisões presentes em *Casa Grande & Senzala* (ARAÚJO, 1994). Esse fator nos leva à uma das perguntas mais importantes quanto à esse tópico. Se entre *DoñaAzucare Don Tabaco* nunca houve guerra²³, por que a disputa entre o território não pôde ser omitida? Talvez seja justamente a determinação feita por Fernando Ortiz dos ciclos econômicos cubanos, explorada no segundo capítulo, que não permite o apagamento da inexorável incompatibilidade entre o latifúndio açucareiro e a pequena propriedade rural.

Antes de entrarmos na discussão das disputas, cabe um retorno às definições dadas pelo autor à pequena propriedade rural em Cuba. Destinada à produção de tabaco, a *vega* constituiu-se como um núcleo agrário autônomo, em relação à produção de sua *commodity*. Todos os processos posteriores à saída do tabaco do domínio dessas unidades agrárias representavam uma desqualificação das características cultivadas pelo *vegueros*. A independência da produção da *vega*, ao contrário da autossuficiência latifundiária semi-feudal brasileira, tem relação com o fato de que o pequeno produtor não estava submetido à estrutura industrial ou ao comércio mercantil vindos na esteira do Açúcar. O sistema de produção dos *vegueros* se aplicava a uma lógica oposta à do mundo da cana-de-açúcar. Isso quer dizer que a estrutura aracnídea do engenho cubano dependia de uma centralidade industrial que era inexistente no contexto do *veguerio* (ORTIZ, 1978, p. 35-36).

Sobre o latifúndio monocultor cubano, Ortiz nos deixou a ideia de seu apetite pelo monopólio, elemento que se tornaria axiológico para existência da grande propriedade rural no país. Além da dependência do *hacendado* em relação ao processamento ou refinamento do açúcar o latifúndio dependia de extensas porções de terra para realizar suas atividades

²³ Argumento defendido por Fernando Ortiz nos finais da seção destinada exclusivamente ao ensaio. É curioso pensar que apesar do momento analítico terminar com a proposição dessa fórmula de conciliação, o trabalho do autor cubano tenha sido tão exaustivo no sentido de cobrir as disputas pelas terras em Cuba.

plenamente. É exatamente no momento em que a voracidade e expansionismo do cultivo açucareiro penetraram na sociedade, economia e política da ilha que a incompatibilidade entre os dois cultivos ganhou força. O latifúndio açucareiro era para Ortiz, um epíteto do maquinismo, industrialismo estrangeiro e invasão do capital internacional. Como trabalhado no capítulo anterior, pouca reflexão foi destinada para compreensão do mundo interno do engenho em seu *contrapunteo* (ORTIZ, 1978, p. 53). Desse modo, o latifúndio foi sempre pensado por Ortiz como antítese da *vega*. Sua determinação era dada por essa relação negativa com a unidade de produção *tabacalera* e o próprio mundo do Tabaco.

Poucos antecedentes da descrição ortiziana de conflito não tem sua causa na influência deletéria do latifúndio cubano. Em uma chave bem parecida com a crítica à nutrição do brasileiro, feita por Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala*, o autor de *Contrapunteo* menciona o caráter prejudicial do monopólio fundiário para produção de cultivos alimentícios, assim como o fato de diversas terras não aproveitadas pelos donos de engenho, acabarem abandonadas quando poderiam estar produzindo uma profusão de diferentes frutos, leguminosas ou cereais. Isso denuncia o forte controle dos senhores de engenho sobre a vida social na antiga colônia espanhola. A grande propriedade rural cubana sustentou uma classe que tendia à centralização imposta pelo *hacendado* ao mesmo tempo em que introduziu as maiores dificuldades para manutenção de um forte campesinato no país (ORTIZ, 1978, p. 54). Essa tendência construtiva do tabaco e destrutiva do Açúcar pode ser observada no seguinte trecho:

Dentro del sistema territorial del ingenio, la libertad económica experimenta graves restricciones. No hay fincas pequeñas, ni viviendas, que no pertenezcan al dueño del ingenio; ni arboleda de frutales, ni huertascaseras, ni tiendas, ni talleres, que no sean del señorío. El pequeño propietario cubano, independiente y próspero, constitutivo de una fuerte burguesía rural, va desapareciendo; el campesino se ha proletariado, es un obrero más, sin arraigo en el suelo y movido de una zona a otra. Toda la vida del latifundio está ya transida de esa objetividad y dependencia, que son las características de las sociedades coloniales con poblaciones desvinculadas. (ORTIZ, 1978, p. 54)

Essa asfixia do camponês por parte do engenho foi o gatilho inserido na disputa entre o *hacendado* e o *veguero*. Com isso, a distensão entre os interesses de um e do outro tornou-se mais profunda e irreversível na visão de Ortiz. A limitação territorial Cubana pode ser considerada como um dos elementos mais importantes no agravamento dessas disputas em torno da posse de terras. Se o confronto entre a iniciativa camponesa e o interesse do latifundiário de outrora gerou problemas, pode-se tentar imaginar a proporção do abafamento

gerado pela monocultura em uma nação de dimensões territoriais tão reduzidas em comparação às colônias da América do Sul e do Norte. Todavia, o autor insiste em concluir a etapa inicial de sua reflexão em *Contrapunteo Cubano del Tabaco y elAzucar* apontando para inexistência de guerra entre os dois cultivos capitais de Cuba.

Segundo o próprio autor, para o açúcar tudo foi favor e privilégio. A partir dessa mentalidade, o *hacendado* conquistou a posição privilegiada e prejudicial sobre a qual a crítica ao capitalismo estrangeiro é feita pelo autor cubano. Esses privilégios dos grandes produtores de Açúcar remetem ao ano de 1517, quando após cinco anos da conquista da ilha, os senhores obtiveram a primeira moratória de suas dívidas. Com isso, Fernando Ortiz quis demonstrar que mesmo havendo um forte conteúdo negativo para o povo cubano, a produção sacarífera recebeu privilégio e concessões frequentes por parte dos governos coloniais. Na mesma medida em que o Açúcar foi privilegiado, o Tabaco teve sua produção e consumo coibidos desde o início da história de Cuba (ORTIZ, 1978, p. 66).

O que torna essa preocupação de Ortiz mais relevante ainda é a importância colossal que essa monocultura tinha para a economia da nação centro-americana no período em que escrevia. Se o ciclo da cana encontrou seu declínio no Brasiljá no século XIX, em Cuba tal lavoura seria central na economia durante grande parte do século XX. Dessa forma, o açúcar representou um elemento nevrálgico na construção dos conflitos nacionais durante grande parte do histórico colonial e pseudo-independente do país. Tal fator se agravou na medida em que observa-se o caráter totalmente estrangeiro e desagregador do engenho cubano. Tal aspecto será trabalhado na seção sobre a crítica à crescente influência estrangeira.

O fato de que o açúcar parece gerar o conflito sem submeter os cultivos à uma luta aberta entre os *hacendados* e *vegueros* é justificado por Ortiz ao abordar as rugas internas de cada um dos integrantes do binômio nacional cubano, ou seja, seus fenômenos econômicos. Para o autor, o argumento da paz entre a produção de Açúcar e a de Tabaco é sustentada pelo relato das disputas que esses ciclos vivenciam entre os diferentes modos de elaboração. O tabaco, por exemplo, tem na disputa entre os *vegueros* e os *tabaqueros* um dos principais fatores de conflito. A luta entre os dois cultivos tem em seu centro o debate sobre a qualidade da produção. Cabe notar que enquanto o *veguerio* foi dominado pela mão-de-obra branca, a comunidade tabaqueira tendia a ser constituída por “gente de cor”. O autor se posiciona ao longo de todo texto em favor do trabalho típico da *vega* (ORTIZ, 1978, p. 78). Esse paradoxo entre sua exaltação da integração do negro e a desqualificação de suas habilidades continuou sendo marcante.

No que tange ao universo do Açúcar o principal embate foi o constituído pela disputa entre o refino a partir da cana-de-açúcar e a beterraba (ORTIZ, 1978, p. 88). Quanto a esse, a

guerra era bem mais relevante no âmbito externo do que dentro da sociedade cubana. No entanto, as rápidas tentativas de retirar o eixo da tensão entre os *hacendados* e *vegueros*, determinado pela voracidade do latifúndio açucareiro, tendeu a falhar, na medida em que trouxe ambiguidade à disputa e afastamento dos dois grupos. Em outras palavras, apesar de retirar o holofote do sufocamento da *vega*, Ortiz não consegue eliminar a ressonância da influência perversa do açúcar sobre a sociedade cubana, determinando as vicissitudes de seus confrontos.

3.3 A potência do Senhorio: os todo poderosos do Brasil colonial

A classe senhorial gozou de amplos privilégios ao longo do período colonial. Sua autonomia permanecia como o principal resquício de seu poder sobre as dinâmicas internas do latifúndio brasileiro. Além disso, a incapacidade e a indiferença apresentadas pela metrópole também representaram importantes elementos na equação que resultou no caudilhismo da estrutura de produção colonial²⁴. Às sombras das grandes plantações de cana-de-açúcar, o português expandiu-se patriarcal e aristocraticamente (FREYRE, 1987). Com isso, poucas foram as iniciativas de frenagem do crescente controle senhorial sobre a população do país. Sergio Buarque de Hollanda indica que apenas o descobrimento de metais e rochas valorizados em Minas Gerais atuou de modo a tirar a Coroa Portuguesa de seu perene desleixo em relação ao controle de seus domínios²⁵.

Um dos principais desafios na análise da obra de Gilberto Freyre é extrair elementos típicos da dimensão do conflito gerado pelo caráter desagregador da agricultura de açúcar. Para autores como Ricardo Benzaquen de Araújo, *Casa Grande & Senzala* apresenta uma estrutura que tende à certas conclusões duais. O universo descrito por esse trabalho tende a constituir-se simultaneamente como tártaro e elísios, sendo que a companhia mais frequente aos atributos cruéis tendeu a ser a suavidade e a integração, combinadas através de um cenário de franca comunicação sexual. Desse modo, além da bipolaridade intencional da narrativa, o estudo ganha uma forte indefinição (ARAÚJO, 1994, p. 38).

É nesse sentido de prevalectimento do caráter pacífico e brutal que a força do grande senhorio ganhou importância no relato sobre a vida social no mundo latifundiário. Esses senhores atuaram no sentido de inserção dos elementos mais deletérios e vulgares, ao mesmo tempo em que introduziam os componentes que trouxeram aspereza à docilidade do quadro

²⁴ Autores como Oliveira Viana e Martins de Almeida sinalizam esse tipo de sentido na formação do sistema agrário brasileiro

²⁵ Um dos principais argumentos presentes em *Raízes do Brasil* de 1936

idílico imputado à produção de Freyre. Sendo assim, tal qual na obra de Fernando Ortiz, o senhor de engenho brasileiro atuou como o principal exemplo do caráter desagregadora da produção de açúcar. Seu papel de chefe absoluto, subsidiado pela estrutura da monocultura açucareira foi uma das maiores ameaças à integração. Apesar do elogio ao contato sexual, Freyre demonstra o quanto certos hábitos correram no sentido de geração de determinadas opressões. No entanto, em seu trabalho, particularmente nos traços dessa concepção, o autor deu muito mais atenção aos comportamentos cotidianos dessa elite agrária do que ao *ethos* açucareiro colonial. Esse talvez seja um dos elementos mais distintivos na abordagem do senhorio monocultor no Brasil. Para Freyre, o problema parecia residir muito mais sobre a monocultura do que sobre o Açúcar em si (FREYRE, 1987).

O senhor de engenho no Brasil sempre foi visto como brasileiro por Freyre. Isso quer dizer que apesar do caráter prejudicial de sua atuação sobre a formação social, ele nunca representou uma manifestação da aversão à influência externa. Muito ao contrário, pode-se perceber que mesmo apresentando um grau elevado de nocividade à integração entre os grupos fundadores da nacionalidade brasileira, o senhor foi representante de algo que era fundamentalmente típico do país. Mesmo sua crueldade veio a ser componente genuíno do encontro que viria a formar seu padrão cultural.

No caso de *Casa Grande & Senzala*, o radical do senhorio é traçado diretamente com a sua herança lusitana. O que seria a “plasticidade” do português se não uma parte do plano de práticas tão perpetrado pelos senhores sob a quartela da casa grande? Essa plasticidade, somada ao total controle conferido pelo regime econômico do açúcar à sua figuraserviuiu como motor de seu comportamento tirânico em relação aos índios e negros. Na análise de Freyre, o vínculo do poder do senhorio esteve fortemente ligado com suas ideias sobre o desencadear de uma cultura moral²⁶. Além da capacidade de amálgama dada pela miscibilidade portuguesa, um segundo componente menos nobre acompanhou o contato amplo realizado pelos senhores. Esse foi a sua total disposição das vidas sob sua autoridade (FREYRE, 1987).

O uso do negro como catalisador da vulgaridade senhorial, a tirania imposta na dimensão familiar, a libertinagem escravocrata, a crueldade das senhoras contra as negras e a violência sexual marcaram a determinação das predisposições para “equilíbrio de antagonismos” freyreano (FREYRE, 1987). Desse modo, grande parte dos valores negativos envolvidos na equação integrativa tem relação com o senhorio e o poder que a produção

²⁶ Cultura e moral são inclusive termos usados de modo ambíguo na obra de Freyre. Em vários momentos, junto com a ideia de raça, tais concepções adquirem polissemias que levam a um grau de imprecisão ou mistura que geralmente culminam nos três se tornando sinônimos.

açucareira lhe conferiu. Os maus hábitos dessa camada da população colonial é que desencadearam os principais desafios para agregação na colônia portuguesa. Para resolver isso, Freyre precisou desenvolver sua categoria referente à harmonização e fazer jus aos objetivos de integração.

O Açúcar, além de repelir a policultura e exigir a escravidão, concedeu um poder ao senhorio que foi ao mesmo tempo um privilégio e uma maldição. A mesma doutrina cotidiana que lhe permitiu uma existência disposta à constante prostração e inércia, o tornou patologicamente dependente do apoio do negro. Sendo assim, toda sua energia era lançada aos abusos sexuais e físicos sobre os quais tinha prerrogativa. Esse costume da aristocracia rural era tão profundo que transformou os corpos dos senhores em formas resumidas à sua virilidade. Apenas o sexo se mantinha arrogante e viril enquanto seus hábitos se resumiam a uma “vida de rede” (FREYRE, 1987, p. 445-446). Sobre esses costumes temos a seguinte descrição:

Ociosa, mas alagada de preocupações sexuais, a vida do senhor de engenho tornou-se uma vida de rede. Rede parada, com o senhor descansando, dormindo, cochilando. Rede andando, com o senhor em viagem ou a passeio debaixo de tapetes ou cortinas. Rede rangendo, com o senhor copulando dentro dela. Da rede não precisava afastar-se o escravocrata para dar suas ordens aos negros; mandar escrever suas cartas pelo caixeiro ou pelo capelão; jogar gamão com algum parente ou compadre. De rede viajavam quase todos - sem ânimo para montar a cavalo: deixando-se tirar de dentro de casa como geléia por uma colher. Depois do almoço, ou do jantar, era na rede que eles faziam longamente o quilo – palitando os dentes, fumando charuto, cuspidos no chão, arrotando alto, peidando, deixando-se abanar, agradar e catar piolho pelas molequinhas, cocando os pés ou a genitália; uns coçando-se por vícios; outros por doença venérea ou da pele. Lindley diz que na Bahia viu pessoas de ambos os sexos deixando-se catar piolhos; e os homens coçando-se sempre de "sarnas sífilíticas". (FREYRE, 1987, p. 445-446)

Nesse sentido, podemos perceber uma maneira distinta de lidar com a desagregação do universo do Açúcar em *Casa Grande & Senzala*. No Brasil, por ser a totalidade do universo, o Açúcar abarcou tanto as qualidades positivas do Tabaco quanto as negativas do Açúcar Cubano. Enquanto Fernando Ortiz apresentou uma dimensão direcionada à crítica política da crescente intervenção, Gilberto Freyre atendeu mais prontamente aos grupos específicos, ou seja, teve uma crítica direcionada aos hábitos sociais e morais. A crítica ao poderio dos senhores se concentrou na esfera da moralidade assim como o encontro se focou nas dimensões mais grupais. Dessa maneira, a preocupação de Freyre atendeu às necessidades de uma leitura consonante com o uníssono açucareiro brasileiro.

3.4 A Família Brasileira: convívio, sexo e opressão no engenho

O que seria de *Casa Grande & Senzala* se não um tratado robusto e detalhado sobre a dinâmica de retroalimentação entre dois institutos “de fundo” (ALMEIDA, 1932) presentes no mundo da produção de cana-de-açúcar? A casa grande do engenho e a senzala foram protagonistas em um processo intenso de interpenetração, acomodação, aproximação, adaptação e assimilação. Tais processos culminaram na formação de uma dinâmica interna da família que não só suprimiu o Estado, como também a própria igreja e qualquer tipo de formalismo estranho ao domínio familiar e patriarcal. Esse universo domiciliar englobou as dimensões do conflito nacional ao permanecer no centro das análises feitas por Gilberto Freyre em relação às dinâmicas do latifúndio monocultor.

O vínculo entre a família brasileira e o processo de produção tornou-se um dos principais elementos formadores das atividades econômicas e das relações sociais dessa sociedade. O Brasil se viu submetido à influência preponderante desses pequenos cosmos constituídos pela colonização aristocrática realizada pelo português. Essa formação social tem relação com a vida sexual suas relações pautadas nas ligações pessoais em meio a um sistema de franca escravidão. Nesse sentido, a organização nacional tem a casa como um de seus principais pontos de apoio. Junto à importância preponderante do ambiente domiciliar, o latifúndio torna-se a verdadeira unidade social presente na sociedade brasileira²⁷.

O engenho, em sua junção sincronizada entre casa grande e senzala, é o provedor de um primeiro esboço de Brasil, um país mais autêntico e relacionado com as suas noções mais genuínas. Além disso, a hipertrofia da casa e da família atingiu uma dimensão tão extensa que influenciou o próprio perfil miscigenado da população do país. Sendo evidente que, todo intercuro sexual aconteceu sob a tutela das estruturas típicas do modo de produção açucareiro e, sob elas, suas vicissitudes foram construídas (FREYRE, 1987).

As dinâmicas inseridas no universo familiar se confundiam com as características típicas do regime hierárquico escravocrata. Como senhor, o pai estava no topo da pirâmide latifundiária. Sua autoridade era seguida pela de sua esposa e filhos, estes submetidos aos seus desmandos e vontades (FREYRE, 1987, p. 438). Aos escravos, Freyre conferiu um status analítico que os introduzia nesse convívio íntimo. De fato, a ética religiosa portuguesa retorceu-

²⁷ Ideia trabalhada anteriormente por autores preocupados com os rumos políticos do Brasil frente a um sistema latifundiário de organização, como Sergio Buarque de Hollanda, em *Raízes do Brasil*, e Martins de Almeida em *Brasil Errado*.

se de modo a dar cabo da realização da figura do escravo sob a alcunha de protegido ou infante ignaro e dependente. Essa relação ambígua constituída entre negros e brancos gerou comentários de mesma ordem, indo do choro do cativo em face da inexorável incerteza gerada pela morte dos senhores ou a crueldade das sinhás em relação às “pretas” que disputavam as graças do marido (FREYRE, 1987, p. 452-453).

Essa cumplicidade das sinhás, na dominação patriarcal, apesar de não aprofundada, demonstra o quanto a visão de Freyre abria espaço para existência de leniência em relação à tirania desencadeada pelo sistema senhorial masculino nos engenhos de cana-de-açúcar (ARAÚJO, 1994, p. 178-179). Enquanto isso, a constante exaltação da síntese demonstra a tendência à aproximação típica da cultura brasileira. Grupos opostos desenvolvem opções alternativas ao conflito e segregação por meio do contato sexual e íntimo, gerando uma realidade onde o amortecimento de choques possibilita a harmonia e mobilidade social peculiares ao Brasil (FREYRE, 1987, p. 89). O negro entra como elemento amortecedor dos choques impostos pelo sistema da agricultura açucareira colonial.

Nesse ponto de vista, o autor brasileiro demonstra seu anti-americanismo. Um sentimento muito mais voltado à crítica de um plano de relações raciais cuja matriz de diferenciação se baseia em critérios tão duros quanto os dos Estados Unidos. Foram inúmeros os relatos que deram conta da experiência de Gilberto Freyre no *Deep South* americano²⁸. Sem dúvidas, essa experiência trouxe ao autor uma perspectiva de constante comparação entre as duas realidades. Essas duas sociedades constituem um universo de semelhanças e distinções proporcionais e servem em vários momentos como o fio condutor da noção freyreana de “amortecimento de choques”.

O puritanismo protestante típico da colonização da América do Norte, o sistema escravocrata do Sul dos Estados Unidos, a inferioridade dos contingentes negros africanos trazidos à empresa monocultora local²⁹ e a incapacidade por parte do colonizador em confraternizar com os grupos dominados foram elementos que somados levaram as colônias inglesas a um propósito de insulamento e antipatia entre grupos muito diversos do exemplo brasileiro. A influência de técnicas de produção, como a monocultura açucareira, assim como a ética do trabalho, baseada na escravidão aproximavam ao mesmo tempo em que impunham

²⁸ Pallares-Burke é uma das autoras que descrevem o testemunho do assassinato de um negro em sua viagem pelo interior dos Estados Unidos

²⁹ Freyre se detém à exaltação dos contingentes africanos trazidos ao Brasil. Para ele, O Brasil contou com os indivíduos mais elevados de seu continente. Os Fula Fulos, grupo predominante no nordeste do país, são exemplo de estirpe elevada entre os diversos contingentes escravizados trazidos ao continente americano.

antagonismos. Algo tipicamente constituído no encontro brasileiro possibilitou uma desagregação bem menor em comparação com os de seus vizinhos ao norte (FREYRE, 1987).

Por outro lado, os excessos sexuais personificados na mentalidade predatória do senhor geraram um conflito que se deslocou em um contínuo processo de contato sexual, sobretudo do negro escravo e do branco colonizador. A predileção senhorial pela “preta” tornou-se o resultado final de um longo regime de condicionamento que buscava posicionar o negro, sobretudo a mulher, sob a sombra de uma existência de objetificação. Em *Casa Grande & Senzala*, esses contingentes acabam seguindo em um círculo vicioso de “libidinagem”, onde o escravo torna-se o catalisador da vulgaridade e dos impulsos do mestre. É com essa dinâmica truncada, confusa e, em certos momentos, paradoxal que desagregação e agregação se combinam na obra do pernambucano (FREYRE, 1987, p. 370).

O caráter recíproco da influência também foi uma das características mais marcantes no trabalho do autor brasileiro. De certo modo, os dois grupos estavam imbricados em uma performance dotada de diversos vetores de formação. Com isso, o escravo vulgarizado pela conduta opressora do senhorio do açúcar atuava sobre a formação dos meninos indiretamente transformando-os em figuras típicas do universo escravocrata e antiético. A violência sexual dirigida à negra era amaciada pelo contato íntimo (FREYRE, 1987, p. 443). A tentativa freyreana de dar conta dessas ambiguidades acabou gerando uma extrema sensação de imprecisão em sua análise (ARAÚJO, 1994, p. 38). De fato, sua busca pela essência de nossa formação o leva a retratar o mundo do açúcar como uma representação de características dúbias. Um universo que apresenta-se como paraíso e inferno simultaneamente, mas que tende como nenhum outro à uma conclusão harmônica e coadunada através da aproximação constante observada nas dinâmicas internas do latifúndio.

Quando falamos em miscigenação na obra de Freyre, acabamos por fazer referência, justamente, ao elemento corretor da distância social existente entre a casa grande e a senzala. A formação da população caminha com o processo de amaciamento das fronteiras “culturais” ou “raciais”. Tal amaciamento é engendrado através dessa vida sexual da família brasileira, vista como encontro harmônico entre partes que, mesmo compondo um sistema escravocrata, dão origem à um mestiço valorado positivamente (FREYRE, 1987).

Sendo assim, *Casa Grande & Senzala* apresenta o caráter plástico e pouco vinculado ao insulamento a partir de uma consciência de raça, típico da Europa além Pirineus. A volatilidade sexual, assim como, a condescendência cultural do colonizador português abriram as portas para algo que seria uma das principais condicionantes para criação das idiosincrasias da colonização aristocrática monocultora brasileira. A isso foram somadas as cargas e repertórios

culturais do índio e do negro, além da precaução moral jesuítica. Dessa forma, sociedade colonial brasileira foi formada.

Cabe ressaltar que, esse conceito de família carrega com ele prerrogativas que não tem, necessariamente, relação com os padrões conjugais e de núcleo de convivência baseado nos afetos. Entende-se família como um processo de relacionamentos envolvidos em uma lógica ou dinâmica aquartelada pela estrutura do engenho ou latifúndio e, de certo modo, parasitária desse modelo patriarcal de uso fruto das mulheres disponíveis.

Junto a essa relevância central do componente português com sua “plasticidade”, a influência da moral católica, já tornada menos dura e conflituosa pelo contato anterior com o árabe, traz um tipo de justificação religiosa que se opõe em muito ao puritanismo protestante de alguns dos povos europeus não-ibéricos. Para além disso, o padrão religioso, tornou-se, bem cedo, um instrumento auxiliar da estrutura de domínio da casa grande na história de formação da sociedade brasileira e, dessa forma, transformou a própria religião da família formada sob a lavoura de açúcar. Assim, esse núcleo gerado pelo latifúndio açucareiro submeteu o divino ao seu conjunto de influências. O celeste passou a ser parte do doméstico e afetivo no universo da monocultura de Açúcar.

Todos esses processos indicam a existência de uma realidade de rivalidades extremas e tensões irreconciliáveis, no entanto, todos esses conflitos acabam sendo acompanhados de antinomias sociais que culminam na formação de um equilíbrio tipicamente brasileiro chancelado pelo contado sexual. Nos engenhos contrapõe-se ao domínio do homem português, a penetração da cultura africana e indígena. Às brutalidades da escravidão monocultora, se confronta a amabilidade dos afetos familiares e a proximidade no convívio. À evidente separação entre casa grande e senzala, contrapõe-se um mundo borrado de relações, fenótipos e hierarquias. O Brasil constitui-se como um domínio de “equilíbrio de antagonismos”, tendo na relação entre senhor e escravo o seu tipo mais profundo de apaziguamento.

Para além desse equilíbrio, quando se refere tanto à influência do negro, quanto à do índio, Gilberto Freyre acaba classificando hierarquicamente esses dois grupos. Essa classificação acontece em relação à sua influência e ao seu potencial construtivo dentro do ambiente familiar. Desse modo, o índio está sempre conectado à absorção de medidas de higiene mais regulares, conhecimento profundo sobre as características tropicais, domesticação sofisticada de animais companheiros, toda mítica e magia plantada mais subjetivamente na imaginação das crianças, dentre outros tantos elementos (FREYRE, 1933).

Fica evidente na obra que os três grupos atuam na formação do Brasil açucareiro. No entanto, a hierarquia, no que tange à ascendência da família, acaba impondo-se à essa

triangulação mais grossa. Isso se deve à centralidade do português, que age como a espinha dorsal desse processo (FREYRE, 1987). Quando falávamos que as influências de negros e índios são adjacentes, mas não apresentam posições semelhantes na hierarquia das contribuições. O Açúcar matou o índio e incentivou o tráfico mantenedor da escravocracia brasileira. Desse modo, o negro adentra na estrutura, mentalidade e costumes do povo brasileiro de um modo muito mais intenso e generalizado do que os povos autóctones.

3.5 O Estrangeirismo: o flagelo do açúcar cubano

O ponto central da predileção pelo Tabaco, expresso claramente nas páginas do livro de Fernando Ortiz, tem relação com a forte conexão que o produto mantém com uma ideia de autonomia cubana. Toda narrativa foi estruturada de modo a dar visibilidade ao potencial emancipatório do cultivo dessa planta gramínea. No entanto, esse enfoque positivo sobre o negócio tabaqueiro tem uma sólida firmação na dimensão concreta da indústria local. Isso acabou se devendo ao domínio total de Cuba sobre a produção dessa mercadoria específica. Sendo assim, houve uma exclusividade evidente que foi desde o cultivo até a finalização de cigarros e charutos. Por outro lado, o Açúcar não tinha nem sequer seu refino feito em solo nacional em muitas das vezes. Tal fato apresentou-se como uma denúncia evidente do vínculo forasteiro de seu negócio (ORTIZ, 1978, p. 32).

A especificidade da produção de tabaco requer atenção redobrada durante todo o processo, pois sua qualidade tem relação estreita com o tipo de cuidado e a intensidade do zelo conferido à sua execução. Essa característica foi alcançada única e exclusivamente pelo *veguero* do país, que passou a produzir os melhores charutos do Mundo. A partir de então, a nacionalidade dessa mercadoria passou a ser sinônimo de excelência e apuração. Ao redor do globo, o *habano* original tornou-se símbolo de qualidade, vinculando-se também ao prestígio de seu consumo. As dificuldades para chegar ao resultado desejado foram fruto da relação de constante alerta. Este transformou o cultivo do tabaco cubano em um dos mais complexos de todos.

Com o tabaco, o país caribenho deixa de ser apenas o cultivador e acaba se tornando a unidade capitânia de um ramo industrial inteiro. O solo cubano também deixa de ser o recurso central e dá lugar à grandeza e habilidade de seu povo, assim como a excepcionalidade de seu gênio produtivo. Assim, como símbolo da autonomia de um povo, o tabaco representa a resistência cubana ao investimento intervencionista tanto dos colonizadores espanhóis quanto do imperialismo moderno dos Estados Unidos. De qualquer dos elementos econômicos

envolvidos na independência do país em relação ao domínio externo, o tabaco, devido ao seu grau de capilaridade no território, foi a maior esperança no enfrentamento do poderio estrangeiro na nação caribenha (ORTIZ, 1978).

No entanto, uma resistência poderosa acaba se formando contra a influência benéfica desse produto para afirmação nacional. Fernando Ortiz manifestou o mesmo sentimento anti-capitalista que vinha sendo comum em meio ao pensamento da geração do final do século XIX, insatisfeita com os rumos republicanos e a dependência em relação aos Estados Unidos. De certo modo, todo arranjo da produção cubana, a partir da concentração de terras e de mão-de-obra, foi fruto da concentração capitalista e interesse econômico voraz do interesse açucareiro. Sua crítica ao estrangeirismo se coadunou, desse modo, com a condenação da crescente influência do capital internacional no país (ORTIZ, 1978, p. 54).

O embate gerado por esse constante incentivo à concentração, monopolização e privilégio criou uma das mais profundas cisões no meio social cubano, como tratado anteriormente na querela entre *hacendados* e *vegueros*. Sendo assim, seu estrangeirismo atuou de modo a construir um cenário de favorecimento do latifúndio monocultor em detrimento da pequena propriedade familiar, típica do negócio tabaqueiro. A máxima de que “o açúcar foi a escravidão, o tabaco a liberdade” adquire contornos extremamente amplos se pensarmos nos vínculos traçados a partir da fobia externa desenvolvida no pensamento cubano da primeira parte do século XX. Na medida em que o Açúcar representa filosoficamente uma noção de escravidão, introduzindo uma subserviência ao julgo externo, o Tabaco caracteriza um arauto de liberação muito vinculado à reafirmação da independência nacional (ORTIZ, 1978, p. 60). O componente desagregador do Açúcar adota contornos políticos relevantes no que tange à influência exterior de seu capital.

Segundo a análise de Ortiz, o Tabaco sempre foi mais cubano que o Açúcar. O tabaco surge como fruto legítimo do Novo Mundo enquanto o refino do açúcar é trazido do Velho Mundo. Sendo assim, o primeiro é mais cubano por nascimento, espírito e economia. Desprivilegiado pelo interesse capitalista unicamente por ser um ramo de atividade que não apresenta um potencial de enriquecimento semelhante ao da cana-de-açúcar (ORTIZ, 1978, p. 60). A questão que agravou ainda mais a tensão existente entre o latifúndio e a pequena propriedade é justamente esse vínculo do avanço da concentração de terra e o capital internacional.

O Açúcar representou a inserção de Cuba em uma rede de dependência com o centro no exterior. Isso quer dizer que mais do que um produto exógeno, o cultivo monocultor açucareiro significou a desnacionalização das próprias oligarquias cubanas, cujo processo de

descaracterização do engenho gerou consequências sociais e econômicas. Nesse sentido, há a emergência de uma plutocracia estrangeira que acaba governando a vida econômica da ilha. Esse estrangeirismo da indústria açucareira atinge os níveis mais altos na medida em que a influência dos Estados Unidos cresce sobre a Cuba Republicana. Essa transformação da economia do país pareceu tão intensa aos olhos de Fernando Ortiz que ele não pôde deixar de chamar atenção ao fato de que mesmo Porto Rico, território submetido formalmente ao controle americano, não superava o estrangeirismo da indústria açucareira de seu país (ORTIZ, 1978, p. 61).

Um dos fatores que podem ter atuado de modo preponderante para a inexistência de um modelo de convívio social agrário como o brasileiro, pode ter sido a relação de crescente desaparecimento do senhorio do meio rural. De fato, antes mesmo da internacionalização da propriedade do engenho, o desaparecimento do *hacendado* havia deixado o meio rural aos cuidados de terceiros. Previamente ao domínio estrangeiro, fora constatada a presença de uma elite agrária cubana que há muito não se encontrava habitando os latifúndios. O *ethos* típico dos senhores territoriais cubanos vinculava-se à um forte deslocamento em relação aos seus domínios. Esses grandes proprietários foram os primeiros forasteiros a controlar a produção de açúcar (ORTIZ, 1978, p. 62).

Eseextranjerismo se agrava por el absentismo. Yahubohacendados ausentes haceun siglo, loscualesvivíanlabuena vida en La Habana, dejandolos cachimbos a sus administradores. Pero desde 1882, cuandounnorteamericano, Atkins, compróel ingenio “Soledad” y fueel primer hacendadoyanqui de Cuba, el absentismo fue más extenso, más permanente, más lejano, más extranjero y, por tanto, de más nociva trascendencia social para el país. (ORTIZ, 1978, p. 62).

Sendo assim, temos uma reordenação no que compete à transmissão de riquezas no país caribenho. Ortiz demonstrou essa fuga através do fim da devolução dos excedentes gerados pela produção do açúcar. Isso quis dizer que a oligarquia agrária ausente, passou de um desaparecimento progressivo para um em que tais indivíduos já nascem estrangeiros e distanciados. Essa ausência dos indivíduos que detinham o controle da produção da cana-de-açúcar tornou-se cada vez maior ao longo do tempo. Seus traços ficaram mais permanentes, assim como sua administração se tornou mais distante e estrangeira. Disso, resultou um dos efeitos mais nocivos na superação das tensões desagregadoras no país. Seu vínculo fixo com os interesses de forças exteriores (ORTIZ, 1978, p. 63).

Cabe ressaltar que o deslocamento da aristocracia rural do território agrário para a cidade, foi tratado anteriormente por alguns estudos brasileiros. Na primeira edição de *Raízes do Brasil*, a análise de Sérgio Buarque de Holanda contempla a crescente saída do senhorio das

casas grandes para a vida urbana (HOLANDA, 1936). Parte dessa lógica também esteve inserida em *Sobrados e Mucambos*, onde a nação do senhorio passa às mãos dos bacharéis (FREYRE, 1936). Podemos notar o curioso fato de que ambos escritos são datados do mesmo ano. No entanto, no Brasil, essa tendência ao deslocamento da elite agrária nunca foi convertida em estrangeirização e essa mesma elite não dependia, à época de sua transição, tão somente do Açúcar.

O retrato da desagregação acabou sendo ditado através da aversão sistêmica em relação ao intervencionismo externo, demonstrada em *Contrapunteo Cubano del Tabaco y elAzúcar*. Esses elementos vinham sendo maturados no seio da sociedade cubana em grande medida devido à exploração estranguladora do país por parte das nações que exerceram controle sobre a ilha. O patriotismo cubano de Fernando Ortiz veio na forma de denúncia do caráter sugador estrangeiro e, dessa forma, culminou na crítica aberta à voracidade capitalista moderna. Sua influência prejudicial sobre a independência nacional tornou-se o fio condutor de sua reflexão, trazendo o tom político do “paralelismo contrastante” do Tabaco liberador e o do Açúcar escravizador.

Desse modo, a cana-de-açúcar foi responsável pela vassalagem a qual Cuba foi acorrentada. Sua produção seguiu sempre o sentido externo, sendo, eminentemente, feita para o estrangeiro (ORTIZ, 1978, p. 77). Enquanto isso, o cultivo do tabaco desenvolveu-se no sentido de enaltecimento da capacidade nacional. A produção açucareira representou a satisfação do apetite desse mercado internacional por mãos e terras cubanas. Tal relação acabou por refletir a visão de contraste marcante na sociedade cubana e assim as delimitações de uma tensão mais sutil que a rusga entre os *hacendados* e *vegueros*.

No entanto, é importante que compreendamos que nessa esfera tratada na presente seção, a ausência de um confronto direto é um outro elemento determinante. Como em *Casa Grande e Senzala*, a obra de Ortiz tenta identificar sutilezas típicas da tensão. Tal preocupação se deve às suas preocupações com os conteúdos desagregadores de certos hábitos ou fenômenos, que no caso de nosso estudo, são materializados pela monocultura do açúcar. A presença de todos os contrastes entre os produtos capitais da economia cubana não foi traduzida em desagregação por via da agricultura açucareira. Mesmo a crítica ao estrangeirismo torna-se secundária frente à tendência à conciliação fruto dessa distinção. Sendo assim, o contraponto entre o Açúcar e o Tabaco, que nunca fora transformado em luta, tende a gerar um casamento. Dessas bodas o fruto seria o álcool, filho do espírito satânico da planta gramínea e da doçura açucareira. Assim, se formaria a trindade cubana e o fim desse *contrapunteo*.

3.6 Sínteses conflitantes: as proposições de Freyre e Ortiz para uma solução harmonizante

Fernando Ortiz e Gilberto Freyre apresentaram preocupações bastante acentuadas com as influências do cultivo de cana-de-açúcar em seus países. Guardando as devidas proporções, suas reflexões parecem dar conta da natureza predominantemente monocultora, latifundiária e escravocrata dessa lavoura. Nesse momento, tentaremos demonstrar como esse quadro desenhado pela agricultura açucareira foi sanado através de suas soluções acerca da harmonia. Tais soluções tem uma forte relação com as possibilidades que esse tipo de produção agrária conferiu ao *Contrapunteo Cubano del Tabaco y elAzucar* e ao *Casa Grande & Senzala*. No primeiro, a segunda agricultura representada pelo Tabaco, permitiu que o cubano discorre-se amplamente sobre as implicações nocivas de sua realização.

Em Freyre, essa crítica está menos clara. O autor brasileiro não poderia abrir uma ampla frente de condenação às tendências nocivas das dinâmicas introduzidas pelo engenho. Tal crítica ao Açúcar teria sido fatal para o modelo de exaltação que propôs em relação à colonização portuguesa do Brasil. Se executasse o mesmo caminho crítico de Fernando Ortiz, o pernambucano teria de criticar o próprio sistema que agiu como base da gênese nacional. Dessa crítica resultaria uma impossibilidade de valoração positiva do encontro cultural e sua nação perderia a condição de modelo de conquista bem sucedido. Seu texto acaba sinalizando os problemas envolvidos no cultivo do Açúcar através de seus elementos auxiliares. Então, não é essa agricultura que influencia os conteúdos desagregadores engendrados na formação nacional. A culpa passa a ser do latifúndio, da lavoura única, da escravidão do negro, da brutalidade do senhor, mas nunca do Açúcar. (FREYRE, 1987)

Isso não quer dizer que não houvesse crítica. Mostramos ao longo desses capítulos como a determinação do foco freyreano sobre o unísono açucareiro pôde refletir as injustiças e distensões inseridas pela realização desse cultivo. Na verdade, precisamos entender como a sua abordagem das tendências desagregadoras do Açúcar não poderia apresentar as mesmas propriedades da de Fernando Ortiz com seu aberto discurso pró-tabaco. Na ausência de um cultivo tão extenso em paralelo, *Casa Grande & Senzala* acaba colocando as culpas pelas tendências desagregadoras nos elementos que cercam o Açúcar. A Monocultura se tornou seu maior espantalho.

Partindo para proposição de Gilberto Freyre sobre a síntese, sua solução foi a dada por via do amortecimento causado pelo sexo nas distâncias entre o negro e o branco. O “equilíbrio de antagonismos” é a principal categoria auxiliar de uma ideia de interpenetração na obra de Freyre. Para ele, esse equilíbrio seria uma das realidades mais tradicionais e profundas da cultura brasileira. Seus encaixes são tão precisos que minam as potencialidades conflituosas de

uma sociedade tão dividida pela escravidão. Logo, o “sadismo” combina-se ao “masoquismo”, o senhorio ao escravo e os “doutores” aos “analfabetos”. Isto culminou na junção entre manifestações de cultura eminentemente europeias e matrizes africanas e ameríndias. Dessa forma, a fusão harmoniosa e a intercomunicação testemunhadas pelo Brasil não encontram nenhum paralelo, e, por isso, essa formação não se processa no sentido de uma pura reprodução do caráter europeu (FREYRE, 1987, p. 87).

Apesar de submetida ao intuito de europeização e cristianização, o processo colonial desenvolvido permitiu que tanto a influência “animística” e “fetichista” africana, quanto a dos mitos e espiritualidade ameríndia fossem absorvidos na nova realidade que se principiava. Além disso, esse movimento de retroalimentação ou mútua influência cultural conta com a presença do negro como fator de aproximação entre o “avanço” europeu e o nomadismo neolítico do índio (FREYRE, 1987, p. 88-89). O africano aparou a distância colossal entre esses dois desenvolvimentos, pois transformou essas tendências antagônicas em possibilidades reais de conciliação através de seu convívio sexual com a família brasileira. Com isso, o papel mediador do negro, assim como a “plasticidade”, foram condições essenciais dentro do processo de harmonização. Essas condições de confraternização e mobilidade social no Brasil amortecem os choques testemunhados em outras nações onde não houve uma confluência considerada pacífica nos termos freyreanos.

Outra relação argumentativa foi montada em relação à solução dada por Fernando Ortiz aos problemas relacionados à desagregação típica da influência do açúcar. Como sua obra buscou entender a relação entre o a lavoura sacarífera e o cultivo especializado das folhas de tabaco, sua solução também deveria se dar por via dessa relação. Só que em seu caso, a construção de um horizonte de síntese não passa pela mesma preparação observada no trabalho de Gilberto Freyre. Como referido em algumas páginas anteriores, o contraponto entre Tabaco e Açúcar parece indicar uma resolução através de sua concatenação nas propriedades do álcool. No entanto, essa sua resolução parece partir de uma prioridade muito mais poética do que propriamente substantiva como podemos observar no seguinte trecho:

No hay, pues, para losversadores de Cuba, como habría querido aquelarcipresteapicarado, una Pelea de Don Tabaco y DoñaAzúcar, sino un mero discreteo que debiera acabar, como loscuentos de hadas, encasorio y felicidad. Enla boda del tabaco conelazúcar. Y enelnacimientoodelalcohol, concebido por obra y graciadelespíritusatánico, que es elmismo padre del tabaco, enladulceentraña de laimpurísimaazúcar. Trinidad cubana: tabaco, azúcar y alcohol. Acaso cantenundialos vates delpueblo de Cuba cómoelalcoholheredódelazúcarlas virtudes y del tabaco las malicias; cómodelazúcar, que es masa, tienelasenergías y del tabaco, que es selecto, lainspiración; cómoelalcohol, hijo de tales padres, es fuego, fuerza, espíritu,

embriaguez, pensamiento y acción. Y conelalcoholenlas mentes terminará elcontrapunteo. (ORTIZ, 1978, p. 88)

Dessa forma, o autor insere de modo abrupto a solução para as tensões e desagregações geradas pela agricultura açucareira na sociedade cubana. Essa resolução dos encontros pareceu se colocar mais como uma medida emergencial do que como uma preocupação sistemática em construir as condições possíveis para uma leitura integradora de sociedade. Não há especialidade na sociedade cubana que indique uma maior harmonia, como no exemplo brasileiro em *Casa Grande & Senzala*. Na verdade, o autor pode ter considerado que o desenho de sua “transculturação” já garantisse os precedentes básicos para sua harmonização, deixando a tarefa de fechar o ciclo mais para uma perspectiva de forma do que de conteúdo.

As resoluções de cada autor deram-se do mesmo modo que a maneira com a qual lidaram com as tendências para dissociação presentes no motor monocultor do cultivo de cana-de-açúcar. De certo modo, as sínteses de Gilberto Freyre e Fernando Ortiz acabam lidando com mesmas formas que circundavam seus objetos. O unísono do açúcar brasileiro e a constante presença salutar do tabaco cubano criaram as determinações de sínteses que mais que meramente discursivas, tiveram relação com a criação de novas chaves de valorização de antigas colônias latino-americanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: AÇÚCAR PARA QUÊ E PARA QUEM?

Frente às suas reflexões, tentamos esclarecer através da análise de suas obras como tais agendas de pesquisa foram colocadas em prática por autores cujo cânone sobre sua interface se dedicou mais à comparação entre as trajetórias institucionais e as filiações gerais de seu trabalho. Nesse sentido, nossa análise tentou dar um próximo passo em direção à melhor compreensão das obras que expressam o ápice do movimento de integração descrito e proposto pelos dois autores. Buscamos enriquecer o debate através da exploração das diferentes abordagens feitas sobre as tendências desagregadoras do Açúcar em cada um dos textos.

Ao longo dos capítulos, marcamos a maneira como Fernando Ortiz e Gilberto Freyre lidam com as tendências negativas da monocultura açucareira em seus países. Em um primeiro momento tentamos dar conta dos antecedentes históricos e conceituais para observar os elementos construtores da colonialidade em cada um, assim como das tradições e instrumentos utilizados para entender as dinâmicas que se formavam em Cuba e no Brasil. Entender como a herança espanhola e portuguesa compõe um elemento diferencial dentro de uma noção de Iberismo nos ajuda a entender o histórico do qual a produção de açúcar partiu. No caso Espanhol, seu crescente interesse econômico pelo Tabaco e o Açúcar podem ser úteis para compreender a criação do dueto produtivo cubano. No caso do Português, o reino absoluto da cana-de-açúcar fora o grande responsável pela estabilidade de uma colonização realizada por uma metrópole carente e plástica.

Logo adentramos em uma descrição sobre o trabalho de Emerson Divino Ribeiro de Oliveira. Nele, o autor opta pela descrição da plasticidade e da transculturação como elementos cruciais para as possibilidades de agregação. Longe de negar tal natureza, tentamos explorar o tema da agricultura açucareira através de categorias mais controláveis, como a interpenetração e a transculturação. No entanto, tentamos demonstrar como as opções de agregação de cada um dos autores tiveram relação com as particularidades de seus colonizadores. A análise de Oliveira representou o marco para nossa preocupação com os componentes textuais. Sua reflexão competente dos atributos de cada autor gozou mais de um impulso historicamente pensado. Dessa forma, a relação entre o *Contrapunteo Cubano del Tabaco y elAzucar* e *Casa Grande & Senzala* permaneceu obscura até então. Os elementos teóricos presentes em sua pesquisa, como o debate sobre a centralidade dos conceitos de Transculturação, para Cuba, e Plasticidade para o Brasil, são abordados em nosso primeiro capítulo. O argumento foi o de que ambos correspondem às soluções particulares para suas colonizações. Demonstrando assim como os dois conceitos apresentam a mesma posição dentro do “campo semântico”³⁰ estabelecido pelos

³⁰ Ideia trabalhada por Michael Freedon em seu *Ideologies anda PoliticalTheory: A conceptual approach*. Nele, o autor lida com a ideia de variação do grau de importância de cada conceito em determinada obra. Dessa

trabalhos. Mesmo sendo os grandes impulsionadores, tais conceitos correspondem a estruturas diferenciadas.

Tentamos partir para relação entre os conceitos que mais versam sobre as trocas. A “transculturização” e a “interpenetração” nos deram a possibilidade de equiparar a maneira ortiziana e a freyreana de lidar com os contextos da lavoura de cana de açúcar em seus respectivos países. Logo, pudemos entender as maneiras com as quais seus pontos parelhos de integração lidam com a produção do Açúcar. Isso deveu-se ao fato de que a ideia de “interpenetração” foi justamente a que se coadunou com a concepção de culturas que se entrelaçam em um longo processo elaborado. É com essa concepção em mente que o autor de *Casa Grande & Senzala* promove a sua gênese do brasileiro e é com ele que nosso padrão de integração emerge equilibrado. Adotamos esse pareamento devido ao mínimo de multiplicidade comum que os dois fornecem para avaliar essa diferença de abordagem da agricultura açucareira.

Tentar refazer o mesmo caminho do açúcar a partir da procura de uma analogia entre a plasticidade e alguma categoria do pensamento de Fernando Ortiz teria sido impossível, pois, não há qualquer indício de uma permeabilidade espanhola no texto de *Contrapunteo Cubano del Tabaco y elAzucar*. Na verdade, o colonizador é retratado nesse trabalho como figura de paralisante rigidez e compulsão pelo controle. A Coroa Espanhola atuou no sentido de inserir constantemente os elementos que mais causaram nocividade ao desenvolvimento salutar da sociedade de Cuba. Ao percorrer esse caminho, percebemos como ambos autores acabaram se deparando com as imposições interpretativas geradas pelas diferentes constituições da agricultura do açúcar nas duas antigas colônias Ibéricas e como esses monocultivos acabaram influenciando a mobilização de seus principais conceitos de aporte.

O fator que talvez tenha tornado mais problemática a tarefa de integrar a analogia proposta pelo presente trabalho seja a aplicação feita pelos próprios autores das ideias de interpenetração e transculturização. Enquanto em *Casa Grande & Senzala*, a ideia de interpenetração é usada extensamente para subsidiar os encontros vistos do prisma dos grupos envolvidos no latifúndio de cana-de-açúcar, na obra referente a Cuba, o intuito é de levar a cabo uma longa e exaustiva descrição sobre as transformações causadas pelas mudanças no consumo de tabaco.

A partir disso, pudemos entender como Fernando Ortiz e Gilberto Freyre tentaram construir suas análises primeiramente a partir de um paradigma conceitual único e inovador,

forma, existem possibilidades para um conceito que variam desde sua centralidade até sua posição marginal, ou mesmo periférica, dentro da reflexão de uma obra específica.

cujos contornos possibilitariam um debate positivo sobre os rumos da constituição do povo de seus países. É nesse sentido que avançamos na compreensão de um momento crucial no desenvolvimento de suas visões. Instante em que justamente elaboraram os elementos conceituais basilares para seus entendimentos de integração nacional. Apenas entendendo essa base poderíamos avançar no sentido de um exame detalhado das maneiras de estruturar sua abordagem do cultivo de cana-de-açúcar.

No segundo capítulo, o objetivo central foi compreender como os autores articulam a discussão dos temas em seus trabalhos. Além disso, buscamos entender as interligações entre os princípios lógicos de cada um dos termos binomiais. Para o autor cubano, a chave para desenvolver o raciocínio sobre seu país foi a dupla formada entre o Tabaco e o Açúcar. Para Gilberto Freyre, as construções dos latifúndios açucareiros foram os arquétipos da dualidade nacional brasileira presente entre os grupos formadores de sua população. Dessa forma, entendemos como houve uma distinção na abordagem de seus eleitos binômios nacionais em relação com a posição que o Açúcar ocupou nas duas nações.

Para compreender como tais autores desenvolveram esses elementos alegóricos em suas reflexões, necessitamos encarar a questão a partir dessa construção binomial. Foi através desse entendimento que pudemos entender como os dois textos construíram suas análises focadas em representações dualísticas da realidade nacional. O grau de coincidência entre a pretensão binomial dos dois trabalhos foi tão acentuado que tais divisões apresentaram-se inclusive na organização dos seus títulos. Mais do que meros recursos narrativos, os binômios de cada autor representaram justamente os aspectos cristalizados de suas preocupações específicas, e tais inquietudes foram responsáveis por seus diferentes deslocamentos. A busca freyreana por uma compreensão das trocas cotidianas no engenho de açúcar e a determinação de Fernando Ortiz em perceber a natureza das distinções geradas pelos fenômenos econômicos do açúcar e do tabaco manifestaram-se através de suas construções argumentativas únicas.

Depois de compreender tais relações em cada autor, partimos para tentativa de descortinar as relações entre uma e outra estrutura. O binômio de Gilberto Freyre acabou sendo formado pelas duas edificações típicas do engenho de cana de açúcar. Por sua vez, o Tabaco e o Açúcar representaram, os ciclos econômicos e representaram a preocupação de Ortiz com a influência estrangeira nos rumos de sua pátria. Nesse momento há um deslocamento do papel do açúcar que já podia ser observado em nosso primeiro capítulo. O Açúcar de *Casa Grande e Senzala* foi o pano de fundo de todo cenário colonial. Dessa forma, agiu tanto como desagregador, com seu cultivo monocultor, escravocrata e senhorial, quanto como agregador, fornecendo as mesmas possibilidades de convívio típicas da lavoura escravocrata. Em

Contrapunteo Cubano del Tabaco y elAzucar, Cuba teve no açúcar o seu principal mecanismo de crítica política e econômica. Lá, o Tabaco possibilitou uma ofensiva mais evidente em relação ao conteúdo desagregador do açúcar.

De certo modo, o terceiro capítulo correspondeu às restrições posicionadas a partir da construção desses binômios nacionais. As estruturas utilizadas para compreender seus universos agiram como canais condutores de suas reflexões acerca dos conflitos inerentes em suas sociedades. Desse modo, a obra do brasileiro e o trabalho do cubano viram nesse capítulo os posicionamentos diversos com os quais lidaram em suas análises específicas sobre a natureza da desagregação conflituosa em seus países.

O terceiro capítulo é aquele no qual as maneiras de lidar com a questão da lavoura de açúcar manifestaram-se de modo mais evidente. As sutilezas conceituais entre seus pressupostos chegaram a essa etapa como questões de cunho fortemente diverso. Isso talvez tenha se devido aos papéis que o Açúcar constituiu em suas análises das dualidades nacionais. Enquanto Freyre aborda as constituições internas de desagregação no engenho de açúcar, Ortiz explora de modo mais contundente sua crítica aos atributos negativos da produção sacarífera. No caso de *Casa Grande & Senzala*, a preocupação com os contatos entre os grupos presentes no latifúndio foi traduzida em uma exploração do senhorio e do mundo sexual familiar. Em *Contrapunteo Cubano del Tabaco y elAzucar*, a crítica à economia da cana-de-açúcar acabou representando sérias implicações para os rumos das influências deletérias desse cultivo na sociedade cubana.

O unísono do açúcar como principal produto de cultivo no Brasil transformou a natureza de seus encontros culturais. Como no cenário de *Guerra e Paz*, o paraíso e o inferno se encontraram sob a égide das plantações de cana-de-açúcar (ARAÚJO, 1994). O que parece ter acontecido é que, na reflexão do autor pernambucano, o Açúcar reúne tanto as qualidades de promotor dos encontros, quanto as de mitigador da harmonia. Ao mesmo tempo em que o Açúcar posicionou o negro africano e o colonizador europeu no mesmo contexto do engenho, ele introduziu os hábitos que agem no sentido de desagregação dessa mesma estrutura. Foi sua casa grande e senzala em conexão que geraram o encontro, mas foi seu caráter monocultor, escravocrata e latifundiário que minou muitas das possibilidades. Tal influência gerou uma série de deformações tanto na população quanto nos hábitos vigentes dentro do engenho de cana-de-açúcar. Apesar de apontar para um cenário de integração (FREYRE, 1987).

Desse modo, tentamos entender o avassalador poder conferido ao senhorio através de sua posse das terras. A agricultura açucareira deu aos seus senhores territoriais direitos de despojo sobre a maior parte da população brasileira rural. Seu controle sobre as vidas no

latifúndio foi tão exacerbado que culminou com a própria desfiguração de seu caráter. De elemento essencial para o esforço de colonização, o senhor de engenho passou a tirano, criatura preguiçosa e abusador sexual. Através desse momento, pudemos abordar a dimensão paradoxal do sexo no universo familiar através das relações engendradas pelos hábitos libidinosos que a escravidão do açúcar criou. Ao mesmo tempo em que o sexo aproximou os negros da senzala e os brancos da casa grande, ele foi a representação da transformação do escravo em objeto de desejos e impulsos, que em muitas passagens alcançaram o patamar de crueldade. O poderio deletério do senhor acaba sendo corrigido através desse contato sexual. Apesar de hierarquicamente injusto, tal organização deslocou o Brasil em direção a um sentido de síntese (FREYRE, 1987).

Gilberto Freyre resolveu essa questão introduzindo a ideia de “equilíbrio de antagonismos” e “amortecimento de choques”. Através de sua visão intrincada desses processos, ele acaba atribuindo qualidades integrativas aos elementos constitutivos do encontro cultural brasileiro. Desse modo, existiria solução para o cenário de antagonismos do mundo do açúcar, mesmo que esse tenha gerado antagonismos tão profundos quanto os existentes entre senhores e escravos. Através de características como a miscigenação, dispersão da herança, cristianismo lírico do português, tolerância moral, entre outras, o Brasil teria a habilidade de converter os malefícios do cultivo sufocante de cana-de-açúcar (FREYRE, 1987, p. 89). Como na maioria das reflexões embutidas em seu trabalho, o autor pernambucano, acaba gerando um cenário ambíguo e impreciso (ARAÚJO, 1994), mas esperamos que os posicionamentos acerca do lugar ocupado pelo açúcar na vida colonial tenham dado conta de marcar a reflexão sobre esse monocultivo nas folhas de *Casa Grande e Senzala*.

Em *Contrapunteo Cubano del Tabaco y elAzucara* tarefa, como em todo o decorrer dessa dissertação, encontrou caminhos muito mais claros e explícitos quanto às derivações do açúcar. No seu caso, o deslocamento do açúcar para uma esfera de crítica política demonstra claramente o quanto esse cultivo não só inseriu elementos de desagregação em Cuba, como chegou a ameaçar sua viabilidade como sociedade colonial e estado nacional independente (ORTIZ, 1978). Para abordar essa temática no trabalho do cubano. Agimos por via das disputas entre *hacendas* e *vegas*, assim como o caráter estrangeiro da classe senhorial açucareira e seus malefícios para sociedade cubana.

No caso das rugas entre as duas manifestações fundiárias cubanas, tivemos o incentivo constante aos *hacendados* e o sufocamento dos *vegueros*. Essa disputa nada mais foi do que a representação objetiva em Cuba do quanto o Açúcar disputou com o Tabaco por privilégios, territórios, atenção e controle. O grande senhorio açucareiro asfixiou durante toda história da

ilha tais possibilidades. O que mais agravou tal disputa teria sido a natureza extremamente exterior de seu capital. Em um primeiro momento, no qual o senhorio passou para cidade, o foco saiu do engenho. Mas o problema veio a se agravar mais ainda no momento em que a detenção dessas terras passou a um senhorio que nem sequer cubano foi.

O casamento com o tabaco, imposto ao açúcar cubano, e a solteirice da cana-de-açúcar no Brasil estão no centro da questão sobre como os autores abordaram as tendências desagregadoras dessa agricultura. Fernando Ortiz teve um produto que mimetizou as qualidades salutaras de uma economia voltada para a consolidação de Cuba e sua sociedade. Gilberto Freyre descreveu o reino da monocultura de Açúcar, onde suas soluções para integração deveriam estar contidas nessa produção. Recorrer a outro cultivo nunca fora uma opção, pois até o tabaco foi monocultor na colônia portuguesa. Ambos atenderam às necessidades de uma descrição sobre problemática da produção açucareira em seus países e ambos foram representantes do que de mais típico houve nessa lavoura para cada uma de suas realidades.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Martins de. **Brasil Errado: Ensaio político sobre os erros do Brasil como país**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira Editora, 1932.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. **Guerra e Paz: Casa Grande e Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30**. Rio de Janeiro: 34 Editora, 1994.
- BASTIDE, Roger; FERNANDES, Floresta. **Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo**. UNESCO, 1955.
- BASTOS, Elide Rugai. **Gilberto Freyre e o Pensamento Hispânico**. Bauru: EDUSC, 2003.
- BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2005
- BOMFIM, Manoel. **O Brasil na América**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.
- COSTA PINTO, Luiz Aguiar. **O negro no Rio de Janeiro**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1953.
- FELDMANN, Luiz. **Clássico por amadurecimento: Estudos sobre Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro. Ed Topbooks, 2016
- FERNANDES, Florestan. **O Negro no Mundo dos Brancos**. São Paulo: Global, 2007.
- FREEDEN, Michael. **Ideologies and Political Theory: A Conceptual Approach**. New York. Oxford University Press, 2006
- FREYRE, Gilberto. **Americanidade e Latinidade da América Latina e outros escritos**. Brasília: UnB, 2003.
- _____. **Casa grande & senzala**. Círculo do Livro. São Paulo, 1987
- _____. **Nordeste**. José Olympio. Rio de Janeiro, 1961.
- _____. **Sobrados e Mucambos**. José Olympio. Rio de Janeiro, 1936.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HELG, A. *Os afro-cubanos: protagonistas silenciados da história cubana*. **Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v.8, n.1, pp. 29-25, 2014.
- HELG, Aline. "Race in Argentina and Cuba, 1880-1930: Theory, Policies, and Popular reaction". In: GRAHAN, Richard (Org). **The Idea of Race in Latin America, 1870-1940**. Austin: University of Texas Press, 1990.
- HOLLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936
- IANNI, Octavio. **A questão nacional na América Latina**. São Paulo: Estudos Avançados, 1987.
- LEHMANN, David. **Gilberto Freyre: A reavaliação prossegue**. Porto Alegre. Horizontes Antropológicos, 2008
- MARX, A.W. **Making Race and Nation: A comparison of South Africa, the United States and Brazil**. Cambridge studies in comparative politics, 1998.
- MORALES Y MORALES, Vidal. **Iniciadores y primeros mártires de la revolución cubana**. Havana: Editorial Nacional de Cuba, 1963.
- NABUCO, Joaquim. **O Abolicionismo**. Brasília: Edições do Senado Federal. 2003.

- NINA-RODRIGUES, Raimundo, **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil**. 3ª edição. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1938.
- NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil**. São Paulo. Tempo Social, 2007.
- PIERSON, Donald. **Branços e pretos na Bahia**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1945.
- RAMOS, Arthur. **O negro brasileiro**. Rio de Janeiro: Graphia, 2001.
- OLIVEIRA, Emerson Ribeiro Divino. **Gilberto Freyre e Fernando Ortiz: Cultura, Identidade Nacional e História (1906-1948)**. Banco de dados de tese – UFG, 2012 .
- OLIVEIRA, Emerson Ribeiro Divino. **Transculturação: Fernando Ortiz, o negro e a identidade nacional cubana 1906-1940**. Banco de dados de dissertação – UFG, 2003.
- OLIVEIRA, Emerson Ribeiro Divino. **Gilberto Freyre e Fernando Ortiz: Um estudo comparativo**. Disponível em https://pos.historia.ufg.br/up/o/20_emersonoliveira_fernandoortizgilbertofreyre.pdf
- ORTIZ, Fernando. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**. Havana: ed. Ciências Sociales, 1978.
- _____ **Catauro de Afronegrismos**. Havana: fundación Fernando Ortiz, 1986.
- _____ **Entrecubanos: Ensayos de psicología tropical**. Havana: Ciencias Sociales, 1913.
- _____ **Los negros brujos**. Havana: ed. Ciências Sociales, 1906.
- _____ **Los negros esclavos**. Madrid: libreria Fernando Fé, 1916.
- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **Gilberto Freyre e a Inglaterra: Uma história de amor**. São Paulo. Tempo Social, 1997.
- RAMOS, Alberto Guerreiro. **Introdução Crítica à Sociologia Brasileira**. Rio de Janeiro. Editora da UFRJ, 1995.
- ROBAINA, T.F. **A luta contra a discriminação racial em Cuba e as ações afirmativas: convite à reflexão e ao debate**. Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas. Brasília, 2007.
- SANSONE, L. **Negritude sem etnicidade**. Rio de Janeiro. Ed Pallas, 2004.
- SCHUCMAN, L. A. *Racismo e Antirracismo: a categoria raça em questão*. **Psicologia Política**, pp. 41-55, 2010.
- SCHWARCZ, L. M. **O Espetáculo das Raças**. São Paulo. Ed. Companhia das Letras, 2015.
- SPENGLER, Oswald. **The Decline of the West**. New York. Ed. Alfred A. Knopf, 1983.
- TELLES, Edward. **Racismo à Brasileira: uma nova perspectiva sociológica**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003
- TORRES, Alberto. **O Problema Nacional Brasileiro: Introdução a um programa de organização nacional**. Rio de Janeiro: Cia. Ed. Nacional, 2002.
- VIANNA, Oliveira. **Raça e Assimilação**. Rio de Janeiro: Cia. Ed. Nacional, 1938.

WAGLEY, Charles. **Race and class in rural Brazil**. Paris: UNESCO, 1951.